

Padre

Joaquim José da

Rocha Espanca

M
E
M
Ó
R
I
A
S
D
E

V
I
L
A
V
I
Ç
O
S
A



Cadernos Culturais
da
Câmara Municipal
de
VILA VIÇOSA

Procurando recuperar aspectos da cultura tradicional alentejana e promovendo obras actuais, os cadernos culturais fornecerão aos leitores em geral e aos Calipolenses em particular um melhor conhecimento do contexto histórico e social da actual geração.

NA CAPA:

Porta principal do Castelo de Vila Viçosa e ponte levadiça

NA CONTRACAPA:

Largo D. João IV

MEMÓRIAS DE VILA VIÇOSA

NOTA IMPORTANTE

A presente publicação é cópia in
tegral do texto do manuscrito de
AS MEMÓRIAS DE VILA VIÇOSA, ten-
do-se unicamente procedido às ac
tualizações ortográficas que as
circunstâncias justificavam.

MEMÓRIAS
DE
VILA VIÇOSA

INES DA ASSUNÇÃO

Era natural de Évora e veio dali por fundadora do Convento da Santa Cruz, com a nossa patricia Madre Margarida em 1527 ou antes. Nunca passou de freira de véu branco, isto é, de leiga, por querer conservar-se numa posição humilde.

Encontra-se o seu elogio de pessoa virtuosa no Jardim de Portugal, por Fr. Luís dos Anjos sob o nº. 121.

D. INES DA COSTA BATISTA

Filha de Francisco Alves da Costa e neta de Batista da Costa.

Casou com o juiz de Fôra Dr. Gaspar Correia Tavares, de quem teve a Simão Correia Barreto e que acabou em Beja, sendo Corregedor.

Mas falecendo as duas tias que instituíram a Capela do Rosário de S. Paulo com missa quotidiana, confirmou ela em 1683 as doações feitas á dita capela, por lhe haverem doado os bens para dote de seu casamento.

Em 1683 fez escritura em 18 de Fevereiro instituiu uma capela em Beja para ser administrada pela Confraria de S. Sezinando, com missa quotidiana pelas almas do marido e filho Simão Correia Barreto, dotada com 29:400 réis em fôros.

Vivia em 1695.

INES FERREIRA

O seu testamento escrito por Fr. António Godinho da Silveira, Beneficiado de São Bartolomeu, está registado no tomo 32. da Misericórdia.

Faleceu a 10 de Outubro de 1671 e foi sepultada na Igreja da Piedade na cova de seu marido ou na de sua tia Maria Dias (veja-se), acompanhada por 24 pobres com tochas, recebendo cada um 40 réis de esmola.

Confirmou á Misericórdia a administração da capela instituída por sua tia Maria Dias e que devia aquela por sua morte.

Deixou um filho menor chamado João de Torres, o qual depois casou e acabou sacerdote. Dele vem os Torres, cujo último representante varão reconhecido foi José Maria Torres (veja-se).

Possuía uma capela instituída por Henrique de Sousa.

P^a. INOCÊNCIO DE SOUSA MIOLHA

Capelão e mestre da capela da Misericórdia em 1747 e do Colégio dos Reis, ministro da ordem 3^a em 1751.

ISABEL DE ANDRADE

Testou esta mulher em 26 de Janeiro de 1579 e por ser a Misericórdia interessada no seu testamento, encontra-se este registado no tombo 1^o da Santa Casa. Era então dona viúva, moradora na Rua da Capela, que depois se chamou dos Caldeireiros. Instituiu uma capela de missa quotidiana em Santa Maria do Castelo, sendo seu sobrinho Damião de Pazes o administrador dessa capela e na falta dele e de seus descendentes determinou que passasse a capela à Santa Casa como assim a sucedeu. Mas a missa do dia 15 de Agosto havia de ser cantada e ofertada com 12 pães e uma canada de vinho. Deixou a Branca Rodrigues um manto de sarja de sete covados e meio, para ela ir ver a Deus: frase ainda hoje empregada para designar o melhor fato de um indivíduo.

Era irmã de Gaspar Neto e nada mais consta do seu testamento. Faleceu a 29 de Setembro de 1580, ano de grande peste.

Nesta capela entrava a Horta no caminho de Borba que se chamava de Gaspar Neto e o Chão da Sânde, hoje com seu monte, quase ao Porto de Elvas e vertentes, para o Ribeiro do Paraíso, razão porque eu suponho existir já então a Ermida deste nome, pois não creio que o sítio desse o título á senhora, mas sim a senhora ao sítio.

E entestava também o dito Chão com olival que fôra de Diogo Fernandes, Solteirão de alcunha; donde veio á horta vizinha, a que pertencia o dito olival o nome de Horta dos Solteirões; a qual veio depois a pertencer á Capela de N. Senhora da Conceição do Colégio com outros bens. Também era desta capela uma herdade em Fatalão ao pé da Brázia, que era do Duque.

Esta veio parar em 1596 ás mãos do P^a. Fr. Manuel Soeiro (veja-se), por testamento de Cecília Caldeira, neta de Damião de Pazes; como a clérigo, vir tuoso, segundo as indicações da instituidora, mas ele renunciou-a em proveito da Misericórdia, á qual devia ir ter na falta de transmissão testamentária.

Para exemplo de quanto foi errado o proceder das mesas da Santa Casa, que aforavam terras a dinheiro, veja-se que o dito Chão da Sânde, foi logo aforado a Manuel Passanha e sua mulher pela quantia de 1:500 réis. Mas eu sou do

parecer de que as terras deviam ser conservadas e arrendadas em proveito da casa e nunca alienadas ou aforadas.

D. ISABEL DE BRAGANÇA 1ª

Filha do Duque D. Jaime e de sua primeira mulher D. Leonor de Gusmão. Casou com o Infante D. Duarte, filho de El-Rei D. Manuel em 1537, celebrando-se as bodas em Vila Viçosa com magníficas festas populares como se disse na biografia de seu irmão o Duque D. Teodósio II. Depois de viúva, como sua filha D. Catarina casasse com seu sobrinho o Duque D. João I, tornou para a sua pátria e cá morreu em companhia da dita filha em 1576.

Jaz no côro de baixo das Chagas. Era dela o Sagrado Espinho, que se venera neste convento (veja-se o cap. 43 do Tomo II).

D. ISABEL DE BRAGANÇA 2ª

Esta era sobrinha da antecedente, como filha de seu irmão o Duque D. Teodósio I e de sua segunda mulher D. Beatriz de Lencastre. Casou na Matriz do Alandroal em 1604 com D. Miguel Luis de Menezes, 6ª Marquês de Vila Real, 5º Conde de Alcoutim, Capitão General proprietário da praça de Ceuta em África e senhor de muitas vilas o qual depois foi elevado a 1º Duque de Caminha.

D. Isabel era já muito madura, quando celebrou este casamento e talvez por isso, não deixou descendência.

Faleceu em Leiria a 21 de Maio de 1626 e jaz no côro de baixo do Mosteiro de Santa Ana da mesma cidade (Hist. Geneal., Tom. 6, pág. 111).

Parece que não se dava bem com sua cunhada a Duquesa D. Catarina e por este motivo foi estabelecer-se com casa no Alandroal até que mudou de estado.

ISABEL FILIPA

Acha-se no tombo 1º da Misericórdia o seu testamento feito em 1527, donde consta ser ela viúva de Jorge Fernandes.

Mandou sepultar-se no Mosteiro de Santa Maria da Graça (de Santo Agostinho) ao pé do altar do Senhor Jesus, que já tinha sua confraria e deve ser a mesma que hoje se chama dos Passos.

Menciono a sua herdade ao pé do mures onde chamam a Faia, que lhe dera

sua senhora D. Joana, pondo-lhe o encargo anual de uma missa requiem ofertada com meio alqueire de farinha em bolos, uma canada de vinho e candeias (velas) segundo o costume.

D. ISABEL DA GAMA COGOMINHA

Filha de João da Gama de Moraes e de D. Guiomar de Mesquita, era senhora do morgado dos Moraes do Alandroal e vivia cá em 1679, sendo solteira.

Não casou, acabando nela a linha recta dos Moraes, passou o seu morgado aos Sousas da Rua de Santa Luzia.

Em 1710 fez doação dos seus bens ao Marquês de Nisa; mas isto segundo parece não teve efeitos, pelo menos quanto ao morgado dos Moraes. Em 1712 fez um aforamento na sua herdade da Casa Branca a Santo António da Terrugem e que já não era a 1ª. Talvez dela tivesse princípio a aldeia da Terrugem.

Em 1716 fez outro. Era falecida em 1721.

ISABEL MARTINS ou FÓZ FUSEIRA

Filha de João Fuseiro, contador do Duque D. Jaime.

Esta casou com Filipe Jorge, mas enviuvou dele contando apenas trinta annos. Era rica.

Não querendo passar a segundas núpcias, mas sim consagrar-se ao serviço do senhor, empregou as suas rendas na fundação de um convento com o título da Imaculada Conceição para freiras de Santa Clara. Comprou para esse fim por mil cruzados os paços de Gonçalo Vaz Pinto 2º e neles deu princípio ao dito convento em 1550; mas depois de dois annos de trabalhos finou-se a fundadora, ficando portanto a obra interrompida.

Então a Duquesa D. Isabel de Lencastre, 1ª mulher do Duque D. Teodósio I adquiriu a posse deste mosteiro em miniatura e completou-o, fazendo ali instalar devidamente em 1553 o Convento de Nossa Senhora da Esperança (Chron. Seraph., Tom.4).

O seu testamento está registado no tomo 1º da Misericórdia, dele consta que fazia vida devota usando hábito e morando nos Paços dos Pintos (Esperança), onde fundou a Ermida de Nossa Senhora de Jesus.

Mandou sepultar-se na cova de seu pai João Fuseiro, contador do Duque D. Jaime e que lhe fizessem campa com as armas dos Fuseiros.

Deixou á Misericórdia 3 moios de trigo na Herdade de Aires, termo de El-

vas, por lhe administrarem os provedores uma capela de missa quotidiana que instituiu em Santo Agostinho. Deixou ás Misericórdias de Évora e Elvas mais bens que tinha em seus termos, etc.

Foi escrito o seu testamento em 30 de Agosto de 1553.

ISABEL DE OLIVA

Deixou bens á Confraria do Rosário do Espírito Santo com encargo de 33 missas.

Era filha de Teodósio Leitão, casou na Matriz em 1606 com Jerónimo de Melo do Alandroal, filho do Dr. António de Melo e foi dotada por seu pai viúvo com uns quinhões na Herdade da Quebrada, termo do Redondo (Notas).

Vivia em 1638 e 1643 sendo viúva.

Em 1648 estava cega ou quase e tinha já feito doação dos seus bens a Maria Leitão Freire sua sobrinha segundo creio casada com António Correia.

ISABEL RODRIGUES

Viúva de Rui Dias Baia, testou em 19 de Agosto de 1615 (Tombo 3º da Misericórdia). Instituiu uma capela de 25 missas.

Mandou sepultar-se na Igreja de Santo António.

ISABEL DE SANTO ANDRÉ

Foi relegiosa professa no Convento da Santa Cruz da sua pátria, onde brilhou em acções de virtude extremada, por isso o autor do Jardim de Portugal escolheu-a como flor capaz de figurar nele e torná-lo bastante formoso.

Ali se encontra o seu elogio sob o nº. 148. Professou em 1549 no Domingo da Trindade.

Era filha de Diogo Figueirõa, homem principal da cidade de Braga e secretário do Duque D. Teodósio I e de sua mulher Isabel Castanha, nossa patriícia.

Faleceu em 5 de Novembro de 1604 com 69 anos feitos de idade, tendo entrado para o convento aos 16.



JACOME RODRIGUES

Faleceu no hospital a 25 de Outubro de 1640 com testamento em que deixava a sua tença à Misericórdia com o encargo de 4 missas no altar das almas e no caso de ter falecido seu pai Pero Roiz, deixa-lhe todos os seus bens com o encargo de 12 missas. Era natural da Vila de Monção e criado das freiras de Santa Cruz. Os seus bens eram um prédio de casas na Rua de Évora com um lagar de uvas (Tombo 2º da Misericórdia).

D. JAIME DE BRAGANÇA 1º

Quarto Duque de Bragança. Ficou já escrita a sua biografia nos capítulos 35, 36, e 37 da primeira parte.

D. JAIME DE BRAGANÇA 2º

Era neto do antecedente e filho do segundo matrimónio do Duque D. Teodósio I com D. Beatriz de Lencastre. Acompanhou a El-Rei D. Sebastião na infeliz expedição de África, para ser durante ela o mentor de seu sobrinho o jovem Duque de Barcelos D. Teodósio II; mas lá ficou morto nos campos de Alcácer-Quibir em 4 de Agosto de 1578 junto do Rei que segundo a melhor opinião ali acabou também a vida.

Foi Comendador de San' Martinho de Moreira na Ordem de Cristo: comenda que era da apresentação da Casa de Bragança (Hist.Geneal.,Tomo 6, pág.108).

Morreu solteiro e contando não mais de 18 anos.

DR. JAIME DE MORAIS

Estudou jurisprudência canónica nas Universidades de Salamanca e Coimbra onde regeu diversas cadeiras desde o ano de 1553.

Em 1577 foi nomeado cônego da Sé de Coimbra e para sustentar o direito, que por morte do Cardeal-Rei tinha á coroa de Portugal a Duquesa D. Catarina, publicou a seguinte obra: Alegação de direito pela senhora D.Catarina.

Esta notícia é da Biblioteca Lusitana.

Foi á expedição de África em 1578 e lá ficou prisioneiro com o Duque D.

Teodósio II a quem acompanhava como fidalgo da Casa de Bragança (Parnaso de Vila Viçosa, L.2, cap.33 e Hist. Geneal., Tom.6, pág.309).

Era irmão de Francisco de Moraes Sardinha.

JERONIMA SERROA

Filha de Diogo Serrão, organista de D. Teodósio II. Professou no Convento das Chagas em 1509, com o dote da sua prenda que era ser *"mui dextra em música e muito grande tangedora"*, razão porque a comunidade a pedira ao pai *"para bem e ornato do convento por suas habilidades, grande destreza e saber"*.

Tornou na profissão com o nome de Jerónima de Jesus. Tudo isto consta de uma escrita de admissão na comunidade, lavrada em 8 de Janeiro do sobredito ano.

JERONIMO CAVADO FREIRE

Tabelião de notas e escrivão das sisas em Montemor-o-Velho em 1628.

Era sobrinho paterno de Fr. Manuel Calado.

JERONIMO DO CARVALHAL

Filho de Bráz Gonçalves e de Margarida Bispa.

Sobrinho de João Nunes do Carvalho e 1º. administrador do morgado instituído pelo dito João Nunes.

Era cavaleiro fidalgo do Duque D. Teodósio II e licenciado, irmão de Francisco do Carvalho.

Era casado com Margarida Freire em 1603. (Notas)

Por escritura de 21 de Julho de 1606 confirmou a anexação da sua legítima paterna ao morgado instituído pelo tio sobredito.

Teve estes filhos - João Nunes do Carvalho e Antónia Loba, que viviam em 1624; mas aquele faleceu em vida do pai e foi D^a. Antónia quem sucedeu ao morgado.

Era já falecido em 1629.

JERONIMO DE CASTRO

Este calipolense era 2º filho de Pedro de Castro 1º e de sua primeira mulher D. Maria da Maia e irmão de Fernão de Castro 2º.

Passando a servir na Índia em tempo do Rei Filipe II, foi morto pelos mouros em Malaca.

Tinha casado com D. Maria da Silva, de quem teve a Pedro de Castro 2º (veja-se). (Hist. Geneal., Tom.11, pág.663).

Fr. JERONIMO DE CASTRO

Veja-se Publia Hortensia.

JERONIMO CORREIA DE BAHVEM

Era da nobilíssima família dos Bahavéns ou Bavéns apelido lhes ficou de António Correia que obrou na Índia muitas façanhas ilustres e entre elas realizou em 1521 a conquista da ilha de Bahavém, no Golfo Pérsico, para El-Rei de Ormuz a quem ele serviu, feudatário da mesma ilha, recusa-se a pagar aos pares.

Este António Correia era irmão de um Alves Correia que também militava na Índia, assim como sobrinho do Governador Diogo Lopes de Sequeira, e alenteja no segundo parece.

Teve um filho chamado Jerónimo Correia de Bahavem, que em 1560 o servia também na Índia e foi de Ormuz à expedição de Baçora com Sebastião de Sá.

Foi fidalgo da Casa de Bragança e era Capitão-mor das Ordenanças desta Vila em 1640; mas no ano seguinte pediu a exoneração deste posto; por El-Rei D. João IV o chamar para o seu serviço na Corte de Lisboa. Assim consta das vereações do mesmo ano. Creio que Luís Francisco Correia Bahavém, ferido na batalha das Linhas de Elvas, sendo mestre de campo, era seu parente chegado.

JERONIMO CORREIA DO CAMPO

Serviu na mesa da Misericórdia em 1570-71.

Assistiu á Batalha de Alcácer-Quibir em 1578. Era nascido nesta vila e de le fala o Parnaso de Vila Viçosa no L. 2, cap.33.

Casou com D. Maria Guevara de Gusmão, (veja-se) que faleceu em 1631, sen-

do já viúva.

Jazem ambos na Igreja das Chagas. No testamento de D. Maria consta que existia militando na Índia um filho chamado Manuel Correia de Brito.

JERONIMO DA COSTA DE CARVALHO

Filho de Inácio da Costa de Carvalho 1º (veja-se), baptisado na paróquia de São Bartolomeu a 10 de Outubro de 1753.

Foi vereador em 1782, 1786, 1790, 1795, 1800, 1804 e 1806.

Em 1808 foi Notável da Rua de António Homem (onde morava então nas casas, que por sua morte pertenceram a seu neto Inácio da Silveira Menezes) e lugares adjacentes para manter a paz no povo, afim de se não insurreccionar contra os franceses.

Em 1800 era já capitão de ordenanças e continuou a sê-lo durante a Guerra Peninsular.

Tornou a exercer o cargo de vereador em 1810, 1813, 1816 e 1829.

Casou duas vezes, mas só teve descendência sobreviviva de sua segunda mulher D. Maria Umbelina Centena da Fonseca, filha de João Centeno Carrasco Mexia de Campo Maior, Tenente de Granadeiros e de sua mulher D. Mariana Rosa Umbelina de Couto.

Houve dela a José Maria da Costa Fonseca Mexia, Inácio da Costa de Carvalho (os quais ambos têm lugar distinto neste livro) e D. Maria do Carmo que casou com Luís Mendes da Fonseca Mexia, seu primo, morgado de Campo Maior, não deixou sucessão e D. Mariana do Carmo da Costa Fonseca Mexia, que casou com Manuel Diogo da Silveira Menezes 2º.

Ficando viúvo segunda vez em 1801 não tornou a casar.

Faleceu a 6 de Setembro de 1834, sendo já morador na Rua do Cambaia nas casas que depois pertenceram a seu filho Inácio da Costa.

Era abastado proprietário e lavrador e temente a Deus. Ouvi aos seus contemporâneos que todos os dias se encaminhava á Igreja Matriz para fazer oração a Nossa Senhora e depois dirigia-se ao carneiro, que hoje fica dentro do cemitério para rezar pelas almas de suas mulheres e parentes.

JERONIMO DIAS

Escrivão do judicial em 1646.

Casado com Maria de Nogueira e pai do Dr. André de Aguiar(?).

Casou em 1652. Tabelaio em 1664 e 65.

JERONIMO DIAS DE ARAUJO

Filho de Manuel de Araújo, porteiro mais moderno do Duque e de sua mulher Maria Rodrigues. Prior da Madalena de Lisboa para onde acompanhou a Costa em 1642 e 1654.

Já licenciado em 1623, sacerdote e capelão do Duque D. Teodósio II. Tinha também o officio de seu esmolér, segundo Fr. Manuel Calado, que lhe chama varão de grande virtude, e era ele quem mostrava ao povo em Quinta-Feira de En-doenças á tardinha o Santo Sudário, de uma janela do lado da ilha (Valeroso Lucideno).

Baptizou em 1621 a Cristóvão de Brito Pereira 3º, o defensor do nosso castelo em 1665.

Serviu em 1635, 1638 e 1639 a Misericórdia como escrivão da mesa.

JERONIMO DIAS GALEGO

Era filho de Diogo Lopes, albardeiro e de Catarina Alvares.

(Cart. da Miser., Livro de 1611)

Licenciado e esmolér do Duque em 1618. (Notas)

JERONIMO FAVEIRO

Tabelaio em 1619.

JERONIMO FRANCO

Era nascido nesta vila, por cuja razão o traz Moraes Sardinha no . Parnaso de Vila Viçosa, L.2, cap.35.

Assistiu á batalha do Lepanto em 7 de Outubro de 1571 e serviu muitos anos em Flandres ás ordens do Duque de Alva.

Tomando também parte na expedição de Africa de 1578, foi passado por uma bala no peito, da qual escapou com vida e bem assim ficou salvo de duas lança das que lhe deram os mouros.

Se porém não perdeu a vida, perdeu a liberdade, ficando prisioneiro do Rei de Marrocos. Estas noticias são do citado Parnaso.

Depois de resgatado voltou á sua pátria e foi aqui procurador do concelho em 1601 (L.1 dos Reg. da Cam., fl. 76). Era então escudeiro da Casa do Duque e em 1606 era seu almoxarife (Notas).

Faleceu na Matriz em 6 de Setembro de 1615, sendo casado com Mónica de Benavente. Tiveram a António Franco, escrevente e solicitador forense.

JERÓNIMO FRANCO DE MATOS

Licenciado. Vivia em 1615 sendo capelão na Igreja das Chagas (Notas).

JERÓNIMO DE GOUVEIA

Filho (?) do licenciado António de Gouveia. Era cónego de Évora em 1625; e fez dote com bens de raiz a sua sobrinha Cecília Foreira, filha do Comendador João Vasques Ribeiro e de sua mulher Maria de Castro, para servir freira nas Chagas (Notas).

JERÓNIMO GARCIA DE CASTRO

O Colação diz Cadornega, mencionando-o na comitiva das bôdas do Duque D. João II em 1633, como um de seus moços do guarda-roupa.

Casou em 1629 com D. Estação do Rego, filha de Inácio do Rego, dotada pela mãe e irmão Belchior em 1:466\$ réis, em que entravam as casas á esquina de baixo da Rua de António Homem da parte da praça.

Um rapaz, criado ou pagem seu, foi o cabeça de motim no ano de 1638 contra o Real d' Água segundo o mesmo Cadornega.

Era dos Caldeiras da nossa terra e casado com D. Leonor de Castro. Senhor da metade da Herdade dos Marmeleiros em Fatalão.

JERÓNIMO INFANTE DE ACHA

Natural de Alcácer e filho de João Infante e de Isabel Fernandes.

Assentando praça no exército regular em 1662, teve pouco depois o posto de alferes de cavalaria, com o qual assistiu á campanha de Juromenha, socorro de Évora, Batalha do Ameixial, expugnação de Valença de Alcântara, Batalha de Montes Claros, etc..

Como a Cavalaria estacionava ordinariamente em Vila Viçosa, casou aqui com

Leonor Pazes de Chaves, de quem teve a Jerónimo Infante de Assa 2º e ao Padre Manuel Infante de Assa, capelão e mestre de cerimónias da Capela Real, que nasceu em 1668 na Matriz e faleceu em 1744 na freguesia de São Bartolomeu.

Leonor Pazes era filha de Pêro Fernandes e Maria Pazes.

Seguindo postos (creio que até mestre de campo), chegou a ser Governador da nossa praça de armas, da qual tomou posse em 3 de Maio de 1704; porém no ano seguinte pediu exoneração deste governo.

Vindo pautado vereador para 1709, não serviu cargo por ter já falecido em 15 de Maio do ano precedente.

Não sabia escrever, por fim tinha um carimbo e era com isto que assinava.

Este Jerónimo foi o tronco dos Infantes, fidalgos da casa de sua magestade que possuíram até nossos dias a Quinta de Pardais, que se chama Quinta dos Infantes e tem por cima do pórtico o seu brasão de armas em mármore branco.

JERÓNIMO INFANTE DE ACHA CASTELO BRANCO 2º

Era filho do precedente e natural da nossa vila, em cuja Matriz foi baptizado em 1672. Em 1702 tinha já o posto de ajudante de cavalaria e casou nesse mesmo ano com D. Isabel Lobo Pinheiro, nossa patricia também, filha de Francisco Lobo Pinheiro e de D. Maria Borralha de Reboredo, recebendo-se na Matriz.

Era tenente-coronel no ano de 1716.

Vivia na quinta de Pardais que era de seu irmão Pº. Manuel Infante em 1718 e no ano seguinte foi Governador Interino da nossa praça e neste cargo faleceu em 1720 a 23 de Abril, tendo o posto de tenente-coronel.

O seu sucessor foi Francisco Lobo Infante de Assa, que casou com D. Micaela Teresa do Anjo.

Dr. JERONIMO INFANTE HOMEM DE MAGALHÃES

Licenciado, sub-prior do Convento de Aviz em 1751. Era filho do outro Jesus Infante (?) ou de João de Torres.

Vivia em 1761 e arrendou a sua herdade da Capelinha com o título de fr..

Em 1763 arrenda a Azenha Nova de Pardais, que dantes era Pisão do Padre Manuel Infante.

JERONIMO LOPES DA CUNHA

Cirurgião em 1758.

D. JERONIMO MANUEL DE MELO

Foi moço fidalgo do Duque D. João II, a cujo casamento foi assistir a Elvas em 1633 na companhia de seu pai D. Gomes de Melo (veja-se).

Diz Cadornega que morreu sendo capitão *"geral de Ceilão e das armadas, tendo alcançado muitas victorias do persa e arabio . E dizem, que o acompanhavam de armada, que era o fidalgo que tinha a Índia para aquelle ministério e que por sua morte se sentir muita attenuação n' aquelle estado"* (Descrip. de Vila Viçosa).

Faleceu celibatário, da mesma sorte que seu irmão D. Francisco de Melo (veja-se), Conde da Ponte e Marquês de Sande e sua irmã D. Maria de Portugal, Condessa de Penalva. Mas D. Jerónimo teve na Índia um filho natural de Maria de Sequeira, nascido em Taná, por nome D. Francisco Manuel de Melo a quem seus tios chamaram para o reino e foi herdeiro de todos (veja-se o Port.Rest., Tom. 4, pág. 397).

Casou, na Matriz menção de casar em 1606 com D. Isabel Oliva, sendo até testemunhas Diogo de Melo e Rui de Sousa Pereira. Nesse mesmo ano baptisou-se na mesma freguesia uma filha de ambos, que seu o nome de D. Maria.

JERONIMO DE MELO

Era do Alandroal. Comendador da Ordem de S. Bento de Aviz em 1630 e casado com Isabel Oliva (Notas).

JERONIMO DE MELO DE CASTRO

Filho e herdeiro do morgado de Pedro de Melo de Castro e de sua mulher D. Guiomar de Sousa.

Foi baptisado na Matriz a 8 de Outubro de 1599, sendo seu padrinho Francisco de Melo.

Figurou em 1633 na comitiva do casamento do Duque D. João II, levando no coche a sua mulher D. Maria da Cunha Corte Real, filha de João de Tovar Caminha e seus três filhos - Dinis de Melo de Castro, então maltez, Manuel de Castro e

João de Melo diz Cadornega. O 1º destes foi 1º Conde das Galveias.

Tinha casado na Matriz em 16 de Janeiro de 1619 contando 20 anos de idade incompletos. Depois passou a segundas núpcias.

A escritura do contrato antenupcial foi lavrada em 8 de Janeiro de 1619, do tando Pedro de Melo o filho com os seus bens em morgado muito avultado com o-brigaçãõ de 200 réis anuais de tença a 4 filhas que tinha metido de freiras.

Aí entrou a Quinta de Borba e a casa nobre por baixo da Travessa do Valder
rama.

Foi capitão-mór de Évora, Governador do Castelo de São Filipe em Setúbal (1655) e alcaide-mór de Ourém e Borba, como fidalgo da Casa de Bragança.

Residia muito em Borba e por isso nasceu ali seu filho Dinis (Corogr.Port. Tom.3, pág.613).

Faleceu nesta vila e foi sepultado em 13 de Fevereiro de 1667.

(Cart. da Misericórdia)

JERONIMO MOREIRA DE CARVALHO

Licenciado em medicina. Vivia nesta vila e serviu por algum tempo o lugar de médico do Hospital até ser despedido em 1704.

JERONIMO PACHECO

Procurador do concelho em 1588 (Notas).

Casado em 1606 com Inês Róis. Fez testamento público neste ano, mandando sepultar-se na Matriz na cova que tinha defronte do altar de S. Pedro.

JERONIMO RODRIGUES PEREIRA

É dos calipolenses que militaram com glória nas Indias Orientais, segundo o Parnaso de Vila Viçosa, L.2, cap. 44.

Diz-se ali que veio a ser capitão e cavaleiro da casa de El-Rei (FilipeIII).

JERONIMO ROGADO DO CARVALHAL

Fez uma importante figura nesta vila, sua pátria, durante a segunda metade do século 17 e princípios do 18.

Era filho do licenciado Manuel Rogado da Silva que foi juiz de Fôra em Mon

saráz e de D. Antónia Lobo do Carvalho; aquele filho de João Nunes Rogado e D. Briolanja da Silva e esta filha de Jerónimo do Carvalho e de Margarida da Freire Lobo; todos de Vila Viçosa.

Em 17 de Abril de 1660 foi eleito capitão de ordenanças.

Serviu o cargo de vereador em 1667, 1671, 1676 e 1683.

Em 11 de Julho de 1686, por morte de Estevão Mendes da Silveira 3º, teve patente de mestre de campo dos auxiliares da nossa comarca, em cujos considerandos se lembra - ter ele assistido ás Batalhas do Ameixial e Montes Cla^{ros} (L.2 dos Reg. da Cam., fl.1850).

Provavelmente havia-se transferido para auxiliares ou para tropa de linha, quando tomou parte nas sobreditas batalhas.

Em 1706 recebeu nova patente de capitão-mor das ordenanças (Hid., fl.353).

Foi promovido três anos depois a coronel de infantaria de linha por apostilha de 3 de Janeiro (Hib., fl.387).

Teve entretanto por vezes o governo da nossa praça de armas. A resposta negativa e briosa, por ele dada em 2 de Junho de 1711 ao general castelhano (Marquês de Bai), que lhe intimava a entrega da vila é só por si um grande título de glória para este nosso patrício. Ainda em 1717 continuava com o governo da praça, quando faleceu e teve sepultura na Matriz apesar de ser freguez de São Bartolomeu.

Era casado com D. Guiomar Jusante de Vasconcelos que possuia um morgado em Alter, Chancelaria e Pedroso.

Em 1765 era Bispo de Portalegre D. Jerónimo Rogado do Carvalho e Silva: nome que revela ser dum neto deste patrício embora fosse nascido na cidade da Guarda.

Este Jerónimo estava em 1754 e fez uns arrendamentos como procurador de seu irmão Simão de Oliveira da Costa Almeida Osório, capitão-mor da Guarda.

Em 1762 era inquisitor de Lisboa. Em 1698 comprou por 360\$ réis a Belchi^{or} Alva^{res} da e sua mulher Ana Maria Pais umas casas nobres da Rua de António Homem, as melhores de então e que haviam pertencido ao P.^a Manuel Rogado da Silva seu irmão.

JERONIMO SOARES HOMEM

Em 1617 era Tesoureiro-Mor da Capela do Duque, lugar que rendia então 300\$ réis e Mestre do Duque de Barcelos D. João, que depois foi rei.

Tinha mais uma benfeitoria simples na Igreja de Santa Maria de Chaves, que rendia 60\$ réis e outro em S. Pedro de Mós que rendia 20\$ réis. Tinha mais uma tença do duque de 40\$ réis e uma livraria avaliada em 200\$ réis.

Habitava na Rua de Santa Luzia e prédio 3º da parte do poente a contar da Rua das Cortes, isto consta de uma escritura de 5 de Agosto do mesmo ano.

(Notas)

JERONIMO VALEJO DE MARIS 1º

Era filho de Diogo Valejo e de Jerónima de Máris.

Jerónimo veio para Vila Viçosa servir o duque como seu criado em 1629 com Luiza Antunes, filha de Jorge Franco e Isabel Antunes, dotada em 4 mil cruza dos por seus pais, constantes de fazendas, móveis e dinheiro.

Já era viúva em 1634, ficando-lhe a filha D. Jerónima de Máris.

Este era moço da guarda-roupa do Duque D. João II em 1631.

Foi vereador em 1631 e 1635, a esse tempo já era casado com a filha de Jorge Franco.

Em 1633 figurou na comitiva do casamento do sobredito duque, como seu cria do subalterno (moço da câmara ou da guarda-roupa).

Em 1634 era coutador do duque.

Cinco anos depois protegia o letrado, Fiscal do Real de Água; subtraindo-lhe de casa alheias e roupas conforme refere Cadornega e dito é na primeira parte, para escaparem ao saque dos revoltosos.

Em 1640 exercia outra vez o cargo de vereador e em 3 de Dezembro foi acom panhando para Lisboa o duque, seu amo, já aclamado rei, motivo por que não pôde assistir á aclamação da câmara da sua pátria no dia 7 próximo seguinte.

Tornando para Vila Viçosa foi eleito capitão de ordenanças da companhia da nobreza em Abril de 1641, mas em 26 de Setembro do mesmo ano pediu exoneração deste cargo, declarando que se retirava para Lisboa em serviço de sua majestade.

Foi com efeito para a capital e El-Rei D. João IV o fez escrivão da sua câmara (ao menos) em 1647; ano, em que as pautas dos oficiais da nossa câmara começam a aparecer subscritas por ele.

Não sei que mais cargos tivesse na côrte real, pois estas notícias são ex traídas unicamente do Cartório Municipal.

Em 1641 comendador e residia nesta vila. Era falecido em 1652 e sua filha

Jerónima de Máris estava cá em companhia de sua tia Antónia Valejo, solteiro na.

JERÓNIMO VALEJO DE MARIS 2º

Em 1678 foi vereador da nossa câmara outro Jerónimo, que era filho de Lucas Pereira Pestana 1º e de D. Jerónima Valejo de Máris e foi baptizado em São Bartolomeu a 5 de Outubro de 1656.

Casou na Matriz em 1681 com Luiza Machado da Fonseca Freire, natural de Elvas e filha de Simão Freire de Andrade e de D. Violante da Guerra.

Sendo pautado vereador para os anos de 1681, 1683 e 1699, sempre se excusou alegando o seu privilégio de militar. Era com efeito capitão do Regimento de Cavalaria de Olivença e faleceu em 19 de Janeiro de 1730 sendo sepultado em S. Paulo o que revela ter sido morador na casa do Rossio que fica por cima da Rua de Frei Manuel. Pertenceu aos Valejos.

Dele procedeu Nicolau de Almeida Valejo (veja-se); Matias Valejo de Almeida Máris, que morreu solteiro em 1742 e Manuel Pereira Pestana, que faleceu em 1735, também sem mudar de estado.

JERÓNIMO VALEJO DE MARIS 3º

Filho de Nicolau de Almeida Valejo e neto do precedente, baptizado em São Bartolomeu a 24 de Maio de 1724.

Foi almotacé no ano de 1744 e pouco depois era Presidente da Confraria dos Escravos de Nossa Senhora da Conceição o que consta de um documento registado no seu compromisso.

Morreu solteiro em 1747.

JERÓNIMO DA VEGA PARRA

Cirurgião do Hospital, nomeado em 19 de Janeiro de 1699.

Parece-me ser espanhol.

JERÓNIMO VIEIRA

Filho de André Vieira, dá fiança em 1708 e 1711 para ser almoxarife dos

ditos da Casa de Bragança. Pouco tempo se serviu do cargo.

Era cunhado do Padre Manuel Vieira com quem fez partilhas em 1706.

D. JOÃO DE ALMEIDA MELO E CASTRO

Seria filho do General Melo Bernardo?

Em 1797 era irmão e imediato sucessor dos morgados de D. António de Almeida da Beja Noronha Melo e Castro, já falecido.

D. JOANA DE BRAGANÇA

Nasceu nesta vila em 1521 e foi filha primogénita do segundo matrimónio do Duque D. Jaime com D. Joana de Mendonça.

Em 1537 assistiu já com sua mãe ao casamento de sua irmã consanguínea D. Isabel, sendo então uma linda menina de 16 anos como se disse na primeira parte.

Casou em 1551 com D. Bernardino de Candenias, Marquês de Elche, recebendo-se nesta vila com seu irmão D. Jaime (Padre) por procuração do dito Marquês perante o Deão da Capela Real. Saiu para Espanha em 24 de Novembro do dito ano e teve lá dois filhos: D. Bernardo e D. Isabel de Candenias.

Faleceu já viúva em Torrijos a 18 de Outubro de 1588.

Na Hist. Geneal., Tom. 5, pág. 681, lê-se uma extensa biografia desta senhora e no Jardim de Portugal sob o nº. 117 escreveu também Fr. Luis dos Anjos o seu elogio de pessoa virtuosa.

JOANA DIAS DA SILVEIRA

O seu testamento acha-se registado no tombo 1º da Misericórdia, porque lhe deixou metade de uma Herdade do Fatalão, junto á Fonte da Borralha, que rendia três moios, umas casas e uma vinha com oliveiras por lhe sustentar a sua escrava Maria, etc..

Era irmã do Dr. Gonçalo da Silveira.

Faleceu a 18 de Fevereiro de 1569. Não tinha ascendentes nem descendentes. Deixa ao Hospital do Redondo a capela instituída por um irmão João Alvares da Silveira em sete missas.

Deixou herdades á Misericórdia de Elvas e á de Terena, a Herdade da Ga-

ga com o encargo de 15 missas.

Parece ser dos Silveiras de Terena ou Redondo.

JOANA DO ESPIRITO SANTO

Esta religiosa, professa no Convento da Esperança da sua pátria, era filha de Gaspar Alvares ou Fernandes de Vilalobos e de Violante Gomes da Nóbrega.

Depois de ter passado o seu melhor tempo no Paço dos Duques de Bragança passou para Castela em companhia da senhora D. Joana de Bragança (nomeada a atrás), casada com o Marquês de Elche, indo por sua dama.

Desgostando-se porém da vida secular professou a Regra de Santa Clara no Convento sobredito onde faleceu a 31 de Dezembro de 1622 com 90 anos de idade e fama de muito virtude.

Falam dela com grande elogio a Crónica Seráfica, Tom. 4, e o Jardim de Portugal sob o nº 192.

JOANA GANÇOSA

Mulher de Francisco Barbosa (veja-se).

Deixou a sua terça á Misericórdia por morte de sua filha D. Maria, casada em Elvas com Pero da Silva com o encargo de cinco missas.

Possuía uma hortinha junto da Horta das Fontaínhas, subindo para S. Domingos.

JOANA SALGADA

Foi admitida no Convento da Esperança em 1648, só com o dote de 100\$réis e duas arrobas de cera por saber tocar baixão "*e o convento estar necessitado de uma relegiosa que o saiba tanger*", diz a escritura deste contrato com data de 14 de Novembro.

Era filha de Manuel Frz. Barreto, já defunto e de Francisca Salgado, não diz a naturalidade dela.

JOANE MENDES DA COSTA

Fidalga da Casa Real, tinha casa nesta vila em 1590.

JOANE MENDES DE VASCONCELOS

Licenciado em leis. Era desembargador do Duque D. Teodósio I, em 1540 e fidalgo da sua casa.

Em 1542 foi procurador do casamento do mesmo duque (Hist. Geneal., Tom.6 pág.41).

Faleceu em 1548 deixando aos meninos orfãos, uma pensão na Herdade do Freixo, como se disse quando tratámos daquele colégio de que ele só tomou posse por morte de suas irmãs.

D. JOÃO I, 6º DUQUE DE BRAGANÇA

Ficou escrita a sua biografia na parte 1ª., cap. 45 e seg. (tomo I).

D. JOÃO II, 8º DUQUE DE BRAGANÇA

Ficou a sua biografia escrita na 1ª parte, cap.52 e seg., os seus últimos momentos acham-se narrados no cap. 63 (tomo II).

JOÃO AFONSO DE MORAIS

Bisavô de Francisco de Moraes Sardinha, autor do Parnaso de Vila Viçosa, donde extraio esta notícia.

Era veador do Duque D. Fernando II.

Dele nasceu o Dr. Fernando de Moraes e deste os Drs. Álvaro de Moraes e Gomes de Moraes.

JOÃO ALVARES MOURO

Era juiz ordinário da nossa vila em 1512, quando se deu o lúgubre acontecimento da morte da Duquesa D. Leonor de Gusmão, como consta do auto da dita morte.

JOÃO DE ALVELOS

Contrata-se com o duque em 4 de Abril de 1634, para lhe servir de organista por 9 anos. A escritura de obrigação não menciona o honorário que vi-

nha ganhar.

Parece-me espanhol (Notas).

Ainda o era em 1639.

JOÃO ALVES DE ARAÚJO

Em 1790 parece que era lavrador, pois arrendou ao General Gomes Paiva Freire de Andrade as Herdades de Gaspar Dias, Seivacedo, Volta dos Moutis-sos e Pego da Mulher.

Era mercador de roupas em 1795.

Tomou posse do posto de capitão de ordenanças em 12 de Março de 1796 e foi exonerado por velho em 1808 no começo da Guerra Peninsular.

Era da Beira e foi atraído a esta vila por José Alves, mercador e seu pa-rente de quem disse ter emprestado á nossa câmara dinheiros para 'as exéquias de El-Rei D. João V, e que lhe deixou os bens que possuía.

Em 1810 alcançou por conta régia de 1 de Setembro a capela do Padre Francisco Froiz Pinto, que era administrada pelos capelães da R. C., para seu filho menor António Alves de Araújo e era o pai que a estava administrando.

Foi havida esta mercê por via de denúncia.

Vivia do comércio. Foi casado com Ana Teresa (D.), de quem teve a Caeta-no José Alves de Araújo, mencionado já; o advogado José Maria de Araújo; Joaquim José Alves de quem descendeu o bacharel Tertuliano Ciriaco de Araújo; e D. Mariana José da Rosa e Sousa.

Faleceu em 1828.

JOÃO DE ANDRADE

Moço da câmara de sua magestade em 1642.

JOÃO ANTÓNIO BIGA NUNES

Foi vereador em 1837, 1838, 1840, 1843 e 1844.

Sendo fiscal em 1843 e achando-se enfermo o Presidente D. Bernardo de Lucena Noronha, serviu de Presidente na recepção da Rainha D. Maria II, como dito é no anal competente.

Seu pai Luís António Nunes, natural da Beira e mercador de pano de linho

era conhecido vulgarmente por Luís Paneiro e por isso também este filho tinha o nome vulgar de João Paneiro, assim como seu irmão o P^o. Francisco de Assis Biga, freire de Aviz e beneficiado na Matriz até 1834 e coadjutor de pois disso, etc..

Mariana Teresa da Silva era o nome de sua mãe.

Casou com Joaquina Rita, que viveu 90 anos ou mais e teve unicamente a D. Maria Carlota, que casou com José de Sousa e Figueiredo.

João Paneiro era barbeiro nos seus primeiros tempos; como porém herdasse alguns bens e adquirisse outros de sua indústria fechou muito cedo a sua oficina e ficou vivendo como proprietário.

Em 1828 foi deportado para Peniche, como liberal e a esse mesmo incómodo ficou devendo a sua elevação ao nobre cargo de vereador. Se porém era liberal, era também homem honrado e temente a Deus.

Faleceu em 16 de Julho de 1858.

JOÃO ANTONIO DA SILVA

1^o recebedor das décimas á boca do cofre em 1765. Era mercador natural da Covilhã.

Era filho de Manuel Simões e de Joana Maria e irmão do capitão António José da Silva.

Casado com Ana Teodora em 1780.

JOÃO ANTONIO TARANA

Filho mais velho do 2^o matrimónio de Luís António Tarana com D. Ana Joaquina Cordeiro Vinagre.

Nasceu em 1813 na Freguesia de São Bartolomeu e casou com D. Maria José da Rosa e Sousa, filha do Brigadeiro José António da Rosa e Sousa, da qual teve descendência.

Foi vereador no biénio de 1845-46 até ser dissolvida a municipalidade, por alvará do Governo Civil de Évora (Patuleia) e ficou pertencendo á Comissão Administrativa do Município em quanto se não efectuar a eleição de nova municipalidade.

Em 1878, antes da eleição de Agosto foi chamado a suprir vereadores ausentes ou impedidos.

JOÃO ANTUNES MOREIRA

Armador em 1695.

JOÃO AUGUSTO DA SILVA LOBO

Juiz de substituto de direito em 1893-94.

Calipolense, filho de António Maria Lobo Vidigal Salgado.

JOÃO BATISTA VIEIRA

Presbítero, vigário da vara e juiz dos resíduos, em 1670.

JOÃO BATISTA DE MOURA

Cirurgião, casado com Rita Teodora. Tiveram a Plácido António de Moura, já maior de 25 anos em 1780.

Este foi capelão da Casa Real e almoxarife do Paço. Teve outro filho de mesmo nome João Batista de Moura, a quem deu licença em 1773 para se emancipar.

Este que era cirurgião aprovado casou nesse mesmo ano com Teresa Joaquina Gertrudes Lobata da Silveira, dotada por suas tias Antónia Maria Xavier e Teresa Joaquina de Jesus com 7 fazendas de farregeal, vinha, olival e um capital de 400\$ réis.

JOÃO DE BARROS

Trata-se aqui do *Livro Portuguez* (1496-1570), autor da Ásia ou História das Conquistas Portuguezas no Oriente, ao qual fazem natural de Viseu e doutras partes; ouça-se porém o que a seu respeito escreveu o nosso Francisco de Moraes Sardinha no *Parnaso de Vila Viçosa*, L.2, cap.61 .

"Natural he de Villa Viçosa João de Barros, não porque o aja sido de seus avós; mas achando-se seu pae nesta terra fazendo certa diligencia, como desembargador que era, nella ouve e nasceu João de Barros, e com elle junctamente a graça das influencias etc. Muito menino foi daqui João de Barros porém não para que deixasse de ser lembrado seu nascimento daquel

les que, sahindo a honra que lhe era o aver sedo desta nossa pátria tão famosa e illustre varão, o deixasse perder de memória etc".

Nos Discursos Vários Políticos do Chantre de Évora, Manuel Severim de Faria (fl.22 da ed. de 1624 ou 19), está uma notícia do vida deste célebre historiador português onde se lê "nasceu João de Barros pelos annos de 1496 sobre o logar da pátria há várias opiniões huns affirmam que he de Braga, confundindo da Descrição d' Entre Douro e Minho, que d' ella foi natural: outros o fazem de Viseu, onde seu pae foi morador e ainda tem parentes; e alguns de Villa Real e finalmente muitos o tem por natural do Pombal, porque alli teve sua fazenda, e alli se retirou muitas vezes a uma quinta sua, e esta escolheu por vivenda na última velhice etc."

Diz mais que seu pai se chamava Lopo de Barros que era filho de Álvaro de Barros, senhor do morgado da Moreira.

Fica portanto indeciso este ponto: não se sabe ao certo qual a pátria particular do historiador João de Barros e por conseguinte deixo aqui também o seu nome, visto que Moraes Sardinha o fez igualmente em 1618 no Par-naso de Vila Viçosa.

JOÃO BARROSO

Vereador em 1628. (Notas)

JOÃO BERNARDO DE SEQUEIRA

Era bacharel formado em medicina e começou a ter partido em nossa vila no 1º de Janeiro de 1787. Faleceu a 19 de Novembro de 1817, tendo exercido clinica entre nós por espaço de 30 anos com grande fama de bom facultativo mas não presumia de seu saber e tanto que afirmavam com grande modéstia não querer levar ás costas os individuos mortos por errado curativo, ainda mesmo que só pesasse cada um tanto como um bago de trigo.

Foi sempre celibatário.

No registo do seu óbito em São Bartolomeu consta ser filho de João Bernardo e de Brites Pereira, mas não a sua naturalidade.

JOÃO BORGES CERQUEIRA DE ALPOIM

Pertence este homem á nossa vila por duas circunstâncias: 1º - assentar

nela o seu domicilio, casando com D. Maria do Carmo Sousa e Menezes, irmã de José António de Sousa e Menezes; 2º - falecer entre nós e achar-se o seu túmulo (de alvenaria) no cemitério de S. José ao cabo da Rua Central. Esta última razão foi a que me decidiu a escrever aqui duas linhas em sua memória.

Era natural de uma das províncias do norte e pertenceu á Casa da Rede em Meção Frio; seguiu a carreira militar na arma de cavalaria, fez a campanha contra os franceses, onde três vezes ficou ferido gravemente e afinal coxo dum pé. Achando-se no posto de tenente-coronel, comandante de cavalaria nº2 em 1826 insureicionou-se com todo o regimento em 31 de Julho contra a carta e seu dador e aclamou a D. Miguel I, pondo-se ás ordens do Brigadeiro Magessi, com quem emigrou para Vila Nova de La Serena. Continuou ao serviço do dito rei até a Convenção de Évoramonte, achando-se no cerco do Porto como chefe de estado maior do Visconde do Peso da Régua. Tinha por último o posto de brigadeiro, o fôro de fidalgo da Casa Real, uma comenda na Ordem de Cristo e o Hábito da Ordem de Malta.

Era homem inteligente e dado também ás letras; e por isso não teve dúvida em pegar na pena e escrever um folheto, refutando alguns pontos do opúsculo do Visconde de Saint-Pardoux, intitulado Sucessos das Campanhas de 1832-34 em Portugal e que deu á estampa.

Recolhido á vida privada, faleceu em 1838 sem deixar descendência.

JOÃO DE BRAGA

Ficou prisioneiro na Batalha de Alcácer Quibir, onde acompanhara ao Duque D. Teodósio II, como criado da Casa de Bragança.

Pode ser que fosse oriundo de Braga; porém o autor do Parnaso de Vila Viçosa dá-o como filho da nossa terra (L.2, cap.33) (Hist. Geneal., Tom.6,pág. 310).

D. JOÃO DE BRAGANÇA

Este de quem trato agora, era filho do 2º Duque de Bragança D.Fernando I militou em África na companhia de seu pai e de seu irmão D. Fernando II, merecendo por isso que El-Rei D. Afonso V lhe desse o título de Marquês de Montemor-o-Novo e o cargo de Condestável de Portugal (foi o 6º). Também lhe doou o senhorio de Viana do Alentejo.

Tomou parte muito activa na opposição feita pelos donatários da coroa ás

exigências de El-Rei D. João II, mas fugindo a tempo quando seu irmão mais velho foi preso em Évora, pôde evitar a morte a que o condenaram á revelia: não porém aquela que a natureza dá a todos e lhe deu a ele em breve; pois faleceu em Sevilha logo a 30 de Abril de 1484 não chegando a um ano o seu exílio.

Tinha casado com D. Isabel de Noronha, da qual não consta haver descendência.

Na Hist. Geneal., tomo 5, pág. 177, está uma extensa biografia deste que reputamos nosso patrício por seu pai ter casa solar em Vila Viçosa.

Houve outro D. João de Bragança, Bispo de Viseu e mais moderno; o qual era filho do Marquês de Ferreira D. Francisco de Melo e de D. Eugénia de Bragança e assistiu muito nesta vila donde sua mãe era natural: mas foi morrer a Évora sua pátria e jaz na casa do capítulo do Convento dos Loios.

Faleceu ali em 1609.

JOÃO DE BRITO PEREIRA

Era 3º filho de Cristóvão de Brito Pereira 3º (veja-se).

Foi prior da Igreja de S. Tiago de Évora e inquisitor na mesma cidade e em Lisboa.

Faleceu em 1698 a 29 de Agosto, no mesmo dia em que tomara posse do cargo de inquisitor-mor do santo officio de Évora.

(Corogr. Port., tom.2, pág.519; e L. de Fam. dos Sousas de Brito e Colecção de Doc. e Mem. da Alad. R. da Hist. Port., tom.3, pág.410).

Fôra baptisado em São Bartolomeu a 13 de Outubro de 1661 e portanto não chegou a completar 37 anos de idade. Fugiu-lhe assim de diante um esperançoso futuro.

Mezário da Misericórdia em 1685-86.

JOÃO CARRILHO DO CRATO

Natural de Vila Viçosa, onde casou a 28 de Abril de 1686, com Brites ou Maria (?) de Avelar de Faria também nossa patrícia.

Soldado da companhia do Conde das Galveias em 1695.

Foi vereador em 1729 e capitão de ordenanças desde 1716.

Faleceu em 1730 a 16 de Março.

Creio que era filho do Tenente General João (Damião?) do Crato da Fonseca

o qual jaz na Igreja da Santa Cruz.

Teve um filho que se chamou Damião do Crato, nascido em 1691 na freguesia de São Bartolomeu; e outro João em 1695 que viu sacerdote e duas filhas que meteu freiras na Esperança em 1721 com dotes de 400\$ réis e 60\$ réis de propinas.

JOÃO CARVALHO

Cirurgião militar de província (veja-se Paulo Rebelo do Figueiredo).

JOÃO DE CARVALHO NOGUEIRA

Foi vereador em 1830, 1837, 1839, 1840, 1841 e 1842.

Era então cirurgião-mor reformado como servisse este cargo no Regimento de Cavalaria nº 2, aquartelado em nossa vila desde 1815, casou com a nossa patrícia D. Ana Isabel de Brito Peracha, irmã de Manuel Bernardo de Brito Peracha, de quem deixou 3 filhos: João, José e D. Caetana; mas esta família tende a extinguir-se em nossa terra.

João de Carvalho Nogueira era natural de Castelo de Vide, filho de Francisco Lopes Nogueira Barradas e de D. Maria Josefa de Sousa e Menezes e faleceu a 3 de Agosto de 1844. A sua viúva sobreviveu-lhe mais 33 anos.

JOÃO CASADO DA FONSECA

Em 1666 começou a servir um ofício de escrivão do judicial e notas.

Foi procurador do concelho em 1683 e 1691. Antes tinha sido almoxarife do castelo e em 1675 avaliador e partidor do concelho.

Vivia na Matriz em 1653, casado com Francisca Pereira de quem teve descendência.

P.º. JOÃO CAVALEIRO

Sacerdote licenciado, capelão do Duque D. Teodósio II. Prior da Conceição de Vila Fernando: beneficiado da ordem dos meninos órfãos.

Capelão-mor da Misericórdia em 1628 (Notas). Vivia em 1638-39 com o mesmo cargo além de ser capelão do duque, ainda em 1641.

JOÃO CORDEIRO PASSANHA

Foi escrivão na 2ª metade do século 18 e morava nas casas nobres da Rua dos Fidalgos por baixo da Travessa da Amoreira: casas que ele vendeu em 1802 ao Padre André Ramalho, cônego-capelão da Capela Real por um conto de réis.

Pai de João Pessanha, culpado de homicídio em 1644.

Juiz das almas em 1638. Começa a servir de tabelião em 1765.

JOÃO CORDEIRO DE SOUSA

Cavaleiro da Ordem de S. Tiago, casado com D. Ana Isidora Joaquina Seabra. Moravam cá em 1752.

JOÃO CORDEIRO VINAGRE

Filho de Domingos Nunes, alvanéu, vivia em 1707, casado com Margarida Lopes da Cunha, já viúva em 1758.

Alferes de cavalos?

Já era falecido em 1722. Vivia a sua viúva Margarida Lopes da Cunha, que em 1728 meteu freira nas Chagas a sua filha Inês com 583\$ réis por tudo.

Creio que o alferes de cavalos em 1731 seria filho de Pedro Cordeiro Vinagre. Do primeiro João Cordeiro Vinagre ficou um filho de igual nome em 1732.

JOÃO CORREIA

Guarda-roupa do Duque D. Teotósio I. Faleceu a 5 de Fevereiro de 1578 e jaz na Igreja das Chagas.

Foi pai de Luiza Correia, instituidora de uma capela que por fim veio a parar á Misericórdia e era dotada com muitos bens de raiz. Entre esses bens conta-se a casa da Rua dos Fidalgos, situada entre as casas de Gabriel de Brito Menezes e as de Rui de Sousa Pereira que faz esquina para a Travessa da Amoreira. Por isto julgo provável que o dito João Correia fora o fundador da mesma casa nobre, que é um bom prédio, hoje livre por o ter vendido á Misericórdia a Jorge Vieira da Silva.

JOÃO DA COSTA DE CARVALHO

Escrivão da vicaricaria da vara e do celeiro dos dizimos em 1689 e 1692.

JOÃO DA COSTA FEIO

Nasceu na freguesia de São Bartolomeu em 1699, sendo filho de Manuel da Costa Feio e de Maria da Cruz.

Lavrador em 1723. Foi guarda-mor da saúde em 1741 e anos seguintes e depois teve o posto de sargento-mor das ordenanças e o hábito de Cristo.

Casou primeiramente com Livia Teresa Caetana de Lisboa, de qual enviuvou em 1735; e passou a segundas núpcias com D. Josefa Vicência de Figueiredo, que se finou também primeiro que ele.

Faleceu em 10 de Junho de 1785 e foi sepultado na Esperança. Teve duas filhas freiras no Convento da Esperança e para elas edificou ali o chamado Bairro Alto num 3º andar, iminente á Rua dos Frades, para que elas avistassem dali a casa nobre da aldeia ou Rua de São Sebastião, onde moravam seus pais. Também deu no mesmo convento a mesa ou bufete, que na capela-mor da Igreja serve de credencia e é uma obra de arte, digna de figurar num museu.

Tinha coche de gala e para esse fim mandou fazer a cocheira, que na mesma rua está quase defronte da casa dos Feios.

JOÃO DO CRATO DA FONSECA

Tenente-general. Depois da paz em 1668 ficou residindo em nossa vila.

Em 1674 fez dotes 400\$ réis a suas filhas D. Joana do Crato e D. Ana Caldeira já professavam no Convento de Santa Cruz e ele fez-se ali sepultar na via central junto ao Arco do Cruzeiro quando faleceu. Em 1680 dotou em 400\$ réis a sua filha Guiomar da Fonseca, para ser freira em santa Cruz.

Em 1687 suas filhas Ana da Anunciação e Joana do Sacramento compraram por 400\$ réis ao General Dinis de Melo a herdade da Fonte Branca.

JOÃO DIAS PIMENTA

Homem do fôro, casado com Francisca Franca, passou a Moura em 1640 e lá vivia sendo comendador, não sei porquê (Notas).

JOÃO DUARTE BARROSO

Alferes e depois ajudante de cavalaria em 1665 e tutor dos filhos de João Ruiz Monteiro.

Foi vereador em 1674, 1678 e 1679. Tinha casado em São Bartolomeu em 1669 com Teresa de Aguiar e tornou a receber-se na mesma freguesia com D. Ana Correia Barbosa no ano de 1673.

Era sargento-mor do terço de ordenanças de Olivença e cavaleiro professo na Ordem de Cristo. Sua mulher faleceu em 1723, sendo já viúva e de muitos anos segundo parece.

A família dos Barrosos era antiga e nobre. A ela pertenceu Pedro Barroso talvez avô de João Duarte e ainda no século 18 havia nesta vila um padre chamado também João Duarte Barroso, que faleceu em 5 de Dezembro de 1746, e fôra dotar com um olival á Portela sua irmã Catarina Duarte Barroso.

D. JOÃO DE EÇA

I

Tal é o nome daquele fidalgo do Duque D. Jaime, tão insígne, que ainda o seu nome se conserva no Terreiro de Dom João, onde tinha o seu solar, como provavelmente o tivera já seu pai D. Fernando de Eça, a quem ele sucedeu na alcaidaria-mor desta vila. Essa casa solar deverá ser aquela que olha para o nordeste e que tem um pátio com alguns vestígios de arquitectura antiga.

Era filho de D. Fernando de Eça, alcaide-mor desta vila, como dito é neto de outro D. Fernando, senhor D' Eça em Galiza, o qual era filho do Infante D. João, casado com D. Maria Teles de Menezes: e esse Infante D. João era filho do Rei D. Pedro I e de Inês de Castro.

Sendo pois os Eças descendentes da família real portuguesa da 1.^a Dinastia, ocupa-se da sua linhagem a História Genealógica no tomo XI para onde remeto os leitores mais curiosos e entretanto resumirei neste lugar o que julgo digno de ser sabido pelos calipolenses.

Constando apenas que D. Fernando de Eça viera para Vila Viçosa a. servir o Duque D. Fernando II e a seu filho D. Jaime, recebendo a mercê da alcaidaria-mor desta vila (o que lhe dava uma grande representação social), tem-se como probabilissimo que seu filho D. João nascera já em nossa vila, ao mesmo passo que se nos revela ser o pai aduenticio.

Este morreu na empresa de Quilôa e Mombaça a 15 de Agosto de 1505 e logo

D. João lhe sucedeu na alcaidaria-mor e no serviço do Duque D. Jaime.

Em 1513 a 18 de Junho alcançou-lhe seu ano o Hábito de Cristo e no mesmo ano figurou D. João na comitiva dos fidalgos cavaleiros que acompanharam o duque á expedição de Azamor.

Faleceu em 1527.

Tirando isto nada mais sei de suas empresas militares, até porque houve muitos personagens deste ilustre nome, como vai ver-se; e talvez dali resulte alguma confusão atribuindo-se a uns o que fizeram outros. É por isso que junto neste artigo tudo o que pude coligir com respeito aos Eças da nossa vila.

Casou D. João de Eça (1º do nome para nós) com D. Maria de Melo, filha de Vasco Martins de Melo, alcaide-mor de Castro de Vide e teve dela oito filhos, que devemos reputar nascidos todos nesta vila e foram - D. Vasco de Eça, D. Francisco, D. Pedro, D. Fernando, D. João, D. Brites, D. Guiomar e D. Margarida, todos com o mesmo apelido Eça; bem como dois bastardos chamados D. Duarte e D. Manuel.

Darei no seguinte artigo notícia destes filhos, segundo a Hist. Geneal., tom. 11, págs. 652 e seg..

II

1 - D. Vasco de Eça, 1º filho de D. João de Eça, o alcaide-mor, deixou o serviço da Casa de Bragança que tivera seu pai e avô. Foi servir primeiro em Africa na Praça de Cafim, como refere Diogo de Couto (Dec.4, L.6, cap.7) e passando á Índia achou-se em Cananor quando morreu D. Henrique de Menezes.

Depois (1529), sendo Governador da Índia seu cunhado Lopo Vaz de Sampaio foi capitão de Colhim e teve a comenda de San' Salvador na Ordem de Cristo.

Antes disso (em 21 de Julho de 1521) nomeara-o seu aposentador-mor o Infante D. Luis. Casou duas vezes e teve filhos, dos quais não me ocupo, visto ele ter deixado o serviço da Casa de Bragança e presumir-se que não foram nascidos em Vila Viçosa.

Neste mesmo tempo servia na Índia seu tio D. Henrique de Eça, filho bastardo de um avô de D. Fernando.

2 - D. Francisco de Eça conservou-se nesta vila e casou com D. Cecília Pereira, filha de Fernão Rodrigues Pereira, o Pássaro, de quem já dei notícia, militou na Africa Setendriional e lá o mataram os mouros na ocasião em que D. João de Menezes e Nuno Fernando de Ataíde foram pelejar com os mouros de Fez. Deixou uma única filha - D. Helena de Eça a qual casou com Fernão de Castro 1º (veja-se), de quem teve a Pedro de Castro 1º, também a des

cendência destes continuou em nossa vila.

3 - D. Pedro de Eça foi frade jerónimo, teve porém um filho ilegítimo chamado como o avô D. João de Eça (3º deste nome para nós), ao qual atribui a História Genealógica muitos feitos ilustres no Oriente; mas creio que se equivoca o seu autor - fazendo-o passar á Índia em 1512 na armada de Jorge de Melo Pereira - dizendo-o capitão de Goa no mesmo ano fazendo-o lá servir com muita distinção no tempo do grande Afonso de Albuquerque, achando-se na tomada do Castelo de Benestarim e no assalto da cidade de Adém no estreito, valendo com muita diligência ao mesmo Albuquerque, perdido quase na ilha do Camarão (1513) e dizendo ainda que voltara ao reino com D. Garcia de Noronha, depois de acabar o seu tempo. A razão destas minhas dúvidas está na cronologia porquanto me parece muito cedo opôr-se a D. João de Eça 3º, filho de D. Pedro de Eça, militando em Tanger antes de 1512 e depois na Índia em tempo de Afonso de Albuquerque, falecido á vista de Goa, no mar a 16 de Dezembro de 1515, e figurando assim um sobrinho na Índia primeiro que seus tios por certo, mais velhos alguns que seu próprio pai.

Procede esta confusão de ter havido um D. João de Eça, tio daquele que faz o objectivo principal deste artigo, o alcaide-mor da nossa terra e outro 2º filho do mesmo, ao qual não chegou ainda a sua vez neste esboço.

Para se deslindar que o D. João de Eça era das campanhas de Afonso de Albuquerque não é o alcaide-mor de Vila Viçosa mas sim tio dele, basta observar que o historiador João de Barros na Dec. 2ª o diz *"Filho de D. Pedro D' Eça enquanto que este era filho de D. Fernando e militava na Índia, quando cá foi a empresa de Azamor"*.

Continua o citado autor attribuindo ao mesmo D. João de Eça bastardo o despascho de fidalgo cavaleiro em 1518 com 2\$534 réis de moradia, o que julgo convir ao alcaide-mor, seu avô do mesmo nome. Depois falo tornar para a Índia em 1535, despachado por capitão da fortaleza de Goa, em companhia de D. Garcia de Noronha, quando este foi para Vice-Rei, com 200\$000 réis de entretenimento enquanto não entrasse nela; diz que El-Rei D. João III o fizera do seu concelho e que na ocasião de passar ao norte o mesmo Vice-Rei a fazer a paz com o Samorim, o acompanhara por capitão de uma nau da armada, voltando enfim ao reino por capitão-mor em 1541.

4 - D. Fernando de Eça (2º) era filho de D. Pedro de Eça o velho.

Deste diz Barros (Dec.4, L.3, cap.1), que era filho de D. Pedro de Eça o velho. Logo era irmão de D. João de Eça do tempo de Afonso de Albuquerque.

D. Fernando de Lopo Vaz foi por este despachado capitão de Ormuz em Março de 1529 e foi para lá com 3 galeões carregados de mercadorias de El-Rei Ar-Vim (Barros - Dec.4, L.2).

D. Francisco de Eça tendo ido para a Índia com Nuno da Cunha só chegou a Moçambique depois da tomada de Mombaça, por ficar atrasada a sua nau (Barros Dec. 4, L. 3, cap.7).

D. Fernando de Eça, filho de D. Pedro de Eça o velho, encontra-se em Calayate em 1529, com Nuno da Cunha quando este vinha do reino e trazia para a Índia a D. Francisco de Eça (Barros - Dec.4, L. 3).

5 - D. João de Eça 2º, 5º filho do alcaide-mor do mesmo nome, é aquele a quem chamo 2º, como dito é de sua vida e acções escreve quase nada o autor da História Genealógica, limitando-se a dizer que passou a militar na Índia, em 1527 por capitão de Canamor; e que lá morreu sem geração.

É muito conveniente, para se conhecerem as famílias, a conservação invariável dos apelitos por parte da varonia, como seria não menos conveniente a variação dos nomes próprios: com esta variação não se dariam confusões, como aquelas, com que temos agora topado.

O que porém não padece dúvida, é ser este D. João 2º, aquele vencedor do Cutiale em 1529, cujas proezas leu o meu amigo A. F. Barata nos *Anaes D' El-Rei D. João III* por Fr. Luís de Sousa e lhe inspiram a canção que transcrever para desenfado:

*D. João D' Eça
Reinado de D. João III
1529*

*A Lopo Vaz de Sampaio,
Homem d' acção e valor,
De mouros açoite e raio,
Dera o governo das Índias,
Dom João, nosso senhor.*

*Para os mouros corsarios,
Os nossos mares limpar,
Tinha os meios ordinários,
Que n' esses tempos de brio,
Costumavam empregar:*

Paráos, fustos e almadias
 Para as costas excorrer,
 Mosquetes para agonias,
 Para os alfanges espadas,
 E braços p' ra combater.

Era nos mezes de estio
 Em que o mar é de feição,
 E o numeroso gentio,
 Desde Ormuz até Ceilão,
 Costuma dar bija caça,
 A todo o barco caristão.

Do ancoradouro de Gôa
 Nova armada vae sahir;
 Deus a leve em hora bôa
 P'ra que possa resistir
 A tantos mouros, que as ondas
 de si parecem cuspir!

Já Ledos os marinheiros
 Andam na faina a lidar,
 Contentes e prazenteiros
 As prôas voltando ao mar,
 E á fresca brisa da terra
 Procurando as vellas dar.

Era d'esta linda armada
 Dom João D' Eça o capitão,
 Que com ella auxiliada
 Pelos ventos de monção,
 Cincoenta vellas aos mouros,
 Tomou n' aquelle verão.

E sulcando o immenso lago;
 O bravo de Canamor,
 Para fazer mór estrago
 Foi pojar em Mangalor,
 Que destruiu, semeando
 Nos mouros susto e terror.

Abatida aquella gente,
 Na volta se fez do mar,
 Sem novo p'rigo imminente
 No horisonte avistar,
 Qual eram sessenta vellas
 Todas de mui respeitar.

Eram do Rei Poderoso
 De Calecut essas naus,
 E um capitão mui famoso
 Comandava esses paráos
 Com munições, bôa gente
 E abundância de pardãos.

O capitão, mouro China,
 Cutial por nome tem;
 Traz consigo gente dina,
 De feito, e limpa também,
 Que não teme os elementos,
 Os Portuguezes, - Ninguém!

Assim, correu para os nossos
 Como quem julga vencer,
 E não se lembra dos ossos
 Que seu officio soe ter;
 E nem imagina o modo
 Por que o podem receber...

Travou-se rija batalha
 Como a Índia nunca viu!
 Uma nuvem de metralha
 do nosso lado sahiu
 Contra a chuva d'azagaias
 Que sobre as nossas cahiu.

Depois chegaram mais perto,
 Redobrando o pelejar,
 Fé que d'um medo mais certo
 Já se podiam mandar
 As ballas, lanças e xaras,
 Sem o receio d'errar.

E na immensa gritaria,
 Nas vozes de maldição,
 No verde mar que bramia,
 Do fumo na cerração
 E no gemer do vellame,
 Reinava a destruição!

Cutial, mouro valente,
 Confiava em seu poder;
 Na sua briosa gente,
 Que, sem pé atrás volver,
 Pedacos seria feita,
 Se não podesse vencer.

Com ser muito mais pequena
 A armada de Portugal,
 Lá tinha mais d'uma antenna
 Para enforcar Cutial,
 E bravos para vencerem
 Esse combate naval.

Duvidoso este feito
 N'um teimoso batalhar,
 Fé que os nossos pondo peito
 A proeza d'illustrar,
 Poderam na capitaina
 Enodados penetrar.

E na lucta braço a braço,
 Que sobre a tolda se deu,
 Qual rija muralha d'aço.
 Que prodigios commetteu,
 A nossa briosa gente
 Toda a mourisca venceu.

E, depois de ser captivo
 O valente Cutial,
 Dom João D' Eça o mandou vivo
 De presente a Portugal,
 Ganhando no mar das Índias
 Mais um combate Naval. ⁽¹⁾

Este calipolense é dos Homens, que valem por muitos.

6 - D. Brites de Eça (filha do alcaide-mor D. João de Eça ou 1º), casou com Estevão Ferreira, senhor do morgado de Cavaleiros.

7 - D. Guiomar de Eça, casou com Lopo Vaz de Sampaio, Governador da Índia, que não foi lá feliz, porquanto voltou preso para o reino.

Teve uma filha - D. Maria de Eça, a qual casou com o grande António da Silveira, defensor do 1º cerco de Diu em 1538, mas não teve descendência.

8 - D. Margarida de Eça, casou com Joane Mendes de Vasconcelos, senhor de Alvarenga, o qual julgo ser aquele mesmo desembargador do Duque D. Teodósio I, nomeado atrás.

9 - D. Duarte de Eça, filho ilegítimo do alcaide-mor D. João, serviu também o caminho da Índia, em 1538 com o Vice-Rei D. Garcia de Noronha lá serviu muitos anos.

Foi a Cota (Ceilão) em 1551 com o Vice-Rei D. Afonso de Noronha e ficou lá por capitão de Columbo, onde não se portou muito bem. Foi capitão de Maluco em 1555 por nomeação do Vice-Rei D. Pedro Mascarenhas e também se mostrou mais amigo dos seus interesses particulares, que dos d'El-Rei.

Por isso prenderam-no, mas vindo para o reino cá se defendeu e ficou livre e culpados os seus acusadores (Couto, Dec.7, L.5, cap.5). Mas em 1566 aparece a militar na Índia outro D. Duarte de Eça que julgo ser diverso.

(1) Lopo Vaz deu ao cunhado o prisioneiro Cutial, que depois de curado foi resgatado por 12 portugueses cativos, 500 cruzados em dinheiro, e uma fiança de mercadores ricos de Cananor para não mais se meter em guerras contra nós. Segundo a Dec.4 de João de Barros, esta proeza teve lugar em 1528 e não em 1529.

Desposou-se com D. Leonor de Faria, filha de Pedro de Faria, capitão de Malaca e Goa, da qual teve muitos filhos; mas não me ocupo deles, visto nascerem e viverem fora desta nossa terra, conforme creio.

10 - D. Manuel de Eça, outro filho ilegítimo do nosso alcaide-mor, passou também á Índia em 1545.

É o que unicamente diz a Hist. Geneal. no tomo XI, pág. 653.

Foi dos capitães do exército que foi descercar Diu (Couto, Dec. 6, L.3, cap. 9).

Por estas datas dos feitos dos filhos de D. João de Eça 1º se vê claramente - não poderem ser atribuídos a um neto factos ocorridos em 1512 - 15, como critiquei atrás. Aquele era outro, seu parente colateral (tio do seu avô).

Ainda lembro o que tenho dito noutros lugares sobre calipolenses famosos, que militaram no Ultramar em tempo dos reis D. Manuel e D. João III principalmente. Havia muitos filhos de fidalgos, a quem seus pais não podiam legar riquezas, como aconteceu aos Eças, restando-lhes o caminho das empresas militares para adquirirem posições lucrativas e honradas; e vivendo nesta vila o Duque D. Jaime, querido sobrinho de El-Rei D. Manuel, uma cartinha dele bastava para obterem do monarca acomodação em bons postos na África e na Ásia.

Lamento por isso que não possamos conhecer as genealogias de tão notáveis personagens, para aqui lhes registrarmos os nomes.

Se os Eças saiam assim todos, quase de chusma, não foram de certo sem arrastarem consigo a muitos patrícios seus.

E é bem para deplorar que os historiadores antigos esquecessem, de ordinário, arquivar o nome da pátria de tantos heróis.

JOÃO FAGUNDES DE ALMEIDA

Licenciado e beneficiado da Matriz da Vila da Castanheira em 1655.

Era filho de Matias Cordeiro de Tauro, já então falecido e de Cecília Fagunda da Costa, que vivia com o filho padre na sobredicta vila.

JOÃO FALCÃO DA GAMA

Foi vereador em 1748, 1756, 1763, 1767 a 1777 (por não virem pautas novas) 1778, 1782 e 1784.

Era natural de Estremoz e filho de Manuel Alvares da Gama e de D. Francisca Mariana da Silva.

Casou em São Bartolomeu no ano de 1731 com D. Bernarda Antónia de Sousa, natural do Vimieiro, irmão do Padre Inocêncio de Sousa Mialha, capelão da Real Capela e Misericórdia e musico no Colégio dos Reis, quem teve a Joaquim Falcão da Gama e Sousa e ao Padre José Falcão da Gama e Sousa, nomeados a-diante. Faleceu em 30 de Julho de 1787.

Era escrivão dos órfãos em 1749.

Morava no Baixo Rossio na casa que tem três janelas viradas para o poente e ali fabricou uma varanda á esquina em terra do concelho, metendo para dentro um poço concelheiro, que se acha tapado, como ficou dito no cap. VI do tomo I. Essa casa passou para o domínio de seu filho Joaquim Falcão; deste herdou-a sua filha D. Bárbara e desta sua filha D. Gertrudes, casada com José Elisardo Pombeiro, que a melhorou.

D. JOÃO DE FARO (E SOUSA, depois)

Vivia nesta vila em 1554, sendo fidalgo do Duque D. Teodósio I (Hist. Gene tom.6, pág.59). Estes Faros, assim como os Noronhas e Melos, eram parentes da Casa de Bragança por parte de D. Afonso de Bragança, Conde de Faro (pode ver-se atrás). Por isso mesmo El-Rei D. João IV fez Conde de Odemira a D. Francisco de Faro em 1646.

Em 1779 tinha a capela do Padre João Dias da Fonseca de Borba, que fôra confiscada para a coroa e lhe fôra dada em mercê para ele a administrar.

Em 1784 já possuía a Quinta do Paúl que até então pertencera á Casa Real e anexou-lhe um farregeal de Manuel António Viegas; sargento-mor.

Nos fins da séc. 18 houve em nossa vila outro D. João de Faro, que foi tesoureiro-mor da Capela Real e possuiu a Horta do Paúl, á qual engrandeceu fazendo-lhe casas de sobrado e dispoñdo-a para vir a ser em nossos dias a melhor quinta de nossos subúrbios.

Vivia cá com esse cargo em 1781. Era da mesma família.

JOÃO FERNANDES

Em 1579 vivia nesta vila um mestre deste nome que exercia o officio de ensinar moços a ler e escreveu o testamento de Isabel de Andrade.

JOÃO FERNANDES NOBRE

Vivia na paróquia de São Bartolomeu em 1692, sendo casado com Maria Cordeira.

Foi procurador do concelho em 1701, 1706 e 1715.

Faleceu a 8 de Dezembro de 1716, achando-se viúvo. Morava ultimamente na praça por cima dos Paços do Concelho (actuais).

JOÃO FERNANDES DA SILVA

Capitão de auxiliares em 1703, doa seus serviços pelo tempo de 54 anos na guerra, a sua filha Maria Dias era casada com Francisco Correia (Saial ?). Era já viúvo.

JOÃO FERREIRA DE CAMPOS

Era almoxarife da Casa de Bragança já em 1678 e foi vereador em 1682, 1688, 1689 e 1697. Vindo outra vez pautado para 1702, não pôde servir este cargo por se achar exercendo o de escrivão da câmara, mas foi vereador de barrete ou suplente ainda em 1706.

Casou com D. Helena de Oliveira de Matos, de quem houve uma filha por nome D. Helena Josefa Ferreira, a qual casou com António Penalva de Torres e outra para quem alcançou a propriedade do ofício, que ele tinha de escrivão da câmara. Casando esta com Manuel António de Magalhães transmitiu-lhe o exercício dele.

João Ferreira de Campos era desta vila e morava na Rua de Fr. Manuel nas melhores casas que ali á e que modernamente foram melhoradas ainda por Inácio da Silveira Meneses. Foi ele quem alcançou faculdade para tapar mais abaixo a Rua de Fóra, metendo parte dela para o seu quintal e pondo ali de topo a porta deste.

Faleceu a 22 de Maio de 1708.

JOÃO FIALHO VIEIRA

Filho de Bartolomeu Fialho (veja-se). Nasceu na freguesia de São Bartolomeu, onde foi baptizado a 20 de Março de 1737.

Seu pai o mandou estudar em Coimbra, onde se formou bacharel em canones e depois de receber ordens menores e maiores até o diaconato, ai parou. Era to davia capelão fidalgo da Real Capela desta vila.

Continuou na paróquia de Bencatel os benefícios, que seu pai começara a fazer-lhe, sendo Jufz Perpétuo da Irmandade do Santíssimo e dotando-a em vida com um fôro de seis alqueires de azeite para sustento de uma lâmpada perpétua e com muitas alfaias de prata.

Por último deixou-lhe em testamento um fôro de 80\$000 réis, imposto na Herdade do Vale, perto da Terrugem e livre de contribuições para o senhorio.

Faleceu em 19 de Março de 1806, extinguindo-se com a sua família, que era aduentficia.

FR. JOÃO DE FIGUEROA CASTELO BRANCO

Prior da Matriz em 1706. Filho de Manuel Figuerôa Castelo Branco.

FR. JOÃO FOGAÇA

Deste calipolense faz menção o Mapa de Portugal do Padre João Batista de Castro no tomo 2, pág. 349, diz ele:

"Fr. João Fogaça, religioso da Serra d'Ossa e natural de Villa Viçosa, foi perito na arte da musica, e compôz em solfa luctuosa várias licções e motetes, que se conservam na regia livraria".

Creio que floresceu nos princípios do séc. 18.

JOÃO FRADESSO BELO

Era filho de Filipe Nery Belo e de Josefa Maria que o dotaram em 1791 por ser clérigo. Dota-se a si mesmo por isso em 1793 sendo minorista.

Era parente, por parte de sua mãe de José Fradesso Belo, cirugião e sangrador, que em 1783 veio de Elvas exercer seus officios para esta vila, mas seu pai chamava-se Agostinho Martins: donde se vê que deixou o apelido pater no para tomar os maternos.

Foi aluno interno do Colégio dos Reis, onde o admitiram em 3 de Maio de 1778 e dali saiu habilitado, tanto para cantor como organista e pianista, sob a disciplina do Padre Mestre Galão. Assim pois offerencendo-se-lhe um partido

vantajoso no Funchal, foi para lá estabelecer-se como professor de música e lá morreu velho.

JOÃO DE FRANÇA

Escrivão das sisas em 1640, casado com Branca Dias.

JOÃO FRANCISCO DE SOUSA DA CÂMARA

Era 3º filho de Francisco de Sousa da Câmara (veja-se) e foi baptizado em São Bartolomeu a 28 de Outubro de 1697.

Vindo pautado vereador para 1744, obteve escusa deste cargo por ser militar em serviço activo e dez anos depois tinha o posto de tenente.

Com o nome de João Inácio de Sousa, acho memória de ter casado em São Bartolomeu no ano de 1738, com Joana Teresa Rosa, das Ciladas, de quem houve um filho baptizado em São Bartolomeu com o nome de Pedro em 1738.

Era tenente de cavalaria reformado e morava em Évora no ano de 1766.

Vivia em 1772. Pertencia aos Sousas de Brito, de quem foi tronco Pedro de Sousa de Brito 1º.

Pº. JOÃO FRANCO

Sacerdote, morava na Rua de António Homem, falecido em 24 de Julho de 1623. Instituiu uma capela em seu irmão Padre António Franco e por último na Misericórdia (Tombo 4).

Creio ser diverso de outro de mesmo nome que foi cura de Bencatel 28 anos e faleceu na Rua de Frei Manuel no 1º de Fevereiro de 1651 (tenho cópia do seu testamento).

JOÃO FREIRE DE ANDRADE

Era tenente da companhia do capitão de cavalos Martim Afonso da Fonseca, quando a Guerra da Restauração de 1640, mas em 1691 era já capitão e casado com Catarina Cordeira.

Foi sargento-mor das ordenanças de toda a nossa comarca por patente de 28 de julho de 1701 (L.2, dos Reg. da Câm., fl.315 v.), na qual se recordam os

seguintes serviços, feitos desde soldado até ao posto de tenente de linha, durante 45 anos a saber: tomar parte na Batalha das Linhas de Elvas em 1659; no socorro de Évora, onde entrou duas vezes com cartas em 1663, ficando prisioneiro á segunda; assistir á Batalha de Montes Claros, etc..

Faleceu em 1712 a 20 de Março.

Era calipolense e viúvo de Catarina Cordeiro.

JOÃO GALEGO

Capitão de cavalos, que vivia em 1605.

JOÃO DA GAMA DE MORAIS

Senhor do morgado dos Moraes do Alandroal em 1661.

Vivia cá. Dele procederam D. Isabel da Gama Cogominha, em que acabou a linha recta dos Moraes do Alandroal, passando o morgado da linha colateral dos Sousas de Brito.

JOÃO GOMES

Porteiro da Duquesa D. Leonor de Gusmão em 1512.

(Hist. Geneal.)

JOÃO GOMES

Criado e minorista em 1703, filho de Manuel Gomes e de Joana Dias. Dotou-se para servir clérigo das ordens sacras.

JOÃO GOMES DA SILVA

Advogado nesta vila em 1654 a 1665.

Em 1662 era advogado da Misericórdia um licenciado deste mesmo nome. Foi casado com Isabel Gomes Freire e teve a Paulo Gomes da Silveira.

JOÃO GOMES VAQUEIRO

Sacerdote e reitor do Colégio dos Reis, falecido na Matriz a 13 de Dezem-

bro de 1707.

JOÃO GOMES VIEIRA

Serviu a Casa de Bragança, que lhe deu a Comenda de Santa Maria de Babe e achou-se em 1578 na Batalha de Alcácer Quibir, acompanhando ao Duque de Barcelos D. Teodósio II. (Parnaso, L.2, cap.33; e Hist. Geneal., tom.6,pág.310)

A geração dos Vieiras continuou em nossa vila por tempo ainda.

Era casado com Maria d'Almeida. Ainda vivia em 1652.

JOÃO GRAMACHO DE AZEVEDO

Era casado com Antónia Jorge, sobrinha do Bispo de Cabo Verde D. Fr. Francisco da Cruz, da qual não teve sucessão.

Depois de ter vivido na sua casa da Corredoura á esquina no norte da Travessa do Valderrama, em frente da casa dos Machados, passou em 1601 á cidade da Ribeira Grande de Santiago de Cabo Verde a exercer o cargo de feitor da fazenda de D. Maria Henriques, situada na Praia Formosa, com o honorário de 30:000 réis anuais.

Ali faleceu em 1604 com testamento no qual deixou á Misericórdia a sua metade com o encargo de 4 missas rezadas em cada ano. A mulher tinha ficado cá e fez partilhas com a Misericórdia em 6 de Setembro de 1606, nessa escritura já é nomeada a Travessa do Valderrama, onde tinha o casal um lagar de uvas, contíguo á residência do mesmo casal e partindo com o quintal de Arcápio de Andrade (Tombo 1º da Misericórdia).

A sua casa conserva ainda a sua antiga aparência na Corredoura, esquina do norte da travessa nomeada.

Nas notas públicas achei um instrumento de perdão, que ele deu a Bráz Gomes e outros que lhe haviam ferido o seu escravo Gaspar á Fonte da Cebola.

JOÃO GUERRA

Juiz dos órfãos em 1531.

JOÃO GUERRA CASTANHO

Vereador mais velho e juiz pela ordenação em 1588. Possuía a Herdade dos Pardais, junto a Bencatel que ainda conserva o nome de Guerra e que então se chamava do Carril por passar por ele uma carreteira para a Lagoa dos Pardais.

Vereador em 1616.

Deixou à Misericórdia as suas casas do Adro de São Bartolomeu, que aforou em 1620 ao licenciado Gaspar Faz. da Torres por 9:400\$ réis.

Foi casado com D. Maria da Guerra.

JOÃO DE GUSMÃO

Foi vereador em 1704, 1707, 1710, 1715, 18, 21, 25, 31 e 1735.

Em 1683 era escrivão da almotaceria.

Em tempo serviu de escrivão da câmara e muito bem; pois tinha boa forma de letra e deixava grandes margens nos livros.

Casou a primeira vez em 1680 com Francisca Girôa da Silva, filha do capitão do castelo João Soares da Silva e de sua mulher Maria Girôa e não teve filhos do matrimónio; e a segunda em 1683 com Angêla Cordeira, de quem teve descendência.

João de Gusmão era filho de Domingos Gonçalves Canhão e de Catarina de Santo António e neto paterno de outro João de Gusmão, todos calipolenses.

Faleceu a 6 de Abril de 1731, sendo sepultado em S. Paulo.

JOÃO INACIO DE ALMEIDA VALEJO

Filho de Francisco Cândido de Almeida Valejo (veja-se) e baptisado na freguesia de São Bartolomeu a 17 de Fevereiro de 1759.

A maneira de seus antepassados seguiu a carreira das armas, até que no ano de 1808 o reformaram em capitão (se bem informado estou).

Em 1811 estava na sua pátria, morando ao cimo do Rossio na casa nobre que está entre as ruas de Fóra e Frei Manuel.

Escravo mesário em 1812. Serviu o cargo de vereador em 1812 e 1819. Ainda era vivo em 1821, mas faleceu pouco depois fóra desta vila.

Casou e teve descendência: dois filhos seus varões tinham então praça assente no regimento de cavalaria nº 2, aquartelado em nossa vila; e algumas fi

lhas que houve, retiram-se depois da sua morte para Évora ou para outra parte, de forma que hoje não existem descendentes seus em Vila Viçosa.

João Inácio era homem inteligente, esperto e activo, como provam dois factos que vou referir.

O primeiro deu-se em Évora no ano de 1792, durante a célebre impostura da Beata d' Évora (Ana de Jesus Maria), achando-se ele comandando a guarda que custodiava a casa da fingida morta. Suspeitou que havia ali uma refinada intrujice; e tanto espreitou pela fechadura de uma porta, que observou - tornar-se viva a dita beata a tomar um caldo, ministrado por sua família no centro da noite. Chamou então a gente da guarda para os dar por testemunhas daquele facto, e deitou por terra a impostura, cabendo-lhe a ele essa glória, como consta de vários escritos publicados sobre este acontecimento.

O outro deu-se em Vila Viçosa no ano de 1812, sendo ele já official reformado e vereador mais velho e servindo de juiz de Fôra no impedimento do juiz Pimentel. No meio de repetidas requesições de pão, cevada, palhas e fenos para tropas nacionais e inglesas, passava também por esta vila um trojo ou divisão de espanhóis, mandados por um official general e este exige de Valejo umas tantas mil rações de pão, que nesse ano estava ainda muito caro. Os meios, de que dispunha a câmara eram escassissimos e tanto por isso, como por verificar a justiça da exigência, diz João Inácio ao general castelhano, achando-se ambos rosto a rosto no meio da praça nova:

" - Mestre, usted, o seu itinerario ..." .

Ouvindo isto, exarcebou-se o estrangeiro. Não queria mostrar o itinerário, desentoando-se aliás nos termos; e o Valejo insistiu em não mandar aprontar as rações em quanto ele o não fizesse, como era da sua obrigação. Resolvido por fim a mostrá-lo, viu o nosso patrício que o itinerário da brigada era por Juro menha e não por Vila Viçosa, e por consequente respondeu - "*que não lhe mandava dar ração alguma.*". Eis logo o castelhano a ervetar radias contra ele e a ameaçar a vila com um saque, se não lhe fossem entregues os mantimentos requisitados; mas João Inácio, a quem não faltavam brios e coragem, apesar de adiantado em anos, mete a mão á espada, desembainha-a e replica-lhe aceso em ira:

"*E eu mando tocar a rebate no sino da câmara; ponho o povo em armas e não ha de eslapar aqui com vida um só hispanhol!...*".

Rebatida com tão nobre orgulho a insolência do castelhano, voltou este a expressões mais brandas e pacíficas, dizendo já mansamente:

"*Puesquiere, usted que mis soldados mueran de hambre?!.*".

"Não, sr.," respondeu o juiz: *"por caridade se dará alguma cousa, mas não por força."*, mandou então preparar o pão, que entendeu poder e dever dar e não as tantas razões, que o castelhano pretendia e com elas se foram andando para o seu reino.

Durava ainda a Guerra Peninsular, em que os espanhóis fizeram causa comum com os portugueses.

Os Valejos eram antigamente moços fidalgos da Casa de Bragança. (veja-se Je rónimo Valejo de Máris)

JOÃO VIEGAS CORREIA

Casado com Maria de Torres Salazar.

Era falecido já em 1707 e vivia a viúva.

JOÃO BARROSO

Vereador em 1524 (notas).

D. JOÃO DIOGO DE ATAIDE

Conde d' Alva, general do Alentejo. Compra em 1724 o Colmeal no sítio do Mi serral a Brites Coelha, e depois toma de aforamento um pedaço de coutada de pinhal e forma a Quinta do General. Era casado com D. Constança Luísa Aldonça Pe reira.

JOÃO FRZ. CORDEIRO

Cavaleiro da casa do duque, lavrador, senhor da Herdade dos Cordeiros do Ca dousso no termo do Alandroal.

Sua filha D. Ana Cordeira casou com André Mendes de Almeida.

JOÃO DA FONSECA

Casado em 1642 com Maria de Sampaio, viúva de Gonçalo Mendes Mergulhão. Seguiu a corte para Lisboa e lá estavam morando no dito ano.

Fôra cá tesoureiro da fazenda do duque.

JOÃO GOMES

Licenciado e advogado, que vivia cá em 1650-60.

JOÃO JOSE DA ASCENÇÃO

Era procurador do povo ou dos mistéres em 1780 e tinha por colega a Rodrigo Mendes. Requereram ambos e alcançaram da câmara uma postura para não entrar na vila vinho de fóra do concelho, enquanto houvesse do nosso, com pena de seis mil réis para quem a transgredisse.

Casou na Matriz em 1748 com Maria Teresa, filha de Lourenço Pereira e Josefa Maria, natural de Évora. Ele era de Vila Viçosa e filho de Manuel Rodrigues e Joana Gomes.

JOÃO DE LEMOS

Em 1503 era guarda-roupa do duque e era casado com Catarina de Bessa e tinha uma filha de maior idade, que se chamava D. Joana de Bessa (notas).

Serviu a Casa de Bragança e assistiu em 1578 á Batalha de Alcácer Quibir.

(Parnaso, L. 2, cap. 33; e Hist. Geneal., tom.6, pág. 310)

Outra filha, era casada em 1610 com Simão Sodré da Gama, e todos moravam na Rua dos Fidalgos no quarteirão de casas de Fernão de Castro, a quem compraram no mesmo ano (notas).

JOÃO LOBO DO CARVALHAL

Baptizado na Matriz em 1633, filho de Pero Lobo Tavares e de Isabel Belas.

Foi capitão de ordenanças, eleito em 15 de Julho de 1658, quando grassavam a Guerra da Restauração.

Era tio materno de Jerónimo Rogado do Carvalho. Há na ribeira de Pardais uma azenha com o nome de Azenha do João Lobo e supponho recordar o deste patrício.

JOÃO LOPES DE ABREU

Licenciado. (Veja-se Belchior Roiz)

JOÃO LOPES D' ARCA ou DAS ARCAS

Este calipolense era primo-irmão de Francisco de Moraes Sardinha, autor do Parnaso de Vila Viçosa, donde resumo a notícia dele (L. 2, cap. 43).

Era dextro e valente; por cuja razão o Duque D. João I o nomeou em 1580, capitão governador do castelo de Vila Boim.

Por escritura de 17 de Janeiro de 1595, doou um terço da Herdade de Santa Helena em Pardais.

Mas antes dele já tinha havido outro do mesmo nome, por quanto no registo da Matriz acho memória de falecer um João Lopes d' Arca em 31 de Maio de 1569.

Seria pai ou tio do sobredicto. Os Arcas, Garcias e Moraes eram das famílias mais antigas de Vila Viçosa, segundo o citado Parnaso.

JOÃO LOPES NETO

Filho do advogado Fernão Neto e sobrinho dos Drs. Cosme Lopes e Manuel Lopes. Seguindo a carreira de seus tios, formou-se em medicina e regeu, como eles uma cadeira na Universidade de Coimbra nos fins do século 16. Esta notícia é do Parnaso de Vila Viçosa, L. 2, cap. 55.

Em 1588 vivia nesta vila (notas), sendo casado com Guiomar de Oliveira.

JOÃO LOPES VALADAS

Capitão de cavalos, que morava cá em 1711. Vivia em 1729, sendo casado com D. Maria Mendes Bardenta.

JOÃO LOURENÇO CANHÃO

1 - Houve um que era filho de Manuel Lopes Canhão e de Maria Coelha, sendo nascido em nossa vila e casou primeiramente em 28 de Fevereiro de 1711 com Isabel Maria de Souto também nossa patrícia, filha de António Cardoso e Francisca de Souto.

2 - O outro a que me refiro directamente e era seu filho, foi bacharel em canones e sacerdote, advogado em 1711, grande benfeitor do Beatério, ao qual deixou em testamento 50\$000 réis de fôro na Herdade dos Abegões além do Guadiana, por morte de sua irmã Rita Nery do Espírito Santo que era filha de José da

Rosa e Francisca Xavier, ela era mulher de Paulo Rebelo de Figueiredo.

O Dr. João Lourenço Canhão era sobrinho de outro do mesmo nome; era filho de Catarina Maira e irmão de Vicência Rita Nery.

Em 1804 já possuía a Herdade dos Abegões no termo de Juromenha e V^a. Real, que arrendou em 96\$ réis.

Faleceu a 20 de Março de 1806 e a dicta irmã, cinco anos depois.

JOÃO LOURENÇO REBELO

Foi mestre da Capela Real e do Colégio dos Reis e cavaleiro da Ordem de Cristo. Por ser de pequena estatura lhe chamavam nesta vila o *Rabelhinhos*, diz Cadornega na sua Descrição de Vila Viçosa.

Faz dele menção a Hist. Geneal., tomo 7, pág. 241, a propósito de falar nas obras musicais de El-Rei D. João IV, que muito o estimava e lhe dedicou o seu escrito *Defensa de La Musica Moderna*, publicado em 1649. O mesmo rei, sen do sómente duque o fez fidalgo da sua casa e Comendador de São Bartolomeu do Rabal (Hib.).

Também emigrou para Lisboa em 1640.

Ignoro a sua naturalidade, sei apenas que o Duque D. Teodósio II o chamou para companheiro de um filho na aprendizagem da música para o qual seu filho não mostrava inclinação, e servir-lhe assim de estímulo suave para se dedicar a esta bela arte. Casou-se portanto em nossa vila, morando no Paço ou nas cer canias dele.

JOÃO LUIZ

Era ourives em nossa vila, encarregou-lhe o Arcebispo de Évora D. Teotónio de Bragança em 1588 a feitura de uma lâmpada de 200 marcos para a Sé de Évora do que se fez escritura com fiança de 600\$ réis.

Fôra dado o risco da lâmpada por Nicolau de Frias, architecto notável da é poca; o que prova ser João Luiz um bom ourives.

JOÃO LUIZ DE OLIVEIRA

Contador da fazenda do estado em 1647.

Era filho de Manuel de Oliveira.

JOÃO MACHADO

Era cavaleiro fidalgo e provedor da Misericórdia em 1557.

JOÃO MARQUES

Ajudante de infantaria em 1645. Era filho de Manuel Marques, mercador.

Era falecido em 1659, deixando dois filhos orfãos de nomes Manuel e Francisco, de quem foi tutor Manuel Fróis.

JOÃO MARTINS BUTRAGO

Ataqueiro, de alcunha, viúvo de Inês Afonso, falecendo em 1588.

Era tendeiro ambulante. Deixou á Misericórdia uma vinha.

(Tombo 1.^o da Misericórdia)

JOÃO MARTINS CEPA

Criado da Casa de Bragança. Foi acompanhar a Africa o Duque D. Teodósio II e lá ficou prisioneiro na Batalha de Alcácer Quibir em 1578 (Parnaso, L. 2, cap. 33, e Hist. Geneal., tomo 6, pág. 310).

JOÃO MARTINS FRANCO

Nascido em 1647. Era filho de Manuel Vaz, boticário e de Francisca Lopes que vivia no dito ano, sendo já viúva.

D. JOÃO MALDONADO DE AZEVEDO DA GAMA LOBO

Vivia em Évora em 1778 com seu filho e imediato sucessor D. João Maldonado e arrendam por 3 anos a Inácio da Costa do Carvalho a sua Herdade dos Amados pouco depois aboliram o vínculo e venderam a posse da herdade ao Padre José Inácio da Costa, filho do sobredito.

Estes Maldonados residiram muito tempo em Terena, também tinham uma quinta á Fonte Santa, onde está a dita fonte, partindo com a Quinta do Martinho.

D. JOÃO DE MELO

O segundo prelado que teve a igreja eborense depois de elevada á categoria de arcebispal e metropolitana, deu-lhe Vila Viçosa. Foi D. João de Melo imediato sucessor do Cardeal-Rei D. Henrique na mesma dignidade prelatica.

Seus pais chamavam-se Pedro de Castro de Azevedo, senhor dos lugares de Ferreira Passada, alcaide mor de Melgaço e Comendador de Santa Maria de Ausime, junto a Guimarães - e D. Brites de Melo, filha de João de Melo, Comendador de Casével na Ordem de Cristo.

Estudou ciências sagradas na Universidade de Salamanca, onde floreceu e frutificou o seu fecundo engenho com admiração de todos os mestres, recebendo o grau de doutor na Faculdade de Direito Pontifício.

Voltando ao reino, foi admitido por doméstico do Cardeal Infante D. Afonso Bispo de Évora, que venera na sua pessoa aquela inteireza de costumes, que o habilitavam para lugares mais honoríficos, eclesiásticos e seculares.

Foi Inquisitor do Régio Tribunal do Santo Offício de Évora em 1536, e do de Lisboa em 1539.

Deste alto emprego foi promovido a deputado da mesa da consciência e ordens, e depois a presidente do desembargo do Paço: lugar occupado até então pelos próprios monarcas.

Atendendo aos seus merecimentos, El-Rei D. João III o apresentou em 1549, Bispo de Silves ou do Algarve, onde como vigilante pastor, celebrou sinodo diocesano em 14 de Janeiro de 1554.

No ano seguinte foi assistir ao sagrado Concílio Tridentino, congregado segunda vez pelo Sumo Pontifício Júlio III; e em tão venerável congresso foi admirada a sua grande literatura.

Restituido novamente ao reino, foi nomeado regedor das justiças, de cujo cargo tomou posse a 17 de Setembro de 1557, devendo-se á direcção de suas prudentes máximas que a justiça fosse observada, ficando triunfante do respeito dos poderosos e do suborno dos delinquentes.

Constituiu pelo Cardeal Infante D. Henrique e seu coadjutor, provisor e vigário geral no Arcebispado de Évora, de quem ele era então pastor houve também por sua renúncia esta alta dignidade no ano de 1564.

Em Évora celebrou também sinodo dicesano em 1565, abrindo-o com uma elegante oração, recitada pelo dominicano e insigne arqueólogo Fr. André de Resende.

Em 1573 convocou um concílio provincial para maio do ano seguinte, e lançou

a primeira pedra do Colégio do Espírito Santo por comissão que lhe fôra dada pelo Cardeal D. Henrique.

Na Sé fez o púlpito que hoje existe, embebido em uma coluna da nave central; e reedificou o Paço Arcebispal, mandando-lhe fazer um jardim em todo o andar superior, que agora se acha transformado em salas espaçosas e habitado pelos prelados.

Regeu dez anos a Igreja de Évora, depois de ter regido quinze a do Algarve.

Faleceu a 5 de Agosto de 1574; e jaz na Capela da Ceia do Senhor (que reedificara também) com este singelo epitáfio: *“S. de Dom João de Mello, Arcebispo d' Évora. Faleceu a 5 d' Agosto de 1574”*.

Teve por sucessor na cadeira de São Manços o seu próprio antecessor o Cardeal D. Henrique.

Atribuem-se-lhe as Constituições do Bispado de Silves e as deste Arcebispa do de Évora, impressas por André de Burgos na mesma cidade em 1565.

Mais se lhe atribue o livro *Declaração dos Mystérios da Missa*.

Deixou de sua pena outro raríssimo, intitulado, - Princípios e fundamentos da Cristandade ou diálogos com um breve sumário de lembranças do que cada um deve guardar no estado de vida, que tomou e reimpresso pelo referido André de Burgos em 1566.

Esta noticia é da Biblioteca Lusitana e dos Esboços dos Arcebispos de Évora por A. F. Barata.

Não esqueça nunca a glória, que este calipolense deu á sua pátria, sendo um dos três prelados portugueses, que assistiram ao Concílio Ecuménico de Trento. Os outros dois foram, D. fr. Bartolomeu dos Mártires, Arcebispo de Braga; e P.^a. Fr. Gaspar do Casal, Bispo de Leiria.

JOÃO DE MELO DE CASTRO

Vivia cá em 1668 e era senhor da herdade de mestre Fernando no termo do Alandroal.

JOÃO DE MELO DA SILVA LOBO

Era parente do 1.^o Conde das Galveias, Dinis de Melo e Castro e militar também. Casou em 1669 na Freguesia de São Bartolomeu com D. Maria de Moura e deste matrimónio procedeu Luís António de Melo Lobo 1.^o (veja-se).

D. Maria faleceu em 1731 sendo já viúva.

JOÃO MENDES CEPA

Era lavrador, faleceu a 3 de Maio de 1632 com testamento que se acha registado na Misericórdia, tombo 2º. Era então viúvo de Ana da Veiga de Andrade, mas tinha casado primeiro com Catarina Rodrigues de Borba.

Deixou a Vicente de Matos a terça que herdaram desta e duas vacas paridas, etc.. Do resto dos seus bens formou uma capela com obrigação de 100 missas em favos de Gonçalo Mendes Mergulhão ou de Vicente de Matos, se aquele falecesse primeiro que o testador. Deixou á Misericórdia 4\$000 réis.

Sepultou-se nos Capuchos onde jazia sua mãe.

JOÃO MENDES LEITÃO

Meirinho da correição em 1601. Contador em 1624.

Pai de Gaspar Mendes Leitão. Ainda vivia em 1626, mas entrevado. Em 1628, meteu freira em Santa Cruz a sua filha Beatriz Pinheiro, com dote de 380\$réis.

JOÃO MENDES DE MATOS

Era mesário da Misericórdia em 1588-89.

JOÃO MENDES MIGUENS

Este calipolense era filho de Manuel Gil Barregão e de Isabel Mendes Miguéns, e irmão de Francisco Gil Barregão, já nomeado. Foi aluno interno do Colégio dos Reis, como seu irmão, admitido ali no 1º de Julho de 1717.

Saiu bom cantor e por isso El-Rei D. João V mandou-o ir para a Sé Patriarcal.

JOÃO MENDES MEXIA

Escrivão dos órfãos em 1746 e 1744.

Vivia com sua irmã D. Maria Josefa dos Santos Mimosa.

DR. JOANNE (ou JOÃO) MENDES DE VASCONCELOS

Está registado o seu testamento no tomo 1º da Misericórdia, a fl. 67.

Parece que era natural de Elvas onde tinha irmãs-freiras e nomeou como herdeiro dos remanescentes a seu irmão Simão de Sousa, que julgo ser de Elvas.

O que tomou mais notável o seu nome foi lembrar-se ele de favorecer o Colégio dos Meninos Orfãos, deixando-lhe por morte de suas irmãs uma pensão de seis moios de trigo na Herdade do Freixo, termo de Elvas, com a pensão de uma missa mensal dita pelo reitor do dito colégio, mas depois houve opposição das suas irmãs freiras e teve de compor-se com elas a Misericórdia e ficar apenas um oitavo e meio de dez moios que rendia a dita herdade, isto é um moio de trigo e meio de cevada e o contingente da pitança em dinheiro.

Também deixou á Misericórdia os seus gastos, o quinhão que tinha na defesa do Pereira e duas camas de hospital.

Era letrado e creio que sacerdote, por isso que legou a um clérigo pobre uma loba frisada com sua roupeta e capelo.

Faleceu a 6 de Abril de 1560 e mandou sepultar-se na Igreja da Graça (Santo Agostinho), sendo levado pela confraria da Misericórdia mediante a esmola de 1:000 réis; ordenou missas a rol no dia do seu óbito por todos os padres e frades, e um officio cantado pelos gracianos, ofertado com 2 sacos de trigo, 2 carneiros e 1 odre de vinho, mandou vestir 12 pobres de pano pardo, sendo os varões com pelotes, carapuças e calções e as fêmeas com fraldilhas e sainhas etc.; se de um officio fúnebre aos capuchos, recebendo em esmola 50 varas de dural pardo para hábitos; liberta o seu mulato António, dando-se-lhe ainda um vestuário, uma cama e 10\$000 réis em dinheiro, e manda que seu irmão Gaspar se mande ensinar um officio; manda vender o seu escravo Amador para despesas do testamento.

Diz mais: "*Se eu fallecer primeiro que sejam acabadas as minhas casas de Sancta Luzia, que se vendam por preço que seja justo, e o dinheiro se dê também a seu irmão (Simão de Sousa).*".

Agora saiba-se que o testamento foi escrito em 16 de Setembro de 1557, e que portanto se construíram nesta época as casas da Rua de Santa Luzia, e que esta Rua recebera tal nome por já existir perto dela a ermida nomeada.

JOÃO MESQUITA DA SILVA

Fidalgo da C. R., morava nesta vila em 1702 por ter casado com D. Joana M. Luísa Mascarenhas, filha de Pedro Mascarenhas da Gama. No dito ano deu de arrendamento em 180\$ réis anuais um morgado que tinha no Redondo.

Dele descendeu Jorge de Mesquita 1º. Nesse ano deu quitação ao sogro do do te de 12\$ réis que fizera à sua filha que casou com ele. Vivia cá em 1716.

Em 1733 morava em Torres Novas.

Outro João Mesquita da Silva Avilez Marcos neto, era senhor dos morgados já em 1771 e morava em Torres Novas e veio cá.

Era falecido em 1779.

JOÃO MEXIA

Vereador em 1582 (L. 1 dos Reg. da Câm., fl. 73).

Era fidalgo dos Duques D. Teodósio II e D. João II, e tomou parte nos festejos de seus casamentos em 1603 e 1633 (Hist. Geneal., tomo 6, pág. 434; e Descrição de Vila Viçosa por Cadornega).

Era casado com Isabel Castanha, creio filha do licenciado António de Gouveia, e serviu a Misericórdia como confrade muitas vezes. Possuiu em Borba a Herdade da Fonte da Pedra.

No ano de 1609-10 foi provedor da Misericórdia. Em 1607 e anos seguintes, foi síndico dos Capuchos e quem administrou as obras da fundação do seu 3º convento. Parece-me que faleceu em 1637, pois vejo nesse ano foi dada a António Cavide a comenda desd. Pedro de Bode, que vagara por morte do sobredito.

E em 1638 já D. Isabel era viúva.

JOÃO MIGUENS GALVÃO

Era filho de Francisco Galvão, guarda-roupa e camareiro do Duque D. Jaime e de sua mulher Maria Miguéns de Seixas cujos ascendentes eram criados da Casa de Bragança.

Este Francisco Galvão era advérficio e tronco dos Galvões da nossa terra, porque nela casou como dito é, e houve um neto do seu mesmo nome.

João Miguéns Galvão, seu filho e natural desta vila, casou com Antónia da Guerra, natural de Estremoz e tiveram o dito Francisco Galvão 2º do nome e 1º

nascido entre nós.

Foi fidalgo cavaleiro da casa do Duque D. João I e seu estribeiro-mor. Em 4 de Setembro de 1564 assinou-lhe o mesmo duque uma pensão anual de 29\$000 réis pelos seus serviços e pelos que fizera seu pai á Casa de Bragança (Vida de Franc. Galv. por L. A. Galvão Mexia).

JOÃO MORENO

Contratado cavaleiro do duque em 19 de Fevereiro de 1603.

Só teria paga 6 anos e fóra destes só a moradia como os mais (notas).

Devia ser filho de Pedro Moreno (?).

Era escrivão da correição em 1639 e casado com Brites de Faria.

JOÃO DA MOTA DA GUARDA

Filho de Manuel da Guarda. Acompanhou seu pai em Ourém onde servia o off cio de escrivão da correição mas em 1652 vem para cá e casou com Angela Monteiro viúva de Gregório do Souto. Em 1654 comprou o officio de escrivão da almotacaria, que estava na mão da viúva de António Mendes de Andrade.

JOÃO DA MOTA GUILHERME

Em 1634-35 foi escrivão da mesa da Misericórdia um indivíduo deste nome com um frei atrás. Vereador em 1619.

Outro foi vereador em 1644 e era filho de Gaspar da Mota Guilherme e de Ana Vieira e recebeu o baptismo na Matriz a 30 de Setembro de 1587. Este deveria ser tio do seguinte que foi lavrador.

Em 1612 era casado com D. Bárbara Serrão, que era filha de Nicolau da Veiga e de Isabel Mendes de Azevedo.

Segundo Cadornega, assistiu em 1633 ao Duque D. João II no seu casamento, indo na comitiva com seu sobrinho e licenciado Afonso Nobre.

O mesmo diz que era irmão do capitão da guarda do duque, Francisco Serrão da Veiga, o que significa ser este igualmente irmão de Manuel da Guarda, pai de Afonso Nobre.

A no termo do Alandroal uma herdade, que se chama *Da Motta*, e que pertenceu ao sobredito, como consta do testamento do Duque D. Teodósio II.

Mais notícias: João da Mota Guilherme, casou na Matriz a 7 de Outubro de 1617 com D. Bárbara Serrão, filha de Nicolau da Veiga e de Isabel Mendes da Silva. Parece pois que em vez de irmão se deve antes julgar cunhado de Francisco Serrão da Veiga; pois o registo paroquial é mais seguro do que a remiscência de Cadornega.

Em 1664 vivia nesta vila um João da Mota, escrivão da almotaceria, o qual foi preso no dito ano pelo Santo Offício provalvemente por efeito de o ter sido já o seu parente Afonso Nobre (veja-se); mas devia ser 2^a deste nome, fi lho ou próximo parente do anterior. Assim consta das vereações (nomearam a Francisco Lobo Pinheiro durante o seu impedimento).

Este segundo João da Mota casou em São Bartolomeu no ano de 1653 com Angela Monteiro.

JOÃO NEPOMUCENO DA CUNHA RIVARA

Filho do médico de Arraiolos António Francisco Rivara e de D. Maria Isabel da Cunha e irmão do Concelheiro Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, que se tornou bem conhecido, como secretário do governo da Índia e literato.

Seguindo a carreira de seu pai e do precedente irmão, formou-se bacharel em medicina pela Universidade de Coimbra e depois de ter exercido a clínica em Nisa por algum tempo, veio tomar posse dos partidos da câmara, misericórdia e conventos da nossa vila em 2 de Julho de 1846. Ao cabo de pouco tempo casou com D. Mariana, filha de Manuel Bernardo de Brito Peracha; e falecendo esta sem descendência em 1876, passou a segundas com uma sobrinha materna da mesma, por nome D. Maria do Carmo Namorado, que há muitos anos estava em sua casa.

Tornou-se notável na clínica médica sobre cura de cataratas em que se mostrou sempre insigne especialista e mais ainda pelo seu desinteresse no tratamento dos enfermos, não exigindo avultadas remunerações aos ricos ou remedidos, e curando os pobres de graça, como médico da misericórdia.

E por outra parte não arruinou com isso a sua fortuna em bens de raiz; pois não só conservou os bens herdados de seus pais e sogros, mas comprou outros, entre os quais figura a Quinta da Cebola de Cima, por ele grandemente melhorada e tratando-se aliás á lei da nobreza com seu caleehe.

Faleceu em 12 de Abril de 1889 (Sexta-Feira das Dores) á meia hora da manhã de apoplexia cerebral em segundo ataque, achando-se algum tanto leso da

mão e perna direita há três anos.

JOÃO FILIPE MIGUENS DE RESENDE

Filho de Martinho Filipe Miguéns (veja-se). Foi baptisado em São Bartolomeu a 4 de Fevereiro de 1739.

Por carta régia de 29 de Março de 1773 foi provido no officio de escrivão dos órfãos desta vila, em atenção a ser natural da mesma e ter de alimentar a sua mãe e três irmãs donzelas. Cavaleiro da Ordem de Aviz em 1780.

Mais tarde era cavaleiro professo na Ordem de São Bento, tratava-se á lei da nobreza, tendo sége e bons cavalos, em que negociava, comprando-os para os vender ao estado nas remontas do exército; e morava no Rossio entre as Ruas de Fr. Manuel e António Homem.

Comprou em 1785 por 450\$ réis as casas nobres do Rossio a uns lavradores da Herdade da Misericórdia de Juromenha. Aforavam-lhe as freiras da Esperança em 25\$ réis a Herdade da Cabreira e em 1788 abateram-lhe 5\$ réis, com autorização do administrador do convento, desembargador Miguel de Oliveira.

Creio que trazia de arrendamento a escrevaninha dos órfãos.

Nomearam-no em 1808 notável para manter a ordem no povo, não se insurreicionasse este contra os franceses, sendo o seu distrito o alto do Rossio Rua de Fr. Manuel e Praça Nova.

Em 1809 exerceu o cargo de vereador e vindo outra vez pautado para 1813 pediu excusa, alegando ter quase 80 anos.

Nunca tomou estado. Faleceu a 9 de Janeiro de 1816; e jaz na Casa do Capítulo dos seus visinhos e amigos frades paulistas.

Os seus bens, em que entrava a Quinta das Casas Altas, passaram para seu irmão mais novo Joaquim António Miguéns.

D. JOÃO DE NORONHA

(Veja-se D. Luís de Noronha 1º).

JOÃO DE OLIVEIRA

Comendador e governador da praça de Peniche em 1656.

JOÃO PACHECO RAVASCO

Licenciado em leis, filho do médico Francisco Pacheco.

Era Juiz de Fôra de Montalegre em 1613. (notas), e em 1616 em Vila do Conde.

Esteve para casar neste ano com Catarina Franca, filha de Gaspar Lopes Franco, escudeiro do duque.

JOÃO PALHA DE ALMEIDA

Foi vereador em 1661.

Era natural da Matriz, onde foi baptizado em 1638 e filho de Manuel Reimondo Fagundes e de Francisca de Almeida Palha, também nossa patrícia e casou em 1656 com D. Maria de Castro, filha de António de Castro Pereira e de D. Luiza de Mesquita, natural de Sousel, com dispensa apostólica por serem parentes. Mas em 1681 com D. Maria Borralha de quem teve sucessão na Matriz.

Em 1759 vivia outro deste nome sendo capitão de infantaria do Regimento de Penamacor. Tinha cá vários prédios como a Herdade dos Arrifes em Juromenha e outras fazendas em Terena, que arrendou no mesmo ano.

JOÃO PEDRO DA COSTA FEIO

Filho bastardo de João da Costa Feio e seu herdeiro, casado com Catarina Bernarda da Fonseca e Brito Guerreiro em 1732.

JOÃO PEREIRA CASTANHO

Em 1648 vivia cá um deste nome, casado com Brites Pereira.

Foi procurador do concelho em 1710, 1713, 1717, 1724 e 1743 e era natural da nossa vila.

Elegeram-no alferes de ordenanças em 1726.

Por carta de 20 de Junho de 1720 mandou El-Rei D. João V que se lhe abonasse do cofre do bens de raiz (sisa predial) 12\$566 réis que ele pagara do seu bolso ás amas dos enjeitados em 1717 por falta de dinheiro no cofre da câmara (L. 3 dos Reg., fl. 30).

Morava em São Bartolomeu no ano de 1738, sendo casado em 3ª núpcias com Ana Maria, natural de Évora de quem teve no mesmo ano a João dos mesmos sobrenomes.

Era, porém, freguês da Matriz quando faleceu em 26 de Outubro de 1746, sendo casado com Catarina de Oliveira. Em 1775 faleceu o filho do mesmo nome casado com Joaquina Inácia de que atrás fiz menção.

JOÃO PERES DE BOBADILHA

Fidalgo de linhagem. Sendo almotacé em 1589 mandou queimar umas corvinas do peixeiro Manuel Lameira, este demanda-o do juízo da correição por perdas e danos e dirige-lhe palavras afrontosas mas o ofendido perdoa-lhe em 28 de Janeiro perante o ouvidor Arcaído de Andrade (notas).

Era casado em 1604 com do Carvalhal e tinha uma filha que se chamava Joana de Bovadilha, já casada com Manuel Mendes Homem (notas).

JOÃO PALHA DE ALMEIDA

Governador de Salvaterra em 1770 e casado com D. Antónia Josefa Madalena de Faria, que nomeia procuradores para cá.

JOÃO PIMENTA DE CARVALHO

Capitão, morador na Angra dos Reis, capitania de S. Vicente de Cabo Verde.

Mandou para cá no ano de 1658 uma procuração a seu irmão Manuel Pimenta de Carvalho, a seu primo João Freire e a sua prima D. Catarina Freire para lhe receberem metade de umas casas que possuía no castelo e metade de um ferrageal.

JOÃO RAPOSO

Tabelião em 1707.

JOÃO RAIMONDO (ou REIMUNDO) DE CARVALHO

Nasceu em 1625 na freguesia de São Fartolomeu, sendo filho de Manuel Reimundo da Filgeira e Isabel Curva de Carvo.

Foi aluno do Colégio da Purificação de Évora e dali frequentou teologia na universidade em 1637-38, sendo já licenciado (L. das Provas do Curso).

Estava cá em 1643, em 1651 era prior de Alter do Chão. Era irmão da Madre Antónia do Salvador (veja-se).

JOÃO RIBEIRO

Procurador do concelho em 1602 (L. dos Reg. da Cam., fl. 76). Creio ser irmão de Manuel Ribeiro (veja-se).

JOÃO RIBEIRO DO COUTO

Advogado em 1744.

JOÃO DE ROCHAS DE AZEVEDO

Também este é dos muitos, que de Vila Viçosa acompanharam a El-Rei D. João IV para Lisboa e nunca mais cá voltaram.

Por ser bacharel ou licenciado em leis e irmão da mulher de Francisco de Sousa Coutinho, acompanhou a este na embaixada á Dinamarca e á Suécia em 1641 e regressou dali no mesmo ano.

Mais tarde foi secretário do Infante D. Pedro e o seu nome ficou ligado á história da destronação do Rei D. Afonso VI, executada em 1667, como pode ver-se na Hist. Geneal., tomo 7, pág.445; e no Port. Rest., tomo 4, pág.491.

Era por último fidalgo da Casa Real e não sei que mais.

Ignoro a sua naturalidade.

JOÃO RODRIGUES

Era um dos quatro capitães, que mandavam as ordenanças de D. Jaime na conquista de Azamor em 1513 (Goes - Crónica de D. Manuel).

JOÃO RODRIGUES DA COSTA

Foi procurador do concelho em 1636, 1642 e 1645.

Casou com Catarina da Silveira e teve dela descendência.

Em 1626 era criado do Duque D. Teodósia II (notas).

Faleceu em 16 de Abril de 1646.

JOÃO RODRIGUES DA COSTA

O 2º era natural da freguesia da Ponte Nova, termo de Cortal no arcebispado de Braga, filho de João Fernandes e Isabel Afonso; o que consta de uma doação de legítimas paternas, que ele fez em 1628 a suas irmãs Isabel Fernandes e Domingas Fernandes. Era então escudeiro do duque. Em 1638 era casado com Cristina da Silveira. Em 1647 já era falecido.

Em 1658 vivia a sua viúva com estes filhos menores: Francisco Roiz, de 14 anos; e Maria da Silveira de 12, de quem foi tutor André Vieira Tinoco, morador em Lisboa, casado com uma irmã da mãe.

Este Francisco Roiz era casado com Esperança Nunes em 1679.

JOÃO RODRIGUES LARA

Foi vereador em 1758, 1759, 1760 e parte de 1761.

Nestes ultimos anos teve uma pendencia com o juiz de fóra José da Costa Fonseca, sendo ele vereador mais velho, por não querer assinar os conhecimentos (de receita) senão á boca do cofre.

Levada a queixa ao juiz da junta dos três estados, expediu esta uma carta dando-lhe razão contra as exigências do juiz de fóra (L. 4 dos Reg. da Cãm., fl. 235).

Era filho de João Rodrigues Lourinho instituidor do novo celeiro comum e de Maria de São Francisco; e casou em 1729 com D. Luisa Francisca Veladas de Pina, filha de João Lopes Veladas e de D. Maria Mendes Barrenta, na freguesia de São Bartolomeu, donde todos eram naturais.

Depois de viúvo casou com D. Luisa Antónia da Costa Pimentel (já era em 1741) que faleceu no 1º de Agosto de 1753 e era tia paterna da irmã D. Violante Perpétua, fundadora do Beatério; e assim passou a 3ª núpcias com D. Isabel Franca em 1764.

Acabou a sua vida em 5 de Setembro de 1772. Era natural da nossa vila. Em 1766 estava já professa nas Chagas sua filha Mariana Clara Pita de Assis; e houve um procedimento judicial contra ele porque não estava pago o dode.

JOÃO RODRIGUES LEITÃO

Foi ajudante de ordenanças de toda a comarca por patente de 22 de Maio de 1719, com o soldo anual de 40\$000 réis (L. 2 dos Reg. da Câm, fl. 18). Porém no ano seguinte obteve que lhe elevassem a 48\$000 réis (Ibid.). Já era casado em 1708.

Enviuvou de Catarina Monteiro em 1729.

JOÃO RODRIGUES LOBATO

Contratado pelo duque em 1634, para seu moço da estribeira. (Notas)

JOÃO ROIZ LOURINHO

Conhecido no princípio pelo nome de João Roiz Contratador por ser contrata dor da Casa de Bragança ou arrematante das suas rendas. Casado com Maria de S. Francisco.

Começa a florescer em 1700 e anos seguintes, fazendo então negócios e comprando. Em 1706 comprou ao 2º Conde das Galveias o prédio de casas de João de Tovar; e foi quem formou o moderno celeiro comum.

Teve a João Roiz Lara e a que casou com o Dr. Bento Dias Panasco e foi dotada em 20\$ cruzados em que entrou a Quinta de Pardais, que hoje se chama a do Doutor.

Era homem de negócios. Chegou a tomar de arrendamento à Ordem de Aviz a co menda da nossa vila e 2 coutos e os dizimos do Arcebispo de Évora nesta vila e em Borba.

Em 1711 contratou as rendas de almoxarifado da Casa de Bragança por 5:550\$ réis.

Era capitalista no 1º quartel do séc. 18; era quem dava mais dinheiro a ju ro de 6\$. Era falecido em 1739.

JOÃO RODRIGUES MEXIA

Tomou posse do posto de capitão da companhia de auxiliares na nossa vila em 29 de Abril de 1648.

JOÃO RODRIGUES MONTEIRO

Foi procurador do concelho em 1655 e 1663.

Era falecido em 1665 deixando filhos menores: Manuel Monteiro, Catarina e Salvador dos quais foi tutor João Duarte Barroso. Parece-me que não tinham mãe viva.

JOÃO RODRIGUES DE OLIVEIRA

Moço da câmara do duque em 1628.

Casou neste ano com Francisca Tomé, filha de Francisco Frz. Sentido, sendo dotada por sua tia Beatriz Misurada, viúva de Gaspar Frz. Ciseiro.

Vivia em 1651, casado com Francisca de Azevedo, mas já era falecido em 1655.

Teve do 2º matrimónio a José de Oliveira da Costa e a Francisco de Oliveira da Costa, que residia em Chaves no dito ano (notas).

JOÃO RODRIGUES PEREIRA

Veja-se Fernão Rodrigues Pereira, nome de seu pai.

JOÃO RODRIGUES DO PRADO

Escrivão da almotaceria em 1754 por arrendamento que fez a Caetano Alberto da Costa, proprietário.

Era irmão de Simão José do Prado.

JOÃO RODRIGUES PROENÇA

Escrivão da correição em 1699 já casado.

Em 1720 contratou com as freiras da Esperança fazer-lhes um tombo de bens

do convento, com obrigação de lhe admitirem, pelas freiras professoras, um dote às suas filhas - Catarina Dionísia Proença; Micaela Helena da Silva e Gertrudes Teresa da Silva ainda menor de 16 anos.

Vivia na paróquia de São Bartolomeu, sendo casado com Luisa Cordeira em 1702. Meirinho dos colégios em 1703.

Tomou posse do posto de capitão de ordenanças em 30 de Setembro de 1713.

Foi também escrivão da almotaceria onde cometeu alguns erros de ofício exa^ugerando as custas dos processos de coimas, que então eram julgadas pelos almo^utacés do trimestre. Por esta causa privaram-no de exercer em 1747 o cargo de vereador para que vinha pautado.

Teve um filho de nome Henrique da Silva e outro Carlos António Proença que em 1733 era escrivão da almotaçaria, quando o pai já morava em Lisboa.

Faleceu em 1752 a 21 de Setembro.

Era natural de Elvas.

JOÃO RODRIGUES VARGO

Foi procurador do concelho em 1716, 1719, 1721, 23, 26, 29, 32, 34 e 1737.

Não lhe fizeram a devida justiça; pois ainda que servisse bem aquele cargo (como demonstra o meteram-no sempre pautas trienais) e ele próprio gostasse de o exercer, deviam por isso mesmo propou-lo vereador na forma da ordenação do reino.

Faleceu em 1739 a 10 de Março, deixando viúva a sua mulher Brites Vicente , com a qual já era casado em 1699.

Em 1729 dotou a sua filha Mariana Josefa quando casou com Francisco Mendes, alfaiate; com umas casas na Rua de Santa Luzia e um farregeal ao Paúl.

Jaz na Matriz em sepultura particular que se encontra na nave de São Pedro com seu epitáfio.

JOÃO ROIZ DA SILVA

Licenciado que começou a ordenar da sacras em 1690 e foi capelão da Casa de Bragança.

Era filho de José Dias, carpinteiro já então defunto e de Brazia Roiz e irmão de Abreu Dias também carpinteiro e entalhador, que não casou. Foi este padre que juntou numa só morada os dois prédios da Rua de Frei Manuel, nº 14, on-

de era, residido agora.

JOÃO ROIZ VERDELHO

Síndico dos Capuchos, falecido em 1717.

A sua viúva obriga-se a pagar 204\$52 réis que ele devia ao dito convento.

DR. JOÃO SANCHES DE BARBUDA E BAENA

(Veja-se Dr. Pedro Álvares Sanches).

JOÃO DA SILVA

Mestre de meninos em 1696.

D. JOÃO DA SILVA FERREIRA

Segundo Bispo Deão da Real Capela e titular de Tanger.

Veja-se o cap. 12 do tomo IV (in fine). Prestou serviços a nossa vila.

Em 1752 a 1754 foi governador e administrador do bispado do Porto por no meação do Papa.

Juiz da Confraria da S. S. Trindade em 1773. No ano de 1753 doou á Confraria da S. S. Trindade dois ferrageais da Fadruga ao pé da Horta da Misericórdia.

Em 1758 era juiz da Irmandade do Santíssimo da Matriz e foi também irmão da Confraria da Lapa.

Era irmão de Manuel da Silva Ferreira, capitão, cujas duas filhas D. Maria Joana e D. Mariana ele quis meter freiras no Convento do Lorrão, depositando ali 10\$ cruzados para seus dotes e tenças; mas elas não resolveram a isso e ele renegou a Lorrão. Em 1770 doá a seu sobrinho José de Magalhães morador na freguesia de São Lourenço do termo de Barcelos os bens seguintes: umas casas nobres no campo de São Sebastião, em Braga; uma divída da casa Avelar procedida do dote que fez a seu sobrinho João Silva. O José de Magalhães era filho de seu irmão o capitão-mor Manuel da Silva Ferreira. Mais lhe doou as congruas em dívida que seriam de 8 para 9 mil cruzados.

Era seu parente o Padre José Pessoa em 1771.

JOÃO DA SILVEIRA VILALOBOS

Filho do 2º matrimónio (?) de Estevão Mendes da Silveira Vilalobos (veja-se).

Era cavaleiro fidalgo dos Duques D. Teodósio II e D. João II.

Foi baptizado na Matriz em 1589 e ali mesmo casou em 1625 com Maria de Matos da Fonseca, filha de Nuno Martins de Matos e de Catarina da Fonseca, da qual teve muitos filhos; e entre eles a Estevão Mendes de Matos Caldeira, que passou a Borba, continuando-se ali a sua descendência até agora.

Em 1631 era irmão mesário da Misericórdia e em 1637 meirinho da casa do Duque D. João II, cargo em que sucedeu a seu pai.

Era falecido em 1638.

Dotou-se ela em 8 de Março com as legítimas de seus pais, já falecidos e no caso de enviuar seus filhos teriam 400\$ réis de ambos. (Notas)

Isto com sentença do juiz dos orfãos ser ele menor.

JOÃO SILVERIO

Capitão de ordenanças e lavrador de Santa Ana de Bencatel.

Não era cá do termo.

JOÃO SOARES DA SANTA

Capitão, morava cá em 1662.

JOÃO DE SOUSA DA CUNHA

Foi fidalgo do Duque D. Teodósio II e figurou em 1603 nas festas do seu casamento (Hist. Geneal., tomo 6, pág.429).

Creio que era filho de João de Tovar Caminha.

JOÃO DE SOUSA E MENESES 1º

Este é filho de José António de Sousa Meneses (veja-se).

Foi vereador no biénio de 1848-49.

Casou em Portalegre com D. Maria Ana Caldeira Castelo Branco; e viveu ali

muitos anos, como lavrador.

Depois, achando-se muito decaído em bens de fortuna, regressou (ele só) á sua pátria; e faleceu aqui em Novembro de 1873.

Deixou filhos.

JOÃO DE SOUSA E MENESES 2º

Sobrinho do antecedente, como filho de seu irmão Tomé de Sousa e Meneses (veja-se).

Nasceu acidentalmente em Lisboa a 15 de Dezembro de 1840, na freguesia de Santa Isabel, onde se achavam hospedados seus pais por diversão à côrte.

Em 4 de Agosto de 1878 foi eleito procurador da nossa vila á Junta Geral do distrito de Évora, tendo por substituto a seu irmão Cristóvão.

No ano seguinte casou com Joaquina Carlota Correia Fusto (D.), desta vila, filha de Damaso António Correia Fusto.

É lavrador e negociante.

Nele se continua a varonia de Pedro de Sousa de Brito 1º.

Foi administrador do concelho em 1886.

JOÃO TOME

Foi criado da Casa de Bragança e assistiu em 1578 á Batalha de Alcácer Quibir, aonde acompanhara o jovem Duque D. Teodósio II (Parnaso, L. 2, cap. 33; e Hist. Geneal., tomo 6, pág. 310). Em 1576 tinha o cargo de meirinho da casa do duque.

Foi mesário da Misericórdia em 1588-89. Possuía o lagar que hoje se chama do Buraco do Corregedor á Carreira das Nogueiras.

Casou com Filipa de Abreu que já era viúva em 1502 (notas).

Não deixou descendência. Era irmão de Beatriz Misorada, viúva de Gaspar Frz., com quem a viúva se compôs sobre a sua herança (notas).

JOÃO DE TORRES FERREIRA

Filho de Manuel Fernandes Torres e de Inês Ferreira. Foi aluno do Colégio dos Reis, donde saiu em 20 de Maio de 1686 com o seu curso completo.

Uma nota marginal do assento da sua matrícula diz que fôra depois almoxa

rife do Paço e escrivão da Tapada, officios que Manuel Lopes nele: renunciou em 1689 com licença de Elvas.

Casou com Maria de Araújo, sobrinha de Manuel Lopes, almoxarife e dela teve 3 filhas que professaram nas Chagas.

Duas filhas viviam ainda nas Chagas em 1732, chamadas Agueda dos Reis e Helena da Glória. A outra filha era Maria Bernarda do Sacramento.

Depois de enviuvar seguiu a vida eclesiástica e acabou sacerdote. Como sua mãe Inês Ferreira (veja-se) era irmã de Maria Ferreira (D.), mulher do sobre dito Manuel Lopes, que instituiu a Capela de Santa Rita em Santo Agostinho, que à falta de herdeiro, devia passar á Misericórdia. Por isso está no tombo 4º de Santa Clara uma escritura de partilhas que o (...) fez com o filho sobre os bens do casal dos tios.

JOÃO DE TORRES FERREIRA HOMEM

Filho de João de Torres Ferreira, almoxarife do Paço e de sua mulher Maria de Araújo.

Casou em 1706 com D. Maria Francisca Xavier, filha de Jerónimo Infante de Assa 1º e de Leonor de Chaves.

Nessa ocasião instituiu nele sua 2ª tia D. Maria Ferreira um morgado composto de todos os seus bens de raiz com a pensão permanente de 12 missas por sua ordem na capela de Santa Rita; o pai dotou-o com todos os seus bens por ter já metido freiras nas Chagas as suas 3 filhas; e os sogros obrigaram-se a sustentar os noivos.

Sendo viúvo desde 1709 passou a segundas núpcias em 1720 com D. Isabel Pinheira Loba Salema, viúva de seu cunhado Jerónimo Infante de Assa 2º, recebendo-se na capela do Paço de que foi também almoxarife.

Teve o cargo de vereador em 1743, 1749 e 1751. Por ser alferes em 1754 não quis servir esse ano o cargo de vereador.

Vivia na Matriz.

Faleceu repentinamente em 1767 sendo viúvo; e teve sepultura em Santo Agostinho na capela de Santa Rita de que era administrador.

A sua descendência continuou em nossa vila por seu filho Manuel Lopes de Torres e dura ainda em D. Joana Rita de Torres, que casou duas vezes (com A. Dias Ródão e A. da Silva Paracana) e teve filhos de ambos os matrimónios.

JOÃO DE TORRES DE SEQUEIRA 1º

Sargento-mor da ordenança desta vila e sua comarca.

Era já falecido em 1654, sobrevivendo-lhe sua mulher Maria Morata Loba, que ainda vivia em 1679.

JOÃO DE TORRES VIEIRA

Filho de Francisco Lopes Torres (veja-se); e foi baptisado em São Bartolomeu no ano de 1719.

Seguindo a carreira das letras, graduou-se em Coimbra bacharel em cânones e foi advogado nos auditórios desta vila desde 1748.

Era também sacerdote e faleceu moço em 29 de Março de 1755, vivendo ainda seu pai.

JOÃO DE TORRES DA SILVEIRA

Licenciado e sacerdote. Dotou em 1691 com uma capela de 9 meses de missas de 60 réis.

E dota-se novamente em 1692 com bens alodiais por Manuel Dias. Era filho de Francisco Faz. Botelho e de Margarida de Torres da Silveira.

Em 1695 era reitor de S. Salvador de Tangil.

JOÃO DE TORRES DA SILVEIRA BICHOVERDE

Foi baptisado em São Bartolomeu a 8 de Fevereiro de 1725.

Era filho de António de Torres, que em 1720 casou com Francisca Margarida de Sousa Girôa, filha de Rafael Vaz Frade e de Ana Girôa de Gusmão e neto paterno de Francisco Fernandes Botelho e de Margarida de Torres da Silveira a qual julgo ser filha de André de Torres e Ana da Silveira, que vivia em 1631 na freguesia de São Bartolomeu.

João de Torres foi votado em 27 de Maio de 1747 para capitão de ordenanças de cujo posto fez desistência em 21 de Maio de 1760, por ter passado a Mazagão em Africa e assentado ali praça de cavaleiro e espingardeiro e transferindo-se depois á cavalaria acobertada, chegou a capitão de uma das guardas de cavalaria daquela praça por ordem do governador e capitão geral José Leite de

de Sousa.

Assim consta da vereação mencionada, a que ele assistiu por ter vindo ao reino com licença.

Casou com D. Maria Capela de Loureiro e Couto, filha do mesmo governador e natural da mesma praça e se voltou para lá, não foi longa a sua demora, pois encontro-o feito vereador em 1761 a 1764.

Em 1771 começou a ter o officio de escrivão e tabelião de notas que exercitou por muitos anos, e em 1794 passou a ser escrivão do almoxarife (da vila) e por isso repassou ao 1º tabelionato.

Alcançou entretanto o officio de escrivão do almoxarifado da Casa de Bragança.

Em 1803 e 1806 tornou a ser vereador e vindo evitar outra vez ainda pautado para o ano de 1814, pediu excusa por velho e decrépito. Faleceu em 18 de Março deste mesmo ano e foi sepultado no cemitério da Misericórdia.

Era Bichoverde por parte de seu avô Francisco Fernandes.

Teve pelo menos dois filhos varões a saber: José de Torres Vaz Frade Bichoverde e Rafael Vaz Frade Bichoverde e uma filha, D. Margarida que não tomou estado.

JOÃO DE TOVAR CAMINHA

João de Toar, se lê em muitos documentos antigos.

Era filho de Afonso Vaz Caminha (veja-se) e natural da Matriz, onde sempre morou.

Militou na India onde assistiu em 1567 á expedição de Mangalor no tempo do Vice-Rei D. Antão de Noronha (Couto, Du.8).

Sucedeu a seu pai na alcaidaria-mor desta vila e assim tinha o governo do castelo em 1580, quando este foi surpreendido traiçoeiramente pelos castelhanos e sem desar seu, como deixei narrado no cap. 45 do tomo I.

Em 1588, El-Rei Filipe II o mandou á India por capitão-mor de uma armada que largou de Lisboa em 5 de Abril e chegou salva a Goa, sendo composta de cinco naus. Ele foi na nau S. Cristóvão, os outros capitães eram Estevão da Veiga, D. Francisco de Nibeiros, Pedro Correia e António Sousa.

De Gôa foram a Cochim tomar a carga de pimenta e especiarias e tornavam de novo a Portugal (Couto, Du. 11, cap.1).

Era mestre de campo em 1603, e achando-se em Vila Viçosa tomou parte nas

festas do casamento do Duque D. Teodósio II (Hist. Geneal., tomo 6, pág.653).

Casou duas vezes, a 1ª com D. Filipa de Brito, filha de Cristóvão de Brito Pereira 1º, da qual teve duas filhas que professavam freiras no Convento da Esperança com os nomes de Cecília da Madre de Deus e Madalena do Sepulcro, e um filho de nome Afonso de Tovar Caminha que morreu sem descendência; a 2ª com D. Isabel da Cunha Corte Real, fidalga do Algarve, de quem procedeu D. Francisco da Cunha, que militando em Flandres com o príncipe Alberto, mereceu o Hábito de São Bento de Aviz com alvará de comenda e uma das capitánias que se levantassem neste reino (o D. era de Espanha ?) e D. Maria Corte Real que por morte da mãe em 1618 se recolheu no Convento da Esperança.

Morais no Parnaso de Vila Viçosa, L. 2, cap. 58, trata deste ilustre calipolense dizendo, entre outras coisas, que houvera a capitania da Índia por do te de sua segunda mulher e que por isso mesmo passara aquele estado em 1588, que fôra a Roma por embaixador do Duque D. Teodósio II; que na mesma categoria de capitão-mor da Índia pelejara em Cascais contra a armada inglesa que trazia a D. António, prior do Crato e pretendente á coroa portuguesa.

João de Tovar foi também veador do Duque D. João I e fidalgo da casa de seu filho o Duque D. Teodósio II. Teve as comendas de Santo André de Vilaboa de Duíres e de San' Pedro de Babe, na Ordem de Cristo. Além disso possufia um morgado (Hist. Geneal., Ibid.).

Era no seu tempo uma das principais pessoas de Vila Viçosa, serviu a Misericórdia sendo provedor dela.

Faleceu, munido com os sacramentos da igreja, em 3 de Setembro de 1614 e foi sepultado na antiga Igreja de Santo Agostinho.

Penso que Francisco de Tovar, morto na defesa do assalto de Chaul em 29 de Junho de 1541, era seu irmão, faltam-me porém esclarecimentos para o poder reensear como calipolense.

FR. JOÃO DE VALADARES LIMPO

Licenciado, prior de São Bartolomeu de 1643-72, mesário da Misericórdia em 1663-64, síndico dos Capuchos em 1606.

Faleceu a 2 de Junho de 1667.

JOÃO VALENTE MENDES

Acho memória de ter falecido este homem na freguesia de São Bartolomeu a 1 de Fevereiro de 1742 com testamento, e de ter sido sepultado na Matriz.

Era então desembargador e casado com D. Antónia Maria Corte Real; mas não consta a sua naturalidade.

Já vivia cá em 1706 e casado. Provedor de Elvas em 1708 e Provedor de Évora em 1713 sempre morador nesta vila.

Estava cá em correição em 1714. O seu feitor cá era Gaspar Oliveira Pratas. Dava capitais a juro.

JOÃO VAZ CEPa

Mesário da Misericórdia em 1620-21 e irmão de Fernão Vaz Cepa, que deixou por seu herdeiro.

Em 1627 era casado com Helena Loba. Senhor da Herdade dos Castelos Velhos em 1628 junto á Asseca.

Faleceu em 1635 (Cartório da Misericórdia).

JOÃO VICENTE DA SILVA

Graduou-se bacharel em medicina pela Universidade de Coimbra e começou a exercer a clinica médica em Elvas; mas voltou dali poucos anos depois (1809) para tomar os partidos da Câmara, Misericórdia e Convento da sua pátria, os quais conservou até a sua morte, sucedida em 5 de Abril de 1846, contando ele pouco mais de 60 anos.

Passava por liberal e por isso mesmo foi eleito deputado por esta vila ás cortes de 1821 mas era boa pessoa, vivia sem fausto e não era exigente com os seus honorários quando tratava pessoas pobres.

Também o elegeram vereador em 1829 e 1836, mas indevidamente por ser empregado municipal.

Deixou duas filhas do seu único matrimónio com D. Maria das Dores Leal e da mais velha (D. Maria Rosa), casada com Miguel João Azambuja, há numerosa descendência.

O Dr. João Vicente era filho de José Lopes da Silva, conhecido vulgarmente por Assentista por ter a seu cargo os fornecimentos de boca dos corpos mi

litares em nossa terra, e sendo carpinteiro juntamente, com estas industrias e o adjutório de D. Diogo de Lucena, tesoureiro-mor da Capela Real, pôde formar em medicina o subredicto, em leis a seu filho Mariano José da Silva e ordenar padre a um terceiro, que se chamava José Inácio da Silva e foi prior de São Romão.

Dizem os modernos que nos antigos tempos absorviam todos os lugares as classes aristocráticas, não podendo os pequenos elevar-se por isso mesmo. Isto é falso. Além do exemplo que precede neste livro se acharão muitos e muitos, que demonstraram o contrário.

Nunca se negou o direito ao mérito verdadeiro.

JOÃO VIEGAS

Agente do duque em Madrid em 1600. Residia no Paço da Duquesa D. Joana em 1606. Fora camareiro e secretário de D. Rodrigo de Lencastre e fora um dos seus testamenteiros (notas).

JOÃO VIEGAS CORREIA

Meirinho da correição em 1678 e 1691, com os officios anexos de contador, inquiridor e distribuidor.

Casado com Maria de Torres de Salazar em 1683 a 1691.

Neste ano dão procuração a António Viegas Correia, morador em Lisboa.

Era falecido em 1719.

Tiveram a Inácio João Viegas.

JOÃO VIEIRA

Foi sargento-mor das ordenanças por patente de 8 de Outubro de 1692, que se acha registada na câmara (L. 2, fl. 261); e recebendo a própria, assinou-se João Vieira da Ponte (?). Foi immediato sucessor de Francisco Carvalho no mesmo posto.

Em 1603 casou na Matriz com Ana Canhoa outro do mesmo nome, que seria avô ou parente do sobredicto.

JOÃO VINAGRE CORDEIRO

Lavrador da Granja em 1775, que era irmão ou sobrinho do P.^a António Cordeiro Vinagre.

DR. JOÃO XAVIER DA SILVA LOBO

Filho de D. Francisco Xavier da Silva Lobo (veja-se).

Nasceu nesta vila em 19 de Janeiro de 1827 e foi baptizado na freguesia de São Bartolomeu no dia 20 de Janeiro.

Servindo a carreira das armas, era já no ano de 1880 major do exército de Angola e casado ali com descendência.

Voltou general de brigada.

Faleceu no Seixal a 7 de Setembro de 1886, com 58 anos de idade.

JOAQUIM ANTÓNIO MIGUÊNS

Filho de Martinho Filipe Miguêns (veja-se) e nasceu nesta vila.

Lavrador da Zambujeira em 1771.

Foi vereador em 1777, 1781, 1794, 1800, 1804, 1807, 8, 11, 14, 16, 17 e 1820. No ano seguinte obteve uma provisão régia para não ser mais eleito vereador, alegando ter servido o município muitos anos e contar 80 anos de idade, mas ainda viveu até 31 de Dezembro de 1831.

Era celibatário como seu irmão João Filipe e como outro irmão José Joaquim Casara, mas não tivera sucessão, chamou Joaquim António de Evoramonte, para lhe suceder na casa a uma sobrinha ou prima sua por nome D. Teotónia Cândida Miguêns, que não tomando estado, faleceu em 1845, instituindo por herdeira a sua sobrinha D. Felícia Joaquina de Vasconcelos Miguêns, casada com José Honório de Pádua Cardoso. Por morte deste em 1870 ainda a Quinta das Casas Altas ficou na mesma família (em D. Maria Tomázia, filha de Jacinto Maria de Matos, sobrinho de D. Felícia).

JOAQUIM ANTÓNIO VALÉRIO

Joaquim António Valério, irmão de Francisco Valério Orvalho.

Foi capelão da C. R. . Em 1773 comprou por 120\$ réis a Quinta de Valbor, em terra do Amial.

FR. JOAQUIM DE AZEVEDO

Foi Eremita Calçado de Santo Agostinho, cuja regra professou no Convento

da Graça de Lisboa em 16 de Junho de 1762.

Graduou-se em Teologia na Universidade de Coimbra em 26 de Julho de 1784 e foi despachado lente da mesma faculdade, por cartas régias de 16 de Dezembro de 1793 e 22 de Fevereiro de 1806, para as cadeiras 8ª e 3ª que regeu mui dignamente, segundo as memórias, que dele nos restam (diz o Dicionário Bibliográfico, donde extraio esta noticia).

Nasceu nesta vila a 4 de Abril de 1746 e morreu em Coimbra a 4 de Outubro de 1808 com 62 anos de vida.

Escreveu as duas obras seguintes:

História da Paixão de N. S. J. C., segundo os quatro evangelistas, traduzida, do texto latino e do original grego, na lingua portugueza etc., por um devoto theologo.

Pro vulgata Sacrorum Bibliorum Latina editione contra Sixtinum amam.

Desta obra diz o Dicionário citado que merece especial menção posto que escrita em latim, o que acusa a impostura do século actual em que todos pretendem ser literatos sem o saberem ser.

JOAQUIM CALADO DE CARVALHO

Veja-se Luis da Costa Calado, já capelão da R. C. em 1795.

JOAQUIM CORDEIRO GALÃO

Natural do Vimieiro e filho de José Cordeiro Galão e de Iria da Guerra.

Entrou muito jovem para o nosso Colégio dos Reis em 11 de Junho de 1770, e acabado o seu curso passou a exercer os lugares de organista da Capela Real e professor de música do mesmo colégio, onde teve por discípulos a Fr. José Marques de Santa Rita e Silva, Francisco Peres Aylon de Lara, António José Soares e outros muitos, que herdaram a casa em que foram educados.

Como porém abraçasse a vida eclesiástica e obtivesse o lugar de capelão fidalgo da mesma Real Capela por despacho de 8 de Agosto de 1783, quis forrar-se ao trabalho do ensino de música de que era proprietário por mercê de 9 de Dezembro de 1790, entregando o exercicio deste magistério em 29 de igual mês de 1805 ao seu discipulo Francisco Peres, contra-mestre do colégio e reservando para si o título de mestre *Ad Honorem*.

Foi colado cónego da mesma capela em 13 de Maio de 1816 quando o príncipe

Regente criou o exempto e introduziu a classe dos beneficiados.

Em 1822, por morte do Bispo de Olba elegeram-no vigário capitular do exempto os seus colegas e conservou esta dignidade até Junho de 1825.

Entretanto El-Rei D. João VI, por ordem de 2 de Outubro de 1823, chamou-o para Lisboa a fim de ser ali mestre das princesas, fez-lhe mercê da dignidade de tesoureiro-mor da nossa capela, depois de lhe dar o fôro de fidalgo da sua casa.

Nunca mais tornou para Vila Viçosa, não obstante mandar reconstruir á moderna a casa nobre da Rua dos Fidalgos, que fica próxima do Hospício das Chagas. Gastou ali muito dinheiro, mas não veio ver depois se a obra ficara acabada a seu gosto.

Esta casa foi vendida pelos seus herdeiros em 1857 a José António Cordeiro Vinagre.

O Padre Galão foi também compositor de muitas obras musicais.

Destas usamos ainda hoje, sendo as mais conhecidas o motete *O'Salutaris Hostia* a 4 em elafá, que nunca enfatiou a ninguém apesar de muito repetido; *Magnificat* a 4 bfá, etc..

Faleceu em Lisboa a 28 de Fevereiro de 1838.

As datas deste esboço - biográfico foram para mim apontadas á vista dos cartórios do Colégio dos Reis e da Capela Real.

Este nosso conterrâneo foi senhor muito atendido e respeitado porque tinha uma conduta exemplar; e além da música, possuía os conhecimentos necessários ao seu ministério sacerdotal. A pastoral, que enviou ao clero e fiéis do exempto, quando ele foi eleito vigário capitular, está bem escrita, posto que eu não saiba dizer, se é obra sua.

JOAQUIM CIPRIANO DOS SANTOS

Foi vereador nos biénios de 1858-63 (quase seis anos).

Era natural de Queluz e baptizado na freguesia de S. Pedro de Penaferreira; filho do arquiteto João dos Santos que em 1806 viera dirigir as obras da Capela Real e irmão do almoxarife do paço António Pedro dos Santos Pinto, sua mãe chamava-se D. Ana Honório de Azevedo, natural da freguesia da Ajuda, de Lisboa.

Veio para Vila Viçosa muito depois do envio de 1834 com o cargo de solicitador da Casa de Bragança e achava-se morando no Palácio do Bispo, quan-

do succedeu almoxarife delegado João da Costa e Oliveira no seu mesmo officio.

Activo, intelligente e zeloso, mostrou-se um dos melhores almoxarifes da Casa de Bragança nesta vila, dirigindo obras, plantando alamedas e renovando jardins no Paço e no Reguengo por cuja razão El-Rei D. Pedro V o agraciou com o Hábito de Cristo.

O mesmo rei, quando veio aqui em 1860 conferenciou muito com ele sobre a administração da casa ducal e dali surgiu uma intriga de que resultou ser demitido a 25 de Agosto de 1862, quando já era falecido o dito monarca.

Este golpe causou-lhe funda emoção e recolhendo-se á casa do Arco da Rua de Santa Luzia, unica propriedade por ele comprada, faleceu ali repentinamente a 2 de Janeiro de 1863. Jaz no Cemitério da Matriz em sepultura própria e rasa.

Depois disso obteve a sua viúva D. Concórdia uma pensão da Casa de Bragança para sustento seu e de suas filhas.

Sabia a lingua latina e muitas vezes se lhe ouvia o seu latinorio, quando falava em sessão de câmara.

Casou duas vezes. Teve do 1º matrimónio a D. Maria Isabel, que casou com Sebastião Mendes da Rocha (agora capitão) e do 2º com D. Maria Concórdia Segurado, houve duas ou três fêmeas e um filho varão

JOAQUIM CIPIANO DOS SANTOS

Filho do antecedente, nascido a 2 e baptisado a 12 de Maio de 1860.

Em 1895 era tenente de caçadores nº 8, estacionado em Abrantes e ali casou com D. Máxima da Conceição Moreira, filha do Dr. Ludgero Augusto Moreira.

JOAQUIM EUGENIO DE LUCENA

Era filho daquele Bernardo António de Lucena, que veio para Vila Viçosa a tomar conta do morgado de Peixinhos em tempo de El-Rei D. João V. Joaquim Eugénio era então rapaz e tinha nascido em Madrid.

Criou-se em Vila Viçosa e casou aqui duas vezes. Do 1º matrimónio com D. Genoveva Maria da Fonseca e Figueiredo teve ao filho, que lhe succedeu no morgado D. José Martinho e ao tesoureiro-mor da Capela Real D. Diogo. Do 2º com D. Rosália Leonor Delgado, natural da freguesia de São Mamede de Evora, teve

a D. Sebastião de Lucena e Noronha (veja-se); D. Bernardo, que foi padre e almoxarife do Paço; D. Fernando também padre e que foi vigário geral do exempto.

Em 1756 o filho maior e seu imediato sucessor era Ant3nio Jos3 de Lucena e Noronha.

Em 1760 j3 era o filho Jos3 Martinho de Lucena.

Escriv3o da Confraria da Correio3o em 1771. Em 1782 cede o morgado de Peixinhos ao filho D. Bernardo Jaime de Noronha e Faro (?...). (Notas)

Faleceu em 22 de Novembro de 1796 e foi sepultado no jazigo da Esperan3a sobrevivendo-lhe a segunda mulher.

Tinha o f3ro de moço fidalgo da C. R..

JOAQUIM FALC3O DA GAMA E SOUSA

Natural desta vila e filha de Jo3o Falc3o da Gama (veja-se).

J3 era criado em 1781.

Foi vereador em 1786, 1790, 1794 e 1798. No ano seguinte passou a servir o cargo de escriv3o da c3mara.

Casou com D. In3s Ant3nia Panasca de Carvalho e Couto, natural de Terena e filha de Ant3nio Jos3 de Couto, fidalgo cavaleiro e teve a D. B3rbara que foi mulher de Pedro Freire Lameira.

Faleceu a 22 de Maio de 1810 na sua casa do Baixo Rossio.

JOAQUIM FELIX CARRILHO PORTUGAL

Mercador em 1788, tinha o posto de capit3o de mil3cias em 1808 e em 1815 criado o exempto da nossa vila, passou a ser escriv3o da c3mara eclesi3stica.

Morava na casa da esquina, que tem vistas para os dois Terreiros do Paço e de Santo Agostinho, perto da igreja deste santo, raz3o porque na minha mocidade devia eu chamar-lhe casas de Joaquim Felix.

Era natural de Castelo de Vide, donde veio moço para a nossa terra; casou aqui em 1784 com Fel3cia Rita, natural de Bencatel.

Faleceu em 20 de Novembro de 1826.

Creio que n3o teve descend3ncia sobreviviva.

JOAQUIM FRANCISCO DOS SANTOS

Boticário que vivia em 1794.

JOAQUIM GOMES PEREIRA

Professor de ensino primário em Bencatel até 1887 e depois em Vila Viçosa.

JOAQUIM JOSE DA COSTA PIRES

Feitor do Conde do Vimieiro em 1795 e casado com Maria da Lapa. Começa a servir o officio de escrivão e tabelião em 1804.

Morava na Rua de Cambaia, casas reedificadas hoje e ampliadas - com 5 janelas, perto da praça, cujo fôro de 8\$ réis aos paulistas, ele resgatou em 1813.

JOAQUIM JOSE PITEIRA

Este calipolense entrou no Colégio dos Reis, onde se distinguiu na arte musical e principalmente no toque de órgão sendo condiscípulo do P^{re} Joaquim Cordeiro Galão e do P^{re} Francisco José do Carmo.

Em 1796 era minorista e dotou-se com um olival ao Porto de Elvas para se ordenar de sacras; mas isto não se efectuou.

Não tendo logo cabimento no coreto da Real Capela passou á vila de Olivença, onde por muitos anos viveu da sua habilidade, mas em 1800 obteve o lugar de 2^o organista da referida capela e regressou á sua pátria, onde falleceu a 2 de Junho de 1826, sendo já 1^o organista ou o mais antigo.

Estudou o contraponto e fuga, de sorte que nos deixou uns responsórios a 4 do officio de defuntos. Pena é que se ligasse tão inteiramente ao estilo de David Peres, que esta obra não passa de uma imitação dos responsórios da quele maestro; mas por isso não deixam de ser geralmente estimados.

É provável que compusesse outras obras musicais de que não tenho conhecimento.

Casou com Vitória da Cruz, da qual não teve descendência.

Era filho de Francisco José Piteira e irmão de Fr. José de S. Boaventura Piteira e de Fr. António de Santa Gertrudes Piteira (veja-se). Foi baptisado em São Bartolomeu a 4 de Agosto de 1772.

JOAQUIM JOSÉ DOS SANTOS

Nasceu em 1774 na freguesia de São Bartolomeu.

Era proprietário, lavrador e morador na Rua de Santa Cruz, perto da Corredoura no melhor prédio, que ali há. Tomou posse do posto de alferes de ordenanças em Setembro de 1793 e passou a tenente da companhia de auxiliares ou milicianos em 1796.

Casou com D. Caetana José de Sousa, de quem teve a Francisco António dos Santos, brigadeiro já nomeado e outros filhos.

Faleceu em 11 de Setembro de 1838.

JOAQUIM JOSÉ DA SILVA

Nasceu na freguesia de São Bartolomeu a 29 de Outubro de 1827 e foi baptisado na mesma em 17 de Novembro seguinte como filho legítimo de Fernando José da Silva, natural de Guimarães e de Antónia J. do Carmo Costa Pires, da mesma freguesia de São Bartolomeu.

Seguiu a carreira das armas em infantaria e caçadores.

Em 1891 era tenente coronel de infantaria nº 22, aquartelado em Portalegre e ali faleceu em Dezembro de 1893.

JOAQUIM JOSÉ VERMULHE

Afiança-se em 1741 para ser almoxarife da Casa de Bragança; fiador de João da Costa Feio.

JOAQUIM LUIZ FERNANDES

Foi vereador nos biénios de 1858-63, 1868-72 e faleceu em Março deste último ano, quando se achava no vigor da idade.

Era adventício da Beira Baixa e mercador.

Juntou uma boa fortuna, apesar de morrer com pouco mais de quarenta anos e como era solteiro nomeou por seus universais herdeiros a seu sobrinho Joaquim José Fernandes e a Francisco Martins Curado, seu antigo caixeiro e que muito o ajudara a adquirir a sua fortuna.

Comquanto não fosse homem letrado, possuía muito senso e tinha uma conduta regular, sendo por isso geralmente estimado.

Jaz no Cemitério da Matriz, onde os seus herdeiros mandaram erigir-lhe um mausoléu ao cabo de um ano do seu falecimento, e esse mausoléu foi causa de inúmeras discórdias entre os calipolenses dali em diante.

Até o ano de 1882, como fica relatado nos anais competentes.

JOAQUIM PEDRO DE SOUSA DA CAMARA

Irmão de Frei Bernardo de Sousa e seu imediato sucessor nos morgados.

JOAQUIM MARIA DA ROSA E SOUSA

Filho de José Antônio da Rosa, brigadeiro e de sua mulher D. Mariana Cecília de Araújo. Nasceu nesta vila em 21 de Dezembro de 1806.

Ao contrário de seu irmão Antônio da Rosa e Sousa, militou ao serviço de D. Pedro na campanha de 1832 a 1834; e por isso foi subindo postos até ser general de divisão em 1878. Casou e teve descendência.

Ainda vivo em 1883, veio de Lisboa, sua residência ordinária, visitar suas irmãs a Vila Viçosa.

Faleceu a 12 de Março de 1885, sendo segunda vez viúvo, na ilha de São Miguel, onde se achava hospedado na casa de uma filha sua.

D. JOAQUIM MASCARENHAS

Filho do Conde de Cuculim D. Francisco de Mascarenhas e de sua mulher D. Teresa de Lencastre, nasceu em Vila Viçosa, achando-se aqui morando seus pais e foi baptisado na freguesia de São Bartolomeu a 30 de Abril de 1732.

JOAQUIM DA SILVA TAVARES

Vereador em 1885?

JOAQUIM DOS REIS

Natural desta vila e filho de João Gonçalves Pernas e de Vicência Maurícia. Teve um irmão com o mesmo nome do pai e dele á descendência numerosa em nossa terra.

Joaquim dos Reis era um daqueles rapazes, filhos do povo, que os mestres do colégio de música iam recrutar ás escolas de ensino primário, experimentando-lhes as vozes.

Admitido assim no dito Colégio dos Reis ou Seminário em Dezembro de 1790 foi ali discípulo do Padre Galão e condiscípulo de Fr. José Marques, Francisco Peres, António José Soares, etc..

Acabado o seu tempo, ficou em Vila Viçosa mas depois que El-Rei D. João VI emigrou para o Brasil, foi contratado para o coreto da Sé do Rio de Janeiro, enquanto vivos foram e depois a seu irmão João Gonçalves.

Não sei se compôs no Brasil algumas obras.

Ainda era vivo pelos anos de 1850.

JOAQUIM DA SILVA TORRES

Vereador em 1893-95.

JOAQUIM DE SOUSA DA CÂMARA

Deste homem se faz menção no L. 4 dos Reg. da Câmara a fl. 153 v., por ter sido nomeado vereador de barrete para o ano de 1753.

Era dos Sousas da Praça Nova e filho de Xavier Pedro de Sousa da Câmara, e irmão de José Bernardo.

Foi baptisado em São Bartolomeu no ano de 1730.

JOAQUIM DE SOUSA E MENEZES

Nascido nesta vila em 1743, baptisado em São Bartolomeu a 3 de Abril, filho de Tomé José de Sousa e de sua mulher D. Maria Próspera de Menezes.

Como filho 5º dedicou-se á vida eclesiástica e chegou a ser Deão da Sé de Évora em 1772 pela morte do Deão Azevedo Corte Real.

Faleceu nesta cidade já depois de 1844.

JOAQUIM DE SOUSA MENEZES

Filho ilegítimo de Tomé José de Sousa, já sacerdote em 1788, ano em que comprou as casas da Rua da Freira a Rodrigo Mendes por 278\$ réis e lhe pôs a casa sobre a Travessa da Esperança.

JOAQUIM URBANO DA VEIGA

Nascido nesta vila em 1836 e filho de António José da Veiga (veja-se).

Estudou gramática portuguesa e lingua latina em Vila Viçosa, sua pátria, com o professor régio José Honório.

Passando a Lisboa para se habilitar farmaceutico, ali concluiu a sua carreira com muito aproveitamento.

Em 1859 estabeleceu-se na vila de Estremoz e casou pouco depois com uma filha de José Luis Maduro, de Braga. Vagando porém o lugar de farmaceutico da armada de Lisboa, foi nele provido ao cabo de não muitos anos com o posto de official da marinha e ficou vivendo naquela corte.

Há um formulário de receitas com redução dos pesos antigos aos modernos, redigido por ele e por um facultativo e impresso em Lisboa.

Também ali é Presidente da Comissão de Farmácia da Escola Médico-Cirúrgica.

JOAQUIM VICENTE NUNES

Era filho de José António Nunes. Sendo ainda barbeiro, como seu pai no ano de 1811, teve o cargo de escrivão da almotaceria; obteve uma provisão régia para poder servir conjuntamente o officio de procurador do concelho e de facto o exerceu em 1812, 1815, 1818 e 1819.

Em 1822 teve o mesmo cargo por eleição popular.

Entretanto foi escrivão da câmara eclesiástica do exempto, em que por ultimo lhe servia de adjunto seu filho José Francisco Casimiro Nunes.

Tornou a ser procurador do concelho de 1824 e 1828.

Em 1834 perdeu os seus officios por ser miguelista, e por tanto veio a padecer muitas privações, pois ainda que juntara alguns bens de raiz, não eram bastantes para a sustentação da sua familia.

Faleceu já depois do ano de 1860.

Era inteligente e muito esperto, de sorte que servia de rábula e atrapalhava muitos letrados.

D. JOAQUIM XAVIER DA SILVA LOBO

Era filho de D. Francisco Xavier da Silva Lobo e de D. Clara Eugénia Luzia Freire de Brito e natural de Olivença.

Casou em 1780 na freguesia de São Bartolomeu com a nossa patricia D. Eufémia Rita de Almeida Valejo, filha de Francisco Cândido de Almeida Valejo e sendo capitão do Regimento de Infantaria nº 15, foi reformado no posto de sargento-mor.

Estabeleceu-se então definitivamente nas casas nobres do castelo junto á Rua dos Albardeiros, hoje demolidas.

Em 1808 foi notável do distrito do Castelo e Praça Velha para manter a ordem no povo, não fosse caso que este se revoltasse contra a ocupação francesa (como veio a suceder); e vereador no ano seguinte.

Faleceu a 7 de Setembro de 1810 com 50 e tantos anos de vida.

Teve muitos filhos e filhas e entre estes a D. Francisco Xavier da Silva Lobo, de quem já fiz menção.

Segundo um manuscrito de familia, que tive presente, D. Joaquim era filho do sobredito D. Francisco, senhor do morgado de Malpique e descendente dos Lobos de Olivença, que eram parentes dos Lobos, senhores e agora Marqueses de Alvito, fazendo remontar esta geração até João Peres Lobo, cavaleiro do Rei D. Afonso IV. Não desfio aqui esta meada por serem de terra estranha.

JORGE DE BRITO ANDRADE

Mesário nobre da Misericórdia em 1642-43 e casado com D. Maria Sardinha.

Era falecido em 1657, ficando-lhe estes filhos menores: Fernando de Brito de Andrade, Francisco Freire de Andrade e Martim Afonso de Azevedo, de quem sua mãe ficou tutora.

Creio que era filho de Manuel de Andrade de Brito.

JORGE DE CASTRO

Filho do Duque de Castro. Vivia em Lisboa, em 1672, casado com D. Filipa Maria de Macedo.

JORGE CORDEIRO

Houve em Vila Viçosa na primeira metade do século 17 um notável espingardeiro deste nome, cuja encontrei no jornal a Esperança, nº 359 de 21 de Março sob a epígrafe: *Signaes por onde conhecem os principais autores portugueses de espingardas.*

O 2º inscrito é logo o nosso patricio, por esta forma:

"Cordeiro, de Villa Viçosa, usou um cordeiro com a bandeira (Aguus Dei), e o seu nome em letras de prata com uns 00".

Este Jorge Cordeiro era já casado com Beatriz Rodrigues, no ano de 1629 e morador na freguesia de São Bartolomeu, morava na faceira do Rossio á esquina da Rua de São Sebastião e tem um filho chamado João Cordeiro.

No ano de 1641 foi ele chamado á câmara com outros espingardeiros e ferreiros para se fazer uma contracta de armamento novo, a fim de servir na guerra, que devia começar naquele mesmo ano.

Teve um filho chamado João Cordeiro.

Vivia em 1652 e a mulher.

JORGE DA CUNHA CASTELO BRANCO

Fidalgo do Duque D. Teodósio II. Tomou parte nas festas do seu casamento em 1603, sendo um dos aventureiros, que vieram na Torre Encantada.

(Hist. Geneal., tomo 6, pág.434).

Militar na Índia em 1597 (Couto, Dec. 12).

JORGE FRANÇO

Escrivão da correição em 1600.

JORGE GODINHO

Deste homem veio o nome a uma herdade de São Romão, chamada hoje Godinha. Era cavaleiro da casa do duque; casou com D. Maria da Silveira, que ainda vivia em 1602, saudosa viúva; e foi sogro de Manuel de Andrade de Brito. (Notas).

JORGE DA SILVA MENEZES

Fidalgo da Casa de Elvas em 1604, neto de Jorge Vaz Bandeira. Esta gente não servia a Casa de Bragança (notas).

Casado com D. Isabel de Sá em segundas núpcias. Primeiro casou com D. Guiomar de Sá que morreu sem descendência, filha de D. Violante de Sá.

Depois casou com D. Isabel de Sá a qual depois de viúva tornou a casar com Pedro de Melo de Castro, por sinal que acabaram divorciados (notas).

Era falecido em 1613. Era irmão de Manuel Teles de Menezes ou quê?

JORGE DE SOUSA MENEZES

Foi copeiro-mor do Duque D. João II e já era falecido, ao que parece, em 1641. Dele procedeu Martim de Sousa Menezes.

(Hist. Geneal., tomo 7, pág.230)

JORGE VAZ BANDEIRA

Veja-se André Jorge de Abreu.

Era escrivão dos orfãos em 1531.

JORGE DA VEIGA

Vê-se na Igreja das Chagas a sua sepultura e de seus herdeiros sem datas.

JOSE ALMEIDA FRADE

Filho de D. Lituania Fradesco e de (...).

Era descendente de António de Figueiredo de Almeida. A mãe e o filho aforaram por 15 a 19\$ réis as casas nobres do Terreiro da Fonte Grande em 1710.

Em 1723 fizeram novo aforamento ao capitão Clemente Luís Lobo. Morava em Olivença.

JOSE ANASTACIO RAMALHO FALE

Foi vereador nos dois biénios de 1860-63.

Nascido em Elvas, mas oriundo da vila do Redondo veio com seus pais (Vidente Antônio e D. Teresa Madalena) para esta vila, depois do ano de 1834, para fugirem á perseguição dos liberais do Redondo, pois José Anastácio tinha sido capitão da 6ª companhia de voluntários realistas de Vila Viçosa, composta de gente daquela terra e ultimamente fôra promovido a major do mesmo corpo.

Mas antes da criação deste já era capitão de milicias na dita vila do Redondo.

Casou com D. Maria Rita de Brito, dos Britos de Elvas, de quem teve muitos filhos. Destes Anastácio e Domingos são oficiais de cavalaria no exército.

José Anastácio foi sempre decidido. Possuía um bom morgado, porém deixou poucos bens por sua morte, porque viveu sempre de suas rendas.

Faleceu em Abril de 1878, sendo morador na Corredoura na casa dos Mascarenhas. Era bom sujeito.

JOSE ANTONIO DA SILVEIRA E COUTO

Natural desta vila, baptisado em São Bartolomeu a 26 de Janeiro de 1722 e filho de Paulo Gomes da Silveira e de D. Teresa Maior da Silveira.

Teve o cargo de seus maiores em 1756, 1765, 66, 77, 79, 80, 84, 87, 90, 93, 96, 99 e 1802.

Em 1741 casou a primeira vez em São Bartolomeu com D. Rosa Maria de Oliveira, viúva de Manuel Soares de Carvalho, guarda-mor das alfândegas; depois tomou a casar em 1753 com D. Luiza Teresa de Azevedo, natural de Monsaraz e viúva de Francisco Xavier Sameiro, que lhe morreu em 1762 e assim passou a terceiras núpcias em 1767 com D. Maria Clara d' Abreu, de Olivença.

Em 1755 era casado com D. Luisa Teresa de Azevedo, viúva do médico Francisco Xavier Sameiro; e deu fiança para ser tutor de 3 enteados.

Em 1800 foi nomeado capitão-mor das ordenanças de Vila Boim, mas não exerceu este cargo por muitos anos, porque era então já velho e faleceu pouco depois.

Mesmo nesse ano, a 16 de Julho, foi maltratado publicamente no mercado, sendo almotacé, pelo seu colega Luis Jorge da Costa Amado, por querer que

as taxas fossem mais favoráveis ao povo: razão porque o ultimo foi repreendido em câmara e declarado inábil para servir de vereador e almotacé.

Faleceu a 15 de Outubro de 1803 sendo casado com D. Maria Clara e frequentes de São Bartolomeu.

JOSE ANTONIO DE SOUSA E MENEZES

Filho de José de Sousa e Menezes e de sua segunda mulher D. Sebastiana Maria José da Silveira, natural de Borba, onde nasceu também José António a 26 de Novembro de 1789, como filho natural de ambos; mas depois foi legitimado por matrimónio subsequente e como não havia filho varão das primeiras núpcias de seu pai, sucedeu ele nos morgados da casa da Rua de Santa Luzia.

Desposou-se com D. Ana Guiomar Chichorro da Gama Lobo, dos Chichorros de Monforte e sendo viúvo desta, passou a segundas núpcias com sua sobrinha D. Maria Francisca Saldanha de Sousa Menezes, morgada e filha de uma irmã sua consanguínea (D. Ana Benedita).

Foi vereador em 1816 até 12 de Março; e em 1822 elegeram-no substituto do Juiz de Fóra.

Seguindo o partido da realza e da legítima sucessão de D. Miguel I no trono de Portugal por morte de El-Rei D. João VI em 1826, emigrou para Vila Nova de La Serena com a divisão do general Maggessi, sendo ao tempo tenente coronel do Regimento de Milícias de Vila Viçosa e pagou do seu bolsinho os soldos aos emigrados, enquanto o governo espanhol não lhes ordenou a prestação de subsídios.

Quando nos fins de 1828 se projectou a formação de um batalhão de voluntários realistas com sede ou cabeça nesta vila, foi ele o preferido para coronel do dito corpo e recebeu em 31 de Dezembro a sua patente, passa da pelo Duque de Cadaval D. Jaime de Melo, coronel general de todos os corpos de voluntários (caçadores a pé). Ocupou-se por tanto no ano de 1829 em organizar o batalhão do seu comando; e também serviu no mesmo ano o cargo de vereador.

Em Janeiro de 1832 marchou com o seu batalhão para Pedrouços como lhe fôra ordenado superiormente. Pois esperava-se a invasão do reino por D. Pedro com os liberais emigrados e os estrangeiros engajados em Inglaterra

e noutras partes, mas no ano seguinte largou o dito batalhão, por ter sido transferido pelo Marechal Bourmont para o exército de linha e passando pouco depois a brigadeiro, teve o governo da praça de Vila Viçosa.

Nesta posição se encontrava, quando foi assinada a Convenção de Évora-monte em Maio de 1834.

Da mesma sorte que muitos outros partidários do rei vencido, José António de Sousa foi deportado para a província de Trás-os-Montes, donde regressou á sua casa passado algum tempo e viveu depois disso estranho ás lutas politicas dos liberais, permanecendo todavia firme e inabalável na sua adesão ao rei legítimo. Foi então que contraiu segundas núpcias e passava alternadamente o tempo, ora em Vila Viçosa, ora em Lisboa.

Do 1º matrimónio teve a Tomé de Sousa e Menezes, que lhe sucedeu nos morgados e a João de Sousa e Menezes, de quem já dei notícia.

Do 2º matrimónio houve sómente a José de Saldanha Sousa e Menezes, que veio a succeder no morgado de sua mãe (da casa da Lousã).

Este casou com sua sua sobrinha D. Ana Guiomar; filha de seu irmão Tomé e teve dela a José de Saldanha, D. Ana Guiomar e D. Maria das Dores.

Faleceu nesta vila em 14 de Maio de 1849 e jaz no Cemitério da Matriz em sepultura própria.

Era Cavaleiro dos Hábitos de Cristo e da Conceição.

Provedor da Misericórdia em 1834-35 etc..

JOSE ANTONIO DA VEIGA

Natural desta vila e filho mais velho de António José da Veiga (veja-se).

Depois de estudar as línguas portuguesa e latina com o professor público co José Honório, foi frequentar a Escola Médico-Crúgica de Lisboa.

No fim do curso casou em Lisboa e veio exercer a clinica na sua pátria mas ao cabo de pouco tempo foi promovido a cirugião ajudante de cavalaria nº 3 e dali resultou andar por fóra da sua terra, chegando cá apenas por visitar a sua familia.

Viveu-lhe pouco a sua 1ª mulher. Passando logo a segundas núpcias com D. Maria Amália Cordeiro Vinagre (dos lavradores do Gaião), enviuvou dela em 1857 e pouco depois contraiu terceiras com D. Maria Guilhermina da Cos

ta Mexia, filha do nosso patrício José Maria da Costa Fonseca Xexia, contudo houve só uma filha do seu primeiro matrimónio.

Nesse tempo era já cirurgião-mor do exército tendo créditos de bom facultativo.

Nasceu a 10 de Março de 1826 na freguesia de São Bartolomeu onde foi baptisado a 16 de Março.

Vive em 1876 sendo cirurgião em chefe do exército.

JOSE ARCADIO DA SILVA

Esta figura aqui, como artista premiado com menção honrosa na exposição de cerâmica, realizada no Porto em 1882, pelos seus artefactos de louça de barro vermelho, executados com muito primor e principalmente de ânforas para água fresca no verão.

Filho de Arcádio da Silva e de Aurélia Francisca, nasceu na Vidigueira, terra de sua mãe, no ano de 1845 e veio de tenra idade para Vila Viçosa, onde seu pai já estivera em solteiro.

Aqui, ao mesmo tempo que aprendeu com seu pai o officio de oleiro, dedicou-se á música, tornando-se um dos melhores filarmónicos da terra; pois tocou muitos anos 1.^a clarinete, requinta e flauta.

Casou nesta vila com Joana Francisca Amaro e tem descendência.

JOSE AUGUSTO DA SILVA PREZADO

Natural desta vila e filho do Dr. Mariano José da Silva (veja-se) e de D. Maria José de Oliveira Prezado.

Foi vereador no biénio de 1850-51.

Casou na sua pátria com D. Maria Henriqueta Misurado, filha de João Misurado, da qual teve um filho varão e algumas filhas.

JOSE BENTO LAMEIRA

Veja-se Pedro José Freire Lameira.

JOSE BERNARDO DE SOUSA DA CAMARA

Filho de Xavier Pedro de Sousa da Câmara e de D. Inácia de Sousa Re-foios, baptisado em São Bartolomeu a 3 de Setembro de 1727.

Vereador em 1752 e 1753.

Em 1798 estava reformado no posto de sargento-mor de cavalaria e contava cerca de 70 anos de idade, mas em 1801 já era falecido.

Foi ele quem elevou a casa nobre da Praça, fronteira aos Paços Municipais, á grandeza que tem e que só é inferior nesta vila ao Palácio Real.

Não casou nem teve filhos e por isso vinculou a sua casa em morgado na pessoa de sua sobrinha D. Inácia Xavier Caetana de Aragão, filha natural de um irmão seu, residente no Brasil.

Desta D. Inácia, que casou com Francisco Pereira, nasceu unicamente D. Inês Emilia, que casou em 1836 com Manuel José da Nóbrega Camisão e deste matrimónio procedeu António Pereira da Nóbrega Sousa da Câmara, actual possuidor da mesma casa.

JOSE CARLOS DE MIRANDA PANASCO

Filho do Dr. Bento Dias Panasco. Casou com D. Antónia Vitória de Sousa e Brito. Viviam na Quinta de Pardais e não tiveram descendência, nem acho que exercesse cargos públicos.

Era falecido já em 1784. A sua viúva estava recolhida no Beatério de São José em 1791.

FR. JOSE DA CONCEIÇÃO

Frade grilo. Professou no dia 27 de Maio de 1737 no Convento de Estremoz e foi na sua consagração vigário geral ad honorem, por graça apostólica.

Esta notícia é do Catal. do Convento da Formiga, ms.; e do Portug. Ant. e Mod.

JOSE CORREIA RAVASCO

Filho de António Correia Ravasco e de Antónia Cocheira, ambos calipo-

lenses.

Seguindo a carreira das letras, obteve o grau de bacharel em leis e foi advogado nos auditórios da sua pátria.

Já era licenciado em leis no ano de 1705.

Casou em 1718 na freguesia de São Bartolomeu com D. Josefa Vicência de Pina, filha do capitão João Lopes Valadas e de D. Maria Mendes Barrenta, igualmente nossa patrícia, os quais todos viviam em Vila Viçosa.

Em 1722 afiançou-se para ser almoxarife da Casa de Bragança.

Já desde 1712 era Juiz do Fisco; e em 8 de Novembro de 1727 foi nomeado sîndico da nossa câmara.

Faleceu em 1739 a 16 de Fevereiro e foi sepultado em S. Paulo.

JOSE CORREIA SAIAL

Filho de João de Oliveira e Paula Maria, desta vila.

Foi procurador do concelho em 1747, 1750, 1758 e 1761 e alferes de ordenanças desde 1751.

Casou em São Bartolomeu no ano de 1749 com Maria Caetana e depois na Matriz com Maria Inácia, filha de Domingos Charrua e Antónia Pereira, que faleceu em 1790, sendo viúva dele á muitos anos, isto é desde 2 de Novembro de 1762.

Era irmão de Manuel Correia Saial (veja-se).

JOSE DA COSTA CALADO

Filho de Luiz da Costa Calado. (Veja-se)

Foi capelão da Real Capela e reitor do Colégio dos Reis.

Era sacerdote exemplar.

Faleceu em 5 de Junho de 1831.

JOSE DIAS

Lavrador dos Cordeiros.

Compra em 1773, a herdade dos Castelos de São Romão a José Joaquim de Moraes Sepa, morador em Lisboa, por 404\$800 réis.

JOSE DUARTE CORDEIRO E SILVA

Filho do Dr. Estevão Duarte Cordeiro e Silva já nomeado.

Vivia na Rua de Três na casa, que seu pai reedificara. Casou com D. Catarina Rosa Jerónima Travessa, filha do cirurgião José Fravesso Belo. Em 1813 foi nomeado recebedor do almoxarifado da Casa de Bragança, cargo que teve até 1834 e desde 1818 até 1835 exerceu o de escrivão da câmara, do qual foi demitido como partidário de El-Rei D. Miguel I, não lhe valendo o ter seu filho Joaquim Cordeiro Fradesso da Silva servido a D. Pedro no Batalhão Académico e ser até segundo alguém me diz, um dos 7.500 do Minde-lo. Este foi pensionado posteriormente pelo governo, e só assim pôde obter o grau de bacharel sendo seu pai já defunto.

Em 1812 comprou a António Lourenço de Matos Azambuja por 1 conto as casas de seu pai na Rua de Três, a que seu irmão António Duarte vendera ao Sr. Azambuja.

José Duarte vendo-se privado de seus empregos pelo crime de ser realista e tendo aliás de sustentar uma numerosa família, propôs-se candidato a juiz ordinário para o ano de 1837 e porque era inteligente, honrado alcançou os votos da maioria dos eleitores, não obstante a oposição, que lhe moveram os liberais da nossa terra, que apesar de serem poucos, pretendiam os empregos todos para os do seu corrilho.

Mas, apesar das ocupações de funcionário civil teve sempre José Duarte uma pequena lavoura e lagar (ao Porto de Elvas), dando expediente a tudo com suma actividade.

Faleceu a 30 de Julho de 1844, sobrevivendo-lhe muitos anos sua mulher e deixando o sobredito filho varão, que morreu sem descendência e algumas filhas.

JOSE ELISARDO POMBEIRO

Natural de Elvas. Foi vereador em 1840, 1841-42 e 1845-46.

Seguindo a carreira das armas, subira ao posto de capitão de infantaria, quando o exército de D. Miguel I convencionou depôr as armas as 1834 e então veio para Vila Viçosa, por ter cá sua irmã D. Maria Cristina recolhida como secular, no Convento da Esperança e para comer com ela na grade; hospedando-se num quarto do Hospício dos Frades.

Alguns anos depois casou com D. Gertrudes Lameira, filha de Pedro José Freire Lameira, por intervenção do seu tutor António Lourenço de Matos Azambuja; e passou a manter-se com o rendimento da legítima de sua mulher, em que entrou a casa dos Falcões no Rossio, a qual ficou sendo a sua constante residência para todo o resto da vida.

Em 1851 melhorou muito a sua condição, porque passou a ser considerado tenente reformado com o competente soldo de 18\$000 réis mensais.

Mostrou muita habilidade para a pintura e sendo mordomo do hospital ou fiel, pintou de novo a bandeira de Nossa Senhora da Misericórdia, que serve constantemente nas procissões e enterros, em que sai a respectiva irmandade.

Teve muitos filhos e filhas: António, depois de ser 1º sargento de cavalaria nº 3, pediu baixa e tornou á vida de paisano; José continuou ao serviço militar; Inácio Falcão da Gama Pombeiro adoptou a vida do comércio; Miguel também assentou praça em cavalaria; D. Teresa casou com João António da Silva Nogueira; D. Ana, com o oficial de cavalaria nº 3, Damaseno Rosado, etc..

José Elisardo foi sempre querido de toda a gente, porque as suas boas qualidades assim o reclamavam.

JOSE FALCÃO DA GAMA E SOUSA

Natural desta vila e filho de João Falcão da Gama (veja-se).

Aluno do Colégio dos Reis em 1753 e 55.

Vivia na segunda metade do século 18, sendo capelão da Capela Real desta nossa terra, mestre de cerimónias e secretário do cabido.

Era também músico e compositor. Dele conheço um *Stabat Mater* a 4 vozes e órgão, muito acomodado á letra e com bastante carácter de música religiosa.

Faleceu de uma apoplexia em 20 de Dezembro de 1804 e foi sepultado na Igreja de Santa Cruz.

JOSE FERNANDES DE SANTIAGO

Exerceu o cargo de vereador em 1837, 1839, 1840, 1845-46.

No biénio de 1846-47 foi também Presidente da Câmara.

Este homem, segundo ouvi, era natural da aldeia de São Tiago do termo de Moura, assentou praça no Regimento de Cavalaria da dita vila de Moura e assim veio para Vila Viçosa em 1815.

Reformando-se por fim no posto de capitão quartel-mestre, casou em 1830 com D. Mariana Bárbara Calado, irmã e herdeira do cónego António Calado da Silva, falecido no ano precedente e deste modo arranjou pão para comer o resto da vida.

Faleceu nesta vila, sendo viúvo e sem filhos legítimos, a 13 de Maio de 1859, contando acima de 80 anos.

Diziam que sabia bem a lingua francesa.

Foi o unico homem branco e português, que vi trazer nas orelhas arre-cadas de ouro, como as mulheres e passear assim pelas ruas de nossa vila em idade já bastante avançada. Há parte esta vaidade fêmenil, o velhote (como eu o conhecia) não metia nojo, porque era mui claro e rubicundo, as-sentando-lhe bem a sua grande cabeleira natural e a longa barba alvissi-ma, tão alva como a neve.

Em cima disso reluziam-lhe os óculos de armas de que usava por ser miope de olhos proeminentes.

JOSE FRADESSO BELO

Cirurgião-mor do Regimento de Cavalaria de Elvas.

Em 1793 trata seu casamento com Maria Felizarda de Oliveira e Silva, filha de José Maurício e de Mariana Teodora, dotada em 320\$ réis por suas tias Leonor Tomásia de Faria e Ana Quitéria de Faria que a tinham criado.

Vende em 1804 a José Duarte Cordeiro e Silva por 30\$ réis umas casas na Rua de Frei Manuel.

JOSE FRANCISCO SALAZAR LOBO DA PONTE

Filho de João Inácio Lobo da Ponte (veja-se).

Vindo pautado para vereador no ano de 1783, excusou-se, alegando que tinha negócios a tratar na corte.

Era militar, como seu irmão António Viegas, mas não sei dizer a que posto chegara.

Faleceu em 25 de Agosto de 1808 sendo nascido em nossa vila.

Era solteiro.

JOSE FRANCISCO SIMÕES

Foi vereador da comissão administrativa do município no biénio de 1876-77, nomeada pelo governo civil do distrito, visto não se ter verificado a eleição popular.

Em Outubro do ano primeiro da sua vereação, nomearam-no os seus colegas professor de ensino secundário de gramática portuguesa e linguas latina e francesa, com 200\$000 réis de ordenado anual pelo cofre do concelho, mas deixou de ter este lugar em Novembro de 1878, porque a junta geral do distrito suprimiu o dito lugar de professor.

José Francisco Simões nasceu no Alandroal, sendo filho de José Simões e de Maria José, cerca do ano de 1842. Passou muito jovem a viver em Pardais na companhia de seu padrinho José de Assa Castelo Branco; e como este por fim mudasse a sua residência para Vila Viçosa, veio também ele para esta vila e aqui estudou português, latim e música. Depois cursou alguns preparatórios no Liceu de Évora e habilitou-se para o ensino particular de português, latim e francês de que vivia, quando foi nomeado professor municipal.

Em 1882 obteve o emprego de escrivão da administração do concelho da sua pátria e para lá tornou juntando-se com seus irmãos solteiros, como ele era.

Casou depois com Hilária, uma sua discípula desta Vila Viçosa.

JOSE FRANCISCO SOARES

Barbeiro ainda em 1757-1768.

Foi procurador do concelho em 1778, 1782, 1786, 1790, 92, 94, 95, 96, 97, 1801 e 1804; isto é 11 anos, coisa não vista e devida ao seu muito zelo (dizem as pautas). Os procuradores do concelho serviam de fiscais da câmara, tendo a seu cargo a inspecção das obras públicas e a criação dos expostos e assim era mais trabalhoso o seu officio que o de vereador, por isso mesmo como autorizava a ordenação do reino.

E não só era activo este patrício em exercer o cargo sobredito, mas ainda noutros, como o de tesoureiro da Irmandade do Santissimo da Matriz, em cujo livro de acórdãos encontro memória de seus serviços, o que evidência ter sido homem bastante prestado.

Creio que era algarvio, segundo uma procuração que ele e sua irmã Ana Joaquina Josefa deram para procurarem e alienarem os que lhe pertencem de seus pais e doutras pessoas, em Lagos.

Faleceu em 11 de Julho de 1807, sendo casado com Joaquina Perpétua e freguês de São Bartolomeu.

JOSE GOMES PERDIGÃO

Oficial de canteiro em 1796, depois merceeiro e capitão da Ordem de Malta em 1812 (?), título que comprou por 480\$ réis que deu a um homem que foi ao Rio de Janeiro onde estava a corte de se livrar de embargos e cavalgaduras e alistamentos.

FR. JOSE GRALHO

Foi o fundador do grandioso claustro do Convento de São Paulo e mais anexos, como deixei relatado na história do mesmo convento (Cap.4, tomo 4).

Florescia no 1º quartel do século 18. Parece-me filho ou neto de Cristóvão Machado Gralho.

Herdou, sendo já frade paulista um morgado, que era dos Machados Gralhos da nossa vila e passou por sua morte á casa das Galveias e como não precisa do seu rendimento empregou-o na forma sobredicta.

Creio que era calipolense (veja-se Francisco Gralho e Cristóvão Machado Gralho).

JOSE HELIODORO BRITO PERACHA

Pai de Manuel Bernardo e de D. Maria Pulquéria a quem sua mãe dotou em 1806 em 800\$ réis para casar com Diogo Lopes Bernardo, cadete do Regimento de Infantaria, nº 20.

Proprietário e lavrador. Capitão-mor em 1792 (donde ?). Casara com D. Maria Fortunata Centeno Mexia. Era falecido em 1803.

JOSE HONORIO DE PADUA CARDOSO

Foi vereador nos biénios de 1864-65 e 1866-67.

Quando não fosse por isto, não deixaria de registrar aqui o seu nome, visto que exerceu entre nós o magistério das linguas portuguesa e latina quase quarenta anos, prestando assim relevantes serviços á instrução pública do município.

José Honório nasceu em Almeida cerca do ano de 1805 e veio dali para Vila Viçosa, como professor público interino das disciplinas referidas, nomeadoem provisão régia de 6 de Março de 1824, por não ter a idade exigida para professor proprietário ou vitalício; mas findo o primeiro triénio e renovado o exame de concurso, houve á dita cadeira de propriedade por carta de 9 de Junho de 1827 (Reg. da Câm., L.7).

Casou aqui com D. Felícia Joaquina de Vasconcelos Miguéns, natural de Évoramonte e herdeira dos Miguéns de Vila Viçosa, da qual não teve sucessão e por isso, achando-se viúvo e herdeiro da metade dos bens de sua mulher, ordenou seu testamento, em que deixou entre outros legados, três contos de réis para se vestirem 150 varões e outras fêmeas, pobres repartindo-se por último pelos mesmos e com igualdade, os sobejos dos ditos três contos.

Isto se cumpriu ao cabo de dez anos, por causa das dificuldades que opôs a ambição dos herdeiros dos remanescentes, o que deixo explicado melhor nos anais respectivos.

Faleceu a 5 de Maio de 1870 e já no Cemitério da Matriz em sepultura comum.

Sabia bem a lingua latina, mas era muito vagaroso no ensino, fazendo gastar aos discípulos o dobro do tempo, que era mister para aprenderem.

Eu frequentei a sua escola sete anos, não devendo frequentá-la mais de quatro e houve outros companheiros, aliás inteligentes, que gastaram oito.

Não tinha pressa nesta matéria e parecia-lhe que os discípulos não deviam gastar a mocidade noutra coisa.

Era surdo, o que muito nos incomodava por termos sempre de lhe falar em voz bem alta.

Completo os 30 anos de ensino, foi jubilado com o aumento de 60\$000 réis sobre o seu honorário de 200\$000, mas em 1863, quando contava 39

anos de magistério, pediu a aposentação por fazer-lhe duvida o mudar de compêndios conforme os novos programas da instrução pública.

JOSE INACIO DAS NEVES E ANDRADE

Natural desta vila, filho de António das Neves e Andrade e de sua mulher Joaquina Vicência Cordeiro Vilela e neto paterno de Custódio José de Andrade (veja-se). Sucedeu a seu pai no officio de escrivão da correição; e cedeu este lugar em 1804 a Gaspar Henriques de Lima Sanches.

Teve até 1834 o lugar de escrivão da correição.

Depois de der sido ajudante do corpo de ordenanças foi provido no posto de capitão da 5ª companhia em 1830 por patente de 26 de Abril e tomou posse no seu comando em 16 de Junho do mesmo ano.

Era decidido partidário de D. Miguel I e dali resultou ser atrozmente perseguido em 1834 e anos seguintes pelos liberastas, como pode ver-se na crónica do ano designado atrás e noutros lugares.

Foi o único em que se verificou a lei das indenizações, tirando-se-lhe um bom prédio de olival.

Tinha alguns bens de raiz e uma loja de mercearia, porque os antigos empregados públicos não costumavam sustentar-se a si e suas famílias sómente com os ordenados, como hoje está acontecendo.

Casou com Maria Clemencia (D.), minha parenta, da qual teve o António das Neves e Andrade e a Joaquim António das Neves e Andrade, os quais ambos casaram e tiveram descendência.

José Inácio faleceu de apoplexia em 3 de Fevereiro de 1851, sendo viúvo desde 1849.

Era boa pessoa.

JOSE INOCENCIO DE ASSA CASTELO BRANCO

Morava em Pardais na sua Quinta do Dr. Panasco em 1808 por compra feita aos herdeiros do mesmo Dr. (Fr. Francisco Panasco e outros).

Era Juiz da alfândega de Elvas e tinha um morgado na Casa Branca do termo de Sousel.

Casou com e teve a José de Assa Caste-

lo Branco.

JOSE JOAQUIM MENDES

Por gratidão consignarei aqui também o nome deste homem que foi meu mestre de primeiras letras e fá-lo-ia da mesma sorte, ainda que meu mestre não fôra, visto que um professor público de instrução primária é sempre um mártir de rapazes.

Nasceu em Juromenha acidentalmente, mas era oriundo de Borba. Veio para Vila Viçosa como professor público em 1843, nomeado temporariamente, pelo reitor da Universidade de Coimbra, Conde de Terena, em provisão de 5 de Setembro e reformou-se em 1875, depois de 32 anos de ensino de rapazes. Só desde 15 de Março de 1865 foi professor vitalício.

Achando-se divorciado com sua mulher, quando se reformou, foi viver em Borba com um tio seu, mas ao cabo de dois anos sobreveiu-lhe logo a morte.

Nunca possuiu sequer umas casas para morar, foi pobre sempre e pobres ficaram os filhos que deixou.

É celebre! Os cargos de mais trabalho são sempre os pior galardoados, porque esses não os querem exercer os mimosos do governo central.

E a dizerem que já lá vai o tempo em que a aristocracia empolgava todos os lugares, vedando o acesso aos filhos do povo ...

Hoje sucede a mesma coisa em vez da aristocracia de sangue azul, estão os afilhados, de quem dirige a nau do estado, a trabalhar pouco ou nada, mas comendo muito e muito... Enfim, ponto final, que não é aqui lugar próprio de tratar deste assunto.

JOSE JOAQUIM MIGUENS

Filho de Martinho Filipe Miguéns (veja-se) e natural desta vila, baptisado em São Bartolomeu no ano de 1733.

Foi vereador desde 1767 até 1777 por não chegarem pautas novas e além disso em 1780, 1785, 1791, 1797 e 1801.

Casou no ano de 1789 com Isabel Inácia da Rocha, minha parenta já viúva do Algibebe Manuel das Candeias, que juntara uma pequena fortuna mas não teve descendência.

Faleceu em 2 de Maio de 1807.

JOSE JOAQUIM DE OLIVEIRA PREZADO

Alferes de ordenanças em 1782, filho de Joana Teresa.

Tomou posse do posto de capitão de ordenanças em 14 de Janeiro de 1784.

Casou com D. Joana Xavier Narcisa de Ataíde Banazol, de quem teve ao cônego Barnabé de Oliveira Ataíde, a Francisco de Paula de Oliveira Prezado, professor de instrução primária nesta vila e a D. Maria José, que casou sucessivamente com os Drs. José Maria Alves de Araújo e Mariano José da Silva.

Era calipolense. Faleceu em 25 de Janeiro de 1815.

JOSE JOAQUIM DOS RAMOS LEAL

Tabelião desde o ano de 1870 (pouco mais ou menos).

Casado com Maria Francisca.

JOSE LEITE DE FIGUEIREDO

Filho de Paulo Lopes de Figueiredo (veja-se).

Foi vereador em 1757, 1761 e 1762. Faleceu no ano seguinte.

Casara em 1742 com Catarina Inácia de Sequeira em São Bartolomeu.

Capitão em 1757 (de ordenanças ou de auxiliares ?).

Teve uma filha única que se chamava D. Tomásia X. Doroteia Leite e Paiva.

JOSE LOPES

Baptisado na Matriz a 20 de Março de 1740 e filho de Domingos Lopes e Maria das Neves. Entrou para o Colégio dos Reis em 10 de Junho de 1748 e completou o seu tempo de estudo com muito aproveitamento sob a direcção dos jesuítas.

No assento da sua matrícula acha-se esta nota marginal "*sahiu em Ju-*

lho de 1755 para religioso Agostinho Calçado. Foi bem procedido e aproveitou os sette annos que esteve no collegio".

Advirta-se agora que estes alunos do Colégio dos Reis eram admitidos nas ordens religiosas sem dote e só pelas prendas de organistas ou cantores.

JOSE LOPES DE ALMEIDA

Foi procurador do concelho em 1781, 1785 e 1791.

Era calipolense e filho de António Lopes Josefa. Casou na Matriz em 1751 com Ana Joaquina, filha de José Correia e Maria Inácia.

JOSE LOURENÇO DA ROCHA

Natural da freguesia de São Bartolomeu e filho de Manuel Rodrigues da Rocha natural de São Bartolomeu de Borba e de sua segunda mulher Joana Teresa natural de São Bartolomeu de Vila Viçosa, foi baptisado a 21 de Agosto de 1749.

Sua familia era de tecelões e sendo assim apenas pôde estudar gramática latina sem sair da sua pátria. Aconteceu porém que um morgado da Chamusca pretendesse um mentor para seus filhos, enquanto frequentavam a Universidade de Coimbra e sendo-lhe inculcado o moço José Lourenço, de Vila Viçosa como tendo as partes necessárias para ~~tal~~ mistér, confiou-lhe o morgado a seus dois filhos, a quem ele teve de sofrer com muita paciência mas enfim logrou que eles ambos se laureassem bacharéis e que ele mesmo o fosse também na Faculdade de Cánones.

Destinava-se á vida eclesiástica e por que então se achavam suspensas as ordenações de clérigos e as profissões de frades e freiras pelo Marquês de Pombal, só pôde ordenar-se depois de 1777, quando faleceu El-Rei D. José.

Depois de ser capelão e mestre dos Zagalos em Estremoz, foi provido num beneficio de Mourão, onde viveu catorze anos, findos os quais obteve o priorado da Matriz da sua pátria, tomando posse dele em 1801.

Era já freire de Aviz.

Em 1808 presidiu á deputação que foi a Évora a pedir ao General Loi-

son, que não viesse com mão armada sobre a nossa vila por causa dos tumultos populares de 19 e 20 de Junho e estava designado para vigário geral e provisor do exempto da nossa terra, quando faleceu em 11 de Março de 1816, contando pouco mais de 66 anos de idade.

Era meu parente, como filho de um meu 3º avô e meu pai chamou-se Joaquim José Lourenço da Rocha Espanca em gratidão aos benefícios, que dele recebia minha avó paterna Gertrudes Vicência da Soledade, . sobrinha sua materna.

JOSE DE MACEDO PIMENTEL

Foi vereador em 1821-23, sendo então oficial reformado e casado em segundas núpcias com D. Clara Eugénia Valejo da Silva Lobo, irmã de D. Francisco Xavier da Silva Lobo.

Teve a Francisco da Gama Lobo, que vivia em 1808.

Deste Francisco procedeu Nuno da Gama, que casou com D. Maria José Valejo da Silva Lobo, cunhada de seu avô e teve a Francisco da Gama Lobo Coelho.

José de Macedo morreu em Vila Viçosa, mas não sei qual fosse a sua naturalidade.

JOSE MARIA ALVES ARAÚJO

Foi síndico da nossa câmara desde 1814 até 1818.

Era filho de João Alves de Araújo (veja-se) e natural da nossa vila.

Seguindo a carreira das letras, obteve em Coimbra o grau de bacharel em leis e teve escritório de advogado, não porém muitos anos porque faleceu tísico e moço.

Tinha casado em 1814 com D. Maria José de Oliveira Prezado, filha de José Joaquim de Oliveira Prezado, da qual houve uma filha que morreu sem descendência; João Alves de Araújo dotou a nora com a Quinta de Santo António, em Bencatel.

JOSE MARIA DA COSTA FONSECA MEXIA

Era filho varão mais velho de Jerónimo da Costa de Carvalho e de sua

segunda mulher D. Maria Umbelina Centena da Fonseca, natural de Campo Maior e filha do tenente de granadeiros João Centeno Carrasco Mexia e de sua mulher D. Mariana Rosa Umbelina de Couto.

Nasceu a 23 de Janeiro de 1797 e foi baptisado na freguesia de São Bartolomeu a 2 de Fevereiro seguinte.

Assentou praça de cadete no Regimento de Cavalaria nº 2 e sendo já alferes teve em Castelo de Vide uma alteração com o juiz de fôra, por causa de forragens para um destacamento de que era comandante, acabando por lhe dar algumas pranchadas, do que resultou ser condenado a dois anos de prisão no Forte da Graça de Elvas.

Fôra aquele excesso filho do seu génio altamente nervoso, pois nem era doido, nem dotado de maus sentimentos, mas pelo contrário mui dado á relegião.

Enquanto jazia recluso quis Deus aliviar-lhe dores com uma grande consolação. Estivera algum tempo antes em Vila Viçosa D. Teresa de Portugal, viúva de Bernardo Mexia de Matos, senhor de um morgado em Olivença, trazendo consigo a sua filha única D. Maria Teresa de Mexia de Matos e por herdeira do morgado de seus pais.

Um segredo num jogo de prendas havido ao serão em casa de Jêrónimo da Costa e dito por José Maria á jovem morgada, ficara guardado na alma da mesma com tão simpático acolhimento, que ele nunca o imaginara assim.

.....

Desfez-se um contrato de casamento já feito em Lisboa, por que D. Maria Teresa declarou a sua mãe não poder já mais casar com um homem tanto do seu gosto, como sendo com José Maria da Costa.

Por isso o matrimónio com este efectuou-se logo, não obstante a sua prisão; e Deus abençoou este enlace conjugal, dando-lhe a mais numerosa descendência que se encontrou em nossa terra (15 filhos sobrevivos!).

Em 1823 achava-se já solto e livre na sua pátria e por equivoco nomearam-no tenente da companhia da Guarda Nacional; pois ele mesmo foi um dos que aplaudiram a queda do liberalismo no mesmo ano e promoveram a demonstração hostil contra o coronel Torres de cavalaria nº 2, chefe dos liberais da nossa terra.

No principio de 1829 sendo vereador aceitou o posto de capitão da 1ª companhia do batalhão de voluntários realistas da nossa vila e partindo

para Pedrouços em Janeiro de 1832 com o seu batalhão, esteve nesse mesmo ano para ir para o cerco do Porto por comandante do batalhão de Mon saráz, de quem era coronel José Jerónimo da Gama Lobo Pimentel, do Alandroal.

Se este melindrado justamente, não fôra procurar a El-Rei D. Miguel reclamando a honra que lhe pertencia e que protestava desempenhar (como desempenhou), lá teria ido José Maria da Costa.

Mas depois, com a transferência do coronel José António de Sousa Meneses para tropa de linha, passou ele a tenente coronel do seu mesmo batalhão (aí pelos fins de 1833).

Achava-se em Estremoz com a gente do seu comando ao tempo de se assinar a Convenção de Evoramonte, veio para Vila Viçosa, mas pouco se demorou aqui porque os liberais promoveram-lhe perseguições com uma tenacidade sem igual entre nós e por vezes ia sendo colhido por eles no Alandroal, para onde mudara a sua residência. Numa ocasião saindo a cavalo, perguntou uma ronda de cavalaria a ele mesmo: Se José Maria da Costa estaria em casa?

Ele respondeu-lhe que sim e ficando esporas ao potro, fez-se mais ao largo de que tencionava. E doutra vez, sendo surpreendido em casa, ficara escondido entre a cama e a parede da alcova com as botas descoberto, sendo preciso a sua mulher atirar-lhe com um xaile por disfarce, para lhe tapar os pés e os liberais não deram por isso.

Assim, o proscrito cria firmemente que era salvo por intercessão de Nossa Senhora da Conceição do Castelo, a quem dedicava suma devoção.

Viu-se portanto obrigado a passar o Guadiana e ir residir na sua Herdade de Taleigão no termo de Olivença. Dali escreveu algumas correspondências para o *Ecco*, 1º jornal miguelista, publicado em Lisboa queixando-se da injusta perseguição que lhe moviam, não tendo ele delitos comuns e sim meramente politicos e como todo o exilado, que se compraz em lembrar-se da pátria, por que suspira, ele subia por as tardes a um outeiro, donde avistava a torre da nossa Mãtriz e dali fazia de joelhos sua oração a Nossa Senhora do Castelo.

Ali por 1840, serenada já a perseguição feita aos miguelistas, delibou tornar para a sua pátria; mas, temendo sempre novos sobressaltos foi estabelecer-se no seu monte dos Amados, na freguesia das Ciladas.

Ainda se achava ali, quando em 1852, sentindo-se gravemente enfermo, veio para casa de seu irmão Inácio da Costa de Carvalho, a fim de ser tratado pelos facultativos da terra; porém a doença agravou-se e ele succumbiu na véspera de Quinta-Feira de Ascensão e foi sepultado no dia seguinte (21 de Maio) no Cemitério da Matriz.

Dissera ele em vida que desejava morrer na festa de Ascensão do Salvador e Deus fez-lhe a vontade.

Os ódios políticos estavam quase apagados e pôde por conseguinte a Filarmónica do Alandroal, dirigida pelo eborense Joaquim Maria Morte, miguelista refugiado na dita vila, dirigir-se á nossa terra, para ir tocando marchas fúnebres atrás do préstito do enterro, coisa não vista ainda em funerais de paisanos, porque a nossa primeira filarmónica estava ainda em germe.

Foi uma demonstração pacífica de saudade dos miguelistas por este seu caudilho.

José Maria da Costa contava apenas 55 anos . Fez testamento para deixar aos filhos segundos a terça dos bens de Portugal e os quintos dos de Espanha e dizia, entre outras coisas, que os encomendava todos á divina providência. Faleceu com todos os sacramentos.

Os seus filhos varões foram: António de Matos Mexia da Costa, o mais velho, que herdou metade do morgado de sua mãe, segundo as leis de Espanha e casando em Borba com D. Maria Augusta de Azevedo, reside na mesma vila; - José Jerónimo, que casou no Alandroal com D. Maria José Roma, viúva do morgado José Francisco da Gama Lobo Pimentel; - Jerónimo José que casou com D. Maria Isabel Lobo Vidigal Salgado e vive em Vila Viçosa; - João José da Costa, que casou no Alandroal com uma rica lavradora (D. Mariana Rita Perpétua); Inácio Clemente da Costa (veja-se) e Bernardo da Piedade da Costa, que casou em Olivença com uma filha do abastado proprietário José Eloy e vive na dita cidade.

De suas filhas: D. Maria Umbelina, a mais velha não tomou estado; D. Maria Teresa e D. Maria Próspera casaram para o Vimieiro; D. Maria Guilhaermina casou com o nosso patrício José António da Veiga; D. Ana casou com o boticário Joaquim António Restolho de Elvas; D. Maria do Carmo do O' recolheu-se ao Beatério do Redondo; D. Maria da Conceição casou com António José de Assa Castelo Branco e vive em nossa terra e uma outra

D. Maria Bárbara faleceu solteira muitos anos depois da morte do pai (não falando nos que morreram de curta idade).

Teve fóra do matrimónio a D. Maria Amália, que não tomou estado e viveu sempre em sua companhia depois que faleceu sua tia D. Próspera; e António Pedro do Pinhal, que tem descendência.

Dos filhos legítimos só José Jerónimo, D. Maria Teresa e D. Maria Guilhermina estão sem prole.

A viúva de José Maria da Costa consergou-se nos Amados até a doença da sua morte (aí por 1868); e só então vieram residir para Vila Viçosa os filhos solteiros, ficando lá por lavrador Inácio Clemente.

JOSE MARIA LEAL

Era filho de António Joaquim da Rosa e de sua mulher D. Maria Vitória Leal, filha de Martinho José Leal e foi baptisado em São Bartolomeu a 24 de Fevereiro de 1794.

Sendo almotacé no ultimo trimestre de 1818, pediu á câmara excusa deste cargo, por ela não apoiar as suas medidas na fiscalização das lojas e tendas (L.7 dos Reg., fl. 26).

Foi primeiramente capitão de milícias na sua pátria; depois assentou praça no exército regular e por ultimo era secretário do general da 7ª divisão militar (em Estremoz) com o posto de capitão de estado maior.

Faleceu na dita vila de Estremoz já depois do ano de 1860.

Podia ter subido mais postos, se não preferira o estado maior, de certo mais cómodo, porém menos apto para acrescentamentos do que a fileira do exército activo.

JOSE MARIA SAMEIRO DO PRADO

Natural desta vila e filho de Inácio José do Prado (veja-se).

Em 1826, sendo alferes da 4ª companhia de ordenanças, emigrou para a Espanha com a divisão do brigadeiro Maggessi; e só voltou em Setembro de 1828. Por isso em 1830 foi promovido a alferes de milícias em gosto do mesmo ano teve o posto de capitão da 6ª companhia de ordenan-

ças e pouco depois transferido para capitão de uma companhia do batalhão de voluntários da nossa terra (a.6ª ou do Alandroal), posto que tinha em 1834.

Até então foi bem a sua carreira, mas dali em diante não senão espinhos.

Além da infelicidade que teve na própria administração de seu pai, que nada ou quase nada veio a deixar-lhe por sua morte, padeceu outra não menos cruel; e foi sua mulher D. Maria Joana Cordeiro e Silva (filha de José Duarte) requerer um divórcio a título de pródigo também inábil para gerir os bens que herdara de sua mãe.

Neste isolamento em que o conheci já (pois a mulher ficara com os filhos), embriagava-se com frequência e desafogava as suas máguas contra sua mulher, prégadas do Rossio junto á Rua de Três, para que ela as ouvisse na casa que habitava.

Mas isto não é tudo: fôra um dia caçar, estava dentro de uma cevideira tocando reclâme as codornizes e eis que um pastor, tomando o canto artificial pelo natural, dispara um tiro para a sua espera, cegando-o de um olho!... Por isso dizem alguns: em a roda desandando, desandou para uma vez.

Acabou os seus dias no hospital (aí por 1860), depois de ter vivido ultimamente de trabalhos mecânicos e até mendicidade.

Sua mulher também não foi feliz. Viu finarem-se-lhes tíficos algumas filhas e um filho e foi consumindo em vida o resto dos bens do casal, de sorte que morreu pobre.

Sobreviveram-lhes sómente os dois filhos mais velhos, Inácio José Sameiro do Prado e D. Maria Rosa, que vivem juntos e com decência, por que o varão dedicou-se ás artes e trabalha como carpinteiro, serralheiro e torneiro em uma oficina sua, mostrando serem pessoas nobres e bem criadas.

JOSE MARIA DA SILVEIRA E AZEVEDO

Foi eleito vereador efectivo para o quadriénio de 1880-83, depois de ter sido substituído com efectivamente por algum tempo.

Veio de Borba, sua pátria, para mordomo ou guarda-livros de Tomé de

Sousa Menezes e como durante as discórdias de 1873 e anos seguintes e coletas sem pela industria de mordomo em casa nobre, foi conseguintemente recenseado eleitor e elegível.

Assim lhe prepararam os adversários de seu ano o caminho para ir sentar-se nas cadeiras da municipalidade, sem o quererem nem pensarem.

E todavia possui muito bom senso tanto como a maioria de seus colegas.

JOSE MARIA TARANA

Vereador em 1893-95.

Calipolense, filho de Eugénio Joaquim Tarana.

JOSE MARIA TORRES

Era dos Torres da casa do Arco da Rua de Santa Luzia, e filho ilegítimo de José de Torres Ferreira Homem (veja-se), que não teve filhos legítimos, porém seu pai perfilhou-o, para que pudesse assentar praça de cadete.

Em 18 de Fevereiro de 1809 foi eleito capitão de ordenanças, posto de que já estava excusado em 1818, por ter assentado praça em Évora no Regimento de Cavalaria nº 5, mas pediu baixa no fim de algum tempo e não continuou a seguir a carreira das armas.

Foi vereador em 1812, 1816, 1818 e 1819, de pauta; e por eleição popular em 1822-23, 1836, 1840, 1843 e 1846-47.

Faleceu solteiro em 17 de Dezembro de 1850 e foi sepultado no Cemitério de São José, onde jaz em sepultura própria com o epitáfio latino composto pelo P.^a Manuel Correia, beneficiado da Capela Real.

Teve, pelo menos, três filhos naturais: André Luciano de Torres, que casou e foi escrivão do juízo de paz em Bencatel, mas não deixou descendência; D. Joana Rita de Torres, que casou com António Dias Rodão e António Joaquim de Torres que se criou em Pardais e é criado de lavou-ra.

Destes o 1.^o finou-se em vida do pai. Não sendo pois legitimados, vieram herdar a sua casa os Almendros de Lisboa, que eram seus primos; co-

mo porém não podiam habilitar-se herdeiros a não ser pela carta de perfilhação de José Maria por seu pai José de Torres (visto ele ser bastardo) e essa carta caíu nas mãos de António da Silva Paracana, compôs-se este com os Almendros em ceder-lhes a dita carta recebendo a Herdade de Cascalhais e outras vantagens para sua mulher, que tinha vários documentos com que tentar o reconhecimento de filha do defunto. Foi assim que D. Joana Rita não ficou deserdada inteiramente.

A maior riqueza de José Maria Torres vinha-lhe de ser herdeiro universal do capitalista Manuel dos Santos Rosa (veja-se); pois antes disso tinha somente a casa do Arco e a Herdade de Cascalhais, porque perdera por denúncia, a capela de Manuel Lopes almoxarife que andava na casa e houve-a para si, dessa maneira, Caetano José Alves de Arújo, com quem José Maria Torres tivera grave discórdia.

O bastardo António Joaquim de Torres, havido de uma viúva, lavradora ou caseira da Herdade da Ruivana e nascido em 1846, casou em Benca-tel no ano de 1883 com Genebra da Conceição.

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NESTE TRIGESIMO TERCEIRO FASCICULO

INES DA ASSUNÇÃO	7
D. INES DA COSTA BATISTA	7
INES FERREIRA	7
P ^a INOCENCIO DE SOUSA MIOLHA	8
ISABEL DE ANDRADE	8
D. ISABEL DE BRAGANÇA 1 ^o	9
D. ISABEL DE BRAGANÇA 2 ^o	9
ISABEL FILIPA	9
D. ISABEL DA GAMA COGOMINHA	10
ISABEL MARTINS ou FOZ FUSEIRA	10
ISABEL DE OLIVA	11
ISABEL RODRIGUES	11
ISABEL DE SANTO ANDRÉ	11
JACOME RODRIGUES	12
D. JAIME DE BRAGANÇA 1 ^o	12
D. JAIME DE BRAGANÇA 2 ^o	12
DR. JAIME DE MORAIS	12
JERONIMA SERROA	13
JERONIMO CAVADO FREIRE	13
JERONIMO DO CARVALHAL	13
JERONIMO DE CASTRO	14
Fr. JERONIMO DE CASTRO	14
JERONIMO CORREIA DE BAHVÉM	14
JERONIMO CORREIA DO CAMPO	14
JERONIMO DA COSTA DE CARVALHO	15
JERONIMO DIAS	15
JERONIMO DIAS DE ARAÚJO	16
JERONIMO DIAS GALEGO	16
JERONIMO FAVEIRO	16
JERONIMO FRANCO	16

JERÓNIMO FRANCO DE MATOS	17
JERÓNIMO DE GOUVEIA	17
JERÓNIMO GARCIA DE CASTRO	17
JERÓNIMO INFANTE DE ACHA	17
JERÓNIMO INFANTE DE ACHA CASTELO BRANCO 2º	18
Dr. JERÓNIMO INFANTE DE HOMEM DE MAGALHÃES	18
JERÓNIMO LOPES DA CUNHA	19
Dr. JERÓNIMO MANUEL DE MELO	19
JERÓNIMO DE MELO	19
JERÓNIMO DE MELO DE CASTRO	19
JERÓNIMO MOREIRA DE CARVALHO	20
JERÓNIMO PACHECO	20
JERÓNIMO RODRIGUES PEREIRA	20
JERÓNIMO ROGADO DO CARVALHAL	20
JERÓNIMO SOARES HOMEM	21
JERÓNIMO VALEJO DE MARIS 1º	22
JERÓNIMO VALEJO DE MARIS 2º	23
JERÓNIMO VALEJO DE MARIS 3º	23
JERÓNIMO DE VEGA PARRA	23
JERÓNIMO VIEIRA	23
D. JOÃO DE ALMEIDA MELO E CASTRO	24
D. JOANA DE BRAGANÇA	24
JOANA DIAS DA SILVEIRA	24
JOANA DO ESPÍRITO SANTO	25
JOANA GANÇOSA	25
JOANA SALGADA	25
JOANA MENDES DA COSTA	25
JOANA MENDES DE VASCONCELOS	26
D. JOÃO I, 6º DUQUE DE BRAGANÇA	26
D. JOÃO II, 8º DUQUE DE BRAGANÇA	26
JOÃO AFONSO DE MORAIS	26
JOÃO ALVARES MOURO	26
JOÃO DE ALVELOS	26
JOÃO ALVES DE ARAÚJO	27

JOÃO DE ANDRADE	27
JOÃO ANTONIO BIGA NUNES	27
JOÃO ANTONIO DA SILVA	28
JOÃO ANTONIO TARANA	28
JOÃO ANTUNES MOREIRA	29
JOÃO AUGUSTO DA SILVA LOBO	29
JOÃO BATISTA VIEIRA	29
JOÃO BATISTA DE MOURA	29
JOÃO DE BARROS	29
JOÃO BARROSO	30
JOÃO BERNARDO DE SEQUEIRA	30
JOÃO BORGES CERQUEIRA DE ALPOIM	30
JOÃO DE BRAGA	31
D. JOÃO DE BRAGANÇA	31
JOÃO DE BRITO PEREIRA	32
JOÃO CARRILHO DO CRATO	32
JOÃO CARVALHO	33
JOÃO DE CARVALHO NOGUEIRA	33
JOÃO CASADO DA FONSECA	33
P ^o JOÃO CAVALEIRO	33
JOÃO CORDEIRO PASSANHA	34
JOÃO CORREIA	34
JOÃO DA COSTA DE CARVALHO	35
JOÃO DO CRATO DA FONSECA	35
JOÃO DIAS PIMENTA	35
JOÃO DUARTE BARROSO	36
D. JOÃO DE EÇA	36
JOÃO FAGUNDES DE ALMEIDA	44
JOÃO FALCÃO DA GAMA	44
D. JOÃO DE FARO (E SOUSA, depois)	45
JOÃO FERNANDES	45
JOÃO FERNANDES NOBRE	46
JOÃO FERNANDES DA SILVA	46
JOÃO FERREIRA DE CAMPOS	46

JOAO FIALHO VIEIRA	46
FR. JOAO DE FIGUEIRA CASTELO BRANCO	47
FR. JOAO FOGAÇA	47
JOAO FRADESSO BELO	47
JOAO DE FRANÇA	48
JOAO FRANCISCO DE SOUSA DA CAMARA	48
P ^a JOAO FRANCO	48
JOAO FREIRE ANDRADE	48
JOAO GALEGO	49
JOAO DA GAMA DE MORAIS	49
JOAO GOMES	49
JOAO GOMES	49
JOAO GOMES DA SILVA	49
JOAO GOMES VAQUEIRO	49
JOAO GOMES VIEIRA	50
JOAO GRAMACHO DE AZEVEDO	50
JOAO GUERRA	50
JOAO GUERRA CASTANHO	51
JOAO DE GUSMAO	51
JOAO INACIO DE ALMEIDA VALEJO	51
JOAO VIEGAS CORREIA	53
JOAO BARROSO	53
D. JOAO DIOGO DE ATAIDE	53
JOAO FRZ. CORDEIRO	53
JOAO DA FONSECA	53
JOAO GOMES	54
JOAO JOSÉ DA ASCENÇÃO	54
JOAO DE LEMOS	54
JOAO LOBO DO CARVALHAL	54
JOAO LOPES DE ABREU	54
JOAO LOPES D'ARCA ou DAS ARCAS	55
JOAO LOPES NETO	55
JOAO LOPES VALADAS	55
JOAO LOURENÇO CANHÃO	55

JOÃO LOURENÇO REBELO	56
JOÃO LUIZ	56
JOÃO LUIZ DE OLIVEIRA	56
JOÃO MACHADO	57
JOÃO MARQUES	57
JOÃO MARTINS BUTRAGO	57
JOÃO MARTINS CEPA	57
JOÃO MARTINS FRANCO	57
D. JOÃO MALDONADO DE AZEVEDO DA GAMA LOBO	57
D. JOÃO DE MELO	58
JOÃO DE MELO DE CASTRO	59
JOÃO DE MELO DA SILVA LOBO	59
JOÃO MENDES CEPA	60
JOÃO MENDES LEITÃO	60
JOÃO MENDES DE MATOS	60
JOÃO MENDES MIGUENS	60
JOÃO MENDES MEXIA	60
Dr. JOANE (ou JOÃO) MENDES DE VASCONCELOS	61
JOÃO MESQUITA DA SILVA	62
JOÃO MEXIA	62
JOÃO MIGUENS GALVÃO	62
JOÃO MORENO	63
JOÃO DA MOTA DA GUARDA	63
JOÃO DA MOTA GUILHERME	63
JOÃO NEPOMUCENO DA CUNHA RIVARA	64
JOÃO FILIPE MIGUENS DE RESENDE	65
D. JOÃO DE NORONHA	65
JOÃO DE OLIVEIRA	65
JOÃO PACHECO RAVASCO	66
JOÃO PALHA DE ALMEIDA	66
JOÃO PEDRO DA COSTA FEIO	66
JOÃO PEREIRA CASTANHO	66
JOÃO PERES DE BOBADILHA	67
JOÃO PALHA DE ALMEIDA	67

JOAO PIMENTA DE CARVALHO	67
JOAO RAPOSO	67
JOAO RAIMONDO (ou REIMUNDO) DE CARVALHO	68
JOAO RIBEIRO	68
JOAO RIBEIRO DO COUTO	68
JOAO DE ROCHAS DE AZEVEDO	68
JOAO RODRIGUES	68
JOAO RODRIGUES DA COSTA	69
JOAO RODRIGUES DA COSTA	69
JOAO RODRIGUES LARA	69
JOAO RODRIGUES LEITAO	70
JOAO RODRIGUES LOBATO	70
JOAO ROIZ LOURINHO	70
JOAO RODRIGUES MEXIA	71
JOAO RODRIGUES MONTEIRO	71
JOAO RODRIGUES DE OLIVEIRA	71
JOAO RODRIGUES PEREIRA	71
JOAO RODRIGUES DO PRATO	71
JOAO RODRIGUES PROENÇA	71
JOAO RODRIGUES VARGO	72
JOAO ROIZ DA SILVA	72
JOAO ROIZ VERDELHO	73
DR. JOAO SANCHES DE BARBUDA E BAENA	73
JOAO DA SILVA	73
D. JOAO DA SILVA FERREIRA	73
JOAO DA SILVEIRA VILALOBOS	74
JOAO SILVERIO	74
JOAO SOARES DA SANTA	74
JOAO DE SOUSA DA CUNHA	74
JOAO DE SOUSA E MENESES 1º	74
JOAO DE SOUSA E MENESES 2º	75
JOAO TOME	75
JOAO DE TORRES FERREIRA	75
JOAO DE TORRES FERREIRA HOMEM	76

JOÃO DE TORRES DE SEQUEIRA 1º	77
JOÃO DE TORRES VIEIRA	77
JOÃO DE TORRES DA SILVEIRA	77
JOÃO DE TORRES DA SILVEIRA BICHOVERDE	77
JOÃO DE TOVAR CAMINHA	78
FR. JOÃO DE VALADARES LIMPO	79
JOÃO VALENTE MENDES	80
JOÃO VAZ CEPA	80
JOÃO VICENTE DA SILVA	80
JOÃO VIEGAS	81
JOÃO VIEGAS CORREIA	81
JOÃO VIEIRA	81
JOÃO VINAGRE CORDEIRO	81
DR. JOÃO XAVIER DA SILVA LOBO	82
JOAQUIM ANTÔNIO MIGUENS	82
JOAQUIM ANTÔNIO VALÉRIO	82
FR. JOAQUIM DE AZEVEDO	82
JOAQUIM CALADO DE CARVALHO	83
JOAQUIM CORDEIRO GALÃO	83
JOAQUIM CIPRIANO DOS SANTOS	84
JOAQUIM CIPRIANO DOS SANTOS	85
JOAQUIM EUGÊNIO DE LUCENA	85
JOAQUIM FALCÃO DA GAMA E SOUSA	86
JOAQUIM FELIX CARRILHO PORTUGAL	86
JOAQUIM FRANCISCO DOS SANTOS	87
JOAQUIM GOMES PEREIRA	87
JOAQUIM JOSÉ DA COSTA PIRES	87
JOAQUIM JOSÉ PITEIRA	87
JOAQUIM JOSÉ DOS SANTOS	88
JOAQUIM JOSÉ DA SILVA	88
JOAQUIM JOSÉ VERMULHE	88
JOAQUIM LUIZ FERNANDES	88
JOAQUIM PEDRO DE SOUSA DA CAMARA	89
JOAQUIM MARIA DA ROSA E SOUSA	89

D. JOAQUIM MASCARENHAS	89
JOAQUIM DA SILVA TAVARES	89
JOAQUIM DOS REIS	90
JOAQUIM DA SILVA TORRES	90
JOAQUIM DE SOUSA DA CAMARA	90
JOAQUIM DE SOUSA E MENEZES	90
JOAQUIM DE SOUSA MENESES	91
JOAQUIM URBANO DA VEIGA	91
JOAQUIM VICENTE NUNES	91
D. JOAQUIM XAVIER DA SILVA LOBO	92
JORGE DE BRITO ANDRADE	92
JORGE DE CASTRO	92
JORGE CORDEIRO	93
JORGE DA CUNHA CASTELO BRANCO	93
JORGE FRANCO	93
JORGE GODINHO	93
JORGE DA SILVA MENEZES	94
JORGE DE SOUSA MENEZES	94
JORGE VAZ BANDEIRA	94
JORGE DA VEIGA	94
JOSE ALMEIDA FRADE	94
JOSE ANASTÁCIO RAMALHO FALE	94
JOSE ANTONIO DA SILVEIRA E COUTO	95
JOSE ANTONIO DE SOUSA E MENEZES	96
JOSE ANTÓNIO DA VEIGA	97
JOSE ARCÁDIO DA SILVA	98
JOSE AUGUSTO DA SILVA PREZADO	98
JOSE BENTO LAMEIRA	98
JOSE BERNARDO DE SOUSA DA CAMARA	99
JOSE CARLOS DE MIRANDA PANASCO	99
FR. JOSE DA CONCEIÇÃO	99
JOSE CORREIA RAVASCO	99
JOSE CORREIA SAIAL	100
JOSE DA COSTA CALADO	100

JOSE DIAS	100
JOSE DUARTE CORDEIRO E SILVA	101
JOSE ELISARDO POMBEIRO	101
JOSE FALCAO DA GAMA E SOUSA	102
JOSE FERNANDES DE SANTIAGO	102
JOSE FRADESSO BELO	103
JOSE FRANCISCO SALAZAR LOBO DA PONTE	103
JOSE FRANCISCO SIMOES	104
JOSE FRANCISCO SOARES	104
JOSE GOMES PERDIGAO	105
FR. JOSE GRALHO	105
JOSE HELIODORO BRITO PERACHA	105
JOSE HONORIO DE PADUA CARDOSO	106
JOSE INACIO DAS NEVES E ANDRADE	107
JOSE INOCENCIO DE ASSA CASTELO BRANCO	107
JOSE JOAQUIM MENDES	108
JOSE JOAQUIM MIGUENS	108
JOSE JOAQUIM DE OLIVEIRA PREZADO	109
JOSE JOAQUIM DOS RAMOS LEAL	109
JOSE LEITE DE FIGUEIREDO	109
JOSE LOPES	109
JOSE LOPES DE ALMEIDA	110
JOSE LOURENÇO DA ROCHA	110
JOSE DE MACEDO PIMENTEL	111
JOSE MARIA ALVES ARAÚJO	111
JOSE MARIA DA COSTA FONSECA MEXIA	111
JOSE MARIA LEAL	115
JOSE MARIA SAMEIRO DO PRADO	115
JOSE MARIA DA SILVEIRA E AZEVEDO	116
JOSE MARIA TARANA	117
JOSE MARIA TORRES	117

IMPRESSO POR GRAFICA CALIPOLENSE

VILA VIÇOSA

TIRAGEM 1 500 EXEMPLARES

SETEMBRO 1988

MEMÓRIAS

de

VILA VIÇOSA

É uma extensa monografia e laborada no século XIX pelo Padre Joaquim José da Rocha Espanca cujo manuscrito se encontra arquivado na Biblioteca da Câmara Municipal de Vila Viçosa.

Investigação duma profundidade pouco comum, representa hoje um contributo importante para a divulgação principalmente da História e Etnografia da região.

Dada a extensão da obra cujo original é composto por cinco Tomos de quase mil páginas manuscritas cada, dividir-se-á cada Tomo em cinco volumes. Prevê-se ainda a publicação de outro trabalho do mesmo autor editado em 1894 sob o título "Estudo sobre as Antas e seus congéneres" de que foram impressos somente 200 exemplares.

